# A Literatura como Recurso Expressivo na Psicoterapia

Felipe Biasus
Fabiano Tadeu Grazioli
Organização

URI
ERECHIM

EDIFAPES

# A Literatura como Recurso Expressivo na Psicoterapia

Felipe Biasus
Fabiano Tadeu Grazioli
Organização

URI
ERECHIM

EDIFAPES

Todos os direitos reservados à EDIFAPES.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão dos autores. Os dados e a completude das referências são de inteira e única responsabilidade dos autores.

Editoração/Diagramação: Fabiano Tadeu Grazioli e Felipe Biasus
Revisão da Apresentação e das resenhas: Os autores
Revisão dos primeiros capítulos: Débora Facin
Ilustração e design da capa: Anderson Mariga

Conselho Editorial:
Adilson Luis Stankiewicz (URI / Erechim/RS) – Presidente
Arnaldo Nogaro (URI / Erechim/RS)
Cláudia Petry (UPF / Passo Fundo/RS)
Elcemina Lucia Balvedi Pagliosa (URI / Erechim/RS)
Elisabete Maria Zanin (URI /Erechim/RS)
Jadir Camargo Lemos (UFSM / Santa Maria/RS)
Maria Elaine Trevisan (UFSM / Santa Maria/RS)
Neila Tonin Agranionih (UFPR / Curitiba/PR)
Sérgio Bigolin (URI / Erechim/RS)
Yuri Tavares Rocha (USP / São Paulo/SP)

L775 A literatura como recurso expressivo na psicoterapia [recurso eletrônico] / organização Felipe Biasus, Fabiano Tadeu Grazioli. – Erechim, RS: EdiFAPES, 2025.
recurso eletrônico

ISBN 978-65-88528-89-1

Modo de acesso: http://www.uricer.edu.br/edifapes
Editora EdiFAPES (acesso em: 25 jun. 2025).

1. Psicologia humanista 2. Literatura infantil - juvenil 3. Diversidade 4. Resiliência I. Biasus, Felipe II. Grazioli, Fabiano Tadeu

C.D.U.: 159.9

Catalogação na fonte: bibliotecária Sandra Milbrath CRB 10/1278

EDIFAPES
Livraria e Editora
Av. 7 de Setembro, 1621
99.709-910 – Erechim-RS
Fone: (54) 3520-9000
www.uricer.edu.br

# A Literatura como Recurso Expressivo na Psicoterapia

Felipe Biasus
Fabiano Tadeu Grazioli
Organização

EDIFAPES
2025

# Sumário

Apresentação | Felipe Biasus
06

## Primeira parte

Literatura para a infância e psicologia: combinações possíveis em benefício da criança | Fabiano Tadeu Grazioli
10

Literatura para a infância e psicologia humanista: encontros possíveis frente aos temas fraturantes | Fabiano Tadeu Grazioli e Felipe Biasus
23

## Segunda parte

*A princesinha medrosa*: um caminho para além dos medos
Ana Clara Scheuermann Miotto
40

A separação e o desenvolvimento emocional infantil em *Lá e Aqui*
Adriana Fátima Pereira da Silva Omizzolo
43

A solidão, a angústia e o luto simbolizados em *Pedro e Lua*
Anderson Mariga
46

*Roupa de brincar*: a imaginação como ferramenta de identidade e emoção na infância
Andriéli Cristina Faccioli Giacomel
51

Segredos da consciência
Bruna da Cunha
55

Mesma nova história: uma jornada psicológica de autodescoberta e reconstrução do eu
Bruna Portella
58

Transições da vida: aceitando as experiências
Dafni de Oliveira
61

Mundo sombrio: o silêncio que mora em mim
Dulce Denize Palinski
64

Raposa: lealdade e liberdade
Eduarda Sandra Costella Debastiani
66

Entre cores e vagalumes: uma história de autodescoberta
Emily Picinin
70

Memórias traumáticas: os ecos que ecoam
Fernanda Batalha Caetano
74

Os passeios no passar da vida
Giovana Dassoler Capeletti
78

Entre o medo e a superação: *Os sete patinhos na lagoa* como recurso para trabalhar temas fraturantes na infância
Hebélia Michalski de Almeida Ferraz
81

Do cordão à imensidão: o nascimento, a família e o luto
Janaína Suszek
84

Entre risos e conexões: a psicologia do contato humano na infância
Júlia Gabriella Casagrande Bonissoni
88

Talvez você consiga: o poder de agir e transformar
Júlia Fátima Santa Catarina
91

Explorando a floresta interior: a transição da infância à adolescência
Karine Cominetti
95

A arte e a construção da identidade na esfera afro-brasileira.
Laura Diefenthaeler Brasil
98

Luto e resiliência na infância: a jornada de jacinta em *A mulher da guarda*
Laura Pegoraro Fiorini
102

O invisível está nos olhos de quem vê
Letícia Daga Rubenich
105

O guarda-chuva verde como símbolo de humanização e empatia.
Mariana Eunice Fronza
107

Luto e saudade na infância: o simbolismo afetivo em *O guarda-chuva do vovô*
Patrícia Mariana dos Santos
109

A menina da terra dos pássaros quietos
Pedro Henrique Pagliari Maggi
112

Entre monstros, emoções e pensamentos:
uma jornada de autoconhecimento em Onde vivem os monstros
Pedro Henrique Alba Melle
114

Entre sereias e fantasias: realçando a diversidade e o empoderamento infantil
Pedro Faccio Pelissa
118

A construção da identidade de gênero na infância
Thácila Ascari Pereira de Mahtos
121

Do silêncio a expressão
Valesca Mocelin Tomazelli
124

Chorar: uma expressão multiemocional
Vanessa Maria Balestrin
128

O domingo que Martim queria dar a volta ao mundo (mas ninguém pode ir com ele)
Vanessa Motter
131

Aquele lugar
Victor Hugo Della Latta
134

*Se os tubarões fossem homens*: o triunfo da lei do mais forte
Victória Laura Ferla
137

Entre penas e tulipas
Vitor Remos Giachini
141

# Apresentação

A infância, período crucial para o desenvolvimento humano, é marcada por intensas descobertas, aprendizados e, inevitavelmente, por experiências que podem gerar sofrimento. Lidar com perdas, mudanças, conflitos familiares e outras situações desafiadoras é parte integrante desse processo. Nesse contexto, a literatura infantil pode ser considerada uma ferramenta que oferece um espaço seguro e lúdico para a elaboração de emoções complexas e o fortalecimento do desenvolvimento socioemocional. Este e-book, "A Literatura como Recurso Expressivo na Psicoterapia", explora essa ferramenta, apresentando resenhas de obras selecionadas para auxiliar profissionais e familiares na jornada de desenvolvimento, compreensão e apoio às crianças.

A literatura infantil constitui-se como uma expressão autônoma, com estatuto que avaliza sua importância e a necessidade de sua fruição pelas crianças pelo fato de ser, ela, um artefato artístico. Historicamente, ela tem desempenhado um papel fundamental na transmissão de valores, crenças e experiências.

Na infância, esse papel se intensifica, uma vez que as histórias oferecem às crianças a oportunidade de se identificar com personagens, vivenciar diferentes realidades e encontrar formas de lidar com seus próprios sentimentos. As narrativas infantis, especialmente as ilustradas, criam um universo simbólico que facilita a compreensão de conceitos abstratos e a expressão de emoções que, muitas vezes, as crianças ainda não conseguem verbalizar e significar completamente.

Se entendemos que a literatura, entre tantos outros aspectos, possibilita a identificação com personagens, a elaboração e a simbolização de temas da vida e da existência humana, podemos considerá-la uma aliada, por exemplo, para o processo de desenvolvimento objetivado pela psicoterapia, que por sua vez, busca auxiliar indivíduos na superação de dificuldades emocionais e no desenvolvimento de recursos internos para lidar com os desafios da vida. Para além disso, ela favorece a atualização do jeito de ser do sujeito, quando este tem a oportunidade de explorar suas experiências e vivências de forma a ampliar sua percepção do ser e do existir.

Considera-se que a integração da literatura infantil nesse contexto terapêutico amplia as possibilidades de intervenção, oferecendo um canal de comunicação acessível e atraente para as crianças que ao se identificarem

com os personagens e suas histórias, podem projetar suas próprias experiências, externalizar seus sentimentos e encontrar novas perspectivas para suas questões e dilemas existenciais.

Neste e-book, apresentamos uma seleção de livros ilustrados que tratam de diversos assuntos que podem ser desafiadores para as crianças, tais como:

- Perdas e luto: livros que ajudam a compreender e processar a morte de entes queridos, animais de estimação ou outras perdas significativas;
- Mudanças e transições: histórias que abordam mudanças familiares (separação, divórcio, chegada de um novo irmão), mudanças de escola, mudanças de cidade e outras transições importantes na vida da criança;
- Relações familiares: obras que exploram a dinâmica familiar, os diferentes tipos de família, os conflitos e os laços afetivos;
- Relações de amizade: livros que tratam da importância da amizade, dos desafios da convivência, da resolução de conflitos e da construção de laços saudáveis;
- Medos e ansiedades: histórias que abordam medos comuns na infância, como medo do escuro, de monstros, de separação, além de questões relacionadas à ansiedade e ao estresse;
- Desenvolvimento da autoestima e da identidade: livros que auxiliam as crianças a se conhecerem melhor, a valorizarem suas qualidades e a construírem uma imagem positiva de si mesmas.

Este trabalho surge da necessidade da curricularização da extensão em cursos de graduação. Durante o desenvolvimento da disciplina de Psicologia Clínica Humanista, os alunos assistiram a duas aulas com o Professor Doutor Fabiano Tadeu Grazioli, sobre a temática da literatura e mais especificamente a literatura infantil e o livro ilustrado, que constitui um gênero especifico nos estudos da área, a fim de sensibilizar e orientar os acadêmicos para a potência da literatura no desenvolvimento humano. Nas temáticas abordadas, destaca-se a presença dos temas fraturantes na literatura contemporêna destinada às crianças, em especial, no formato dos livros ilustrados, fazendo-se presentes na linguagem verbal e na linguagem visual, com força para desencadear sentidos e desdobramentos no imaginário e na subjetividade dos leitores.

Durante a atividade, foram apresentados diversos livros de literatura infantil, de modo que cada aluno escolheu uma obra para desenvolver a atividade, ou seja, elaborar uma resenha e destacar temas sensíveis e fraturantes presentes no livro que poderiam favorecer o desenvolvimento sócio emocional dos leitores.

No que se refere à composição, o e-book está organizado em duas partes. Na primeira, são apresentados dois capítulos refentes à orientações teórico-metodológicas necessárias quando se pretende vincular a literatura infantil à atividade de psicoterapia. No primeiro capítulo, intitulado "Literatura para a infância e psicologia: combinações possíveis em benefício da criança", o Professor Fabiano Tadeu Grazioli apresenta aspectos fundamentais da literatura infantil e faz uma aproximação com a psicologia e a psicoterapia. No segundo capítulo, escrito pelo mesmo autor e por mim, cujo título é "Literatura para a infância e psicologia humanista: encontros possíveis frente aos temas fraturantes", procuramos trazer aos leitores noções importantes que possam explicar a aproximação dos chamados temas fraturantes evidenciados na literatura infantil e a psicologia humanista.

Na segunda parte, são apresentadas as resenhas das obras acolhidas pelos acadêmicos, as quais foram lidas considerando, sempre que possível, as questões que se encontram nos capítulos anteriores e que fizeram-se presentes nas orientações dos professores no contexto do projeto, bem como nas aulas do Componente Curricular (CC) de Psicologia Clínica Humanista. As resenhas são apresentadas pelos autores no formato de breves capítulos, como sinalizam a substituição das referências por títulos que acenam para o conteúdo das obras literárias, em especial para os temas fraturantes que os escritores e ilustradores abordam. Além disso, os acadêmicos, em várias oportunidades, realizam aproximações pertinentes entre o conteúdo das narrativas, considerando a linguagem visual e verbal, e tópicos importantes no contexto do referido CC, orientados pelos temas fraturantes. Cabe ressaltar que as resenhas teviram meu acompanhamento, bem como sugestões de ajustes, buscando uma melhor comunicação com o leitor interessado nos temas apresentasentados.

Este livro é um convite para explorar o universo da literatura buscando novas formas de conectar-se com o mundo interior das crianças e adolescentes e de promover o seu bem-estar emocional.

Felipe Biasus

# A Literatura como Recurso Expressivo na Psicoterapia

## Orientações teórico-metodológicas

Primeira parte

# Literatura para a infância e psicologia: combinações possíveis em benefício da crianças

**Fabiano Tadeu Grazioli**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

## Acomode-se, leitor: primeira palavras

Neste breve capítulo, sistematizamos algumas ideias sobre questões que se tornam importantes quando pensamos a literatura para a infância – nosso objeto de estudo há, pelos menos, vinte anos – a partir da sua utilização para finalidade(s) que fuja(m) àquela(s) que está(ão) na sua constituição do seu cerne. Apesar de ser colocada à disposição de tantas finalidades, a literatura e a linguagem literária encontram sua realização plena quando desvinculadas de amarras utilitaristas e pragmáticas. Isso porque, enquanto manifestação artística e cultural, a literatura – em especial as obras literárias destinadas aos pequenos – deveria ser desvinculada de finalidades práticas e apontar para a ideia de que ela, pelas suas contribuições intrínsecas e genuínas, não precisa de justificativas e pretextos que fujam à sua natureza.

Partindo desse princípio, buscamos formular algumas considerações sobre a possibilidade de a literatura para a infância ser uma aliada da psicologia nos espaços de acolhimento da criança contemporânea, seja na clínica, na escola, seja em outros campos de atuação do profissional da área a psicologia. Trata-se de uma escrita a partir das ideias apresentadas aos acadêmicos de psicologia, quando da nossa participação no componente curricular de Psicologia Humanista, com a finalidade de contribuir no projeto de curricularização de extensão universitária que deu origem a este e-book.

Assim, com muito cuidado, trouxemos, da área do conhecimento denominada Literatura Infantil e Juvenil (LIJ) algumas considerações que julgamos fundamentais, buscando esclarecer como combinar leitura literária e experiência estética com o trabalho da psicologia infantil. No decorrer do capítulo, são convidados ao diálogo pesquisadores e pesquisadoras que colaboram com os esclarecimentos que a pergunta exige, cujas obras merecem, num esforço posterior, a consulta na íntegra.

## A linguagem artística e o livro ilustrado

A partir de duas questões importantes que servem de alerta também aos acadêmicos e profissionais da área da psicologia, é possível chegar aos temas desta seção: não é sem bastante cuidado que fizemos as ponderações aqui apresentadas e mapeamos algumas noções a serem consideradas quando da combinação da LIJ e da psicologia. Não por preciosismo, mas porque, enquanto pesquisadores do tema e da sua relação com a escola e o ensino, cabe mencionar que ainda não encontramos saídas satisfatórias para aquilo que chamamos de "escolarização da literatura", conforme expressão da estudiosa Magda Soares (2011), e parece que estamos cada vez mais distantes de conseguir. Então, apesar do entusiasmo que pautou esta escrita, o receio também se fez presente, principalmente pelo fato de que o leitor desavisado possa vir a desconsiderar o segundo ponto, qual seja: assim como outras manifestações da cultura, a LIJ possui uma historicidade derivada de suas características específicas. É por isso que, se o leitor estiver atento durante esta leitura, notará que foi fundamental considerar a sua linguagem, tema abordado brevemente aqui.

O conceito de linguagem deve ser compreendido, no contexto desta escrita, a partir da sua utilização no campo das artes. Para isso, recorremos às considerações – breves, mas pontuais – da professora Aparecida Paiva (2006, p. 127), do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para quem

> [...] o termo linguagem pode ser definido como o conjunto de recursos técnicos e expressivos à disposição de um artista e por ele aperfeiçoado. Um repertório sempre renovável de signos e componentes sensoriais, empregado na realização de registros intencionais que, não obstante, trazem elementos aleatórios à intencionalidade daquele que utiliza a linguagem para transmitir idéias *(sic)* e sensações. A utilização de qualquer linguagem artística tem como resultado a realização de manifestações materiais (quadros, apresentações sinfônicas, espetáculos de dança, filmes, desenhos, textos etc.), pois nenhuma forma artística existe fora do mundo material. Daí a dialética fundamental que origina o que se costuma chamar de arte: materialidade que se projeta para algo além, a partir de sua própria existência e sem abandoná-la; e, existência que se realiza como transcendência.

Sugerimos que, ao acompanhar as reflexões, o leitor não perca de vista essas coordenadas e que considere o livro de literatura de que tratamos neste e-book um objeto estético que reúne duas linguagens artísticas diferentes: a literária (linguagem verbal, porque se realiza na e pela palavra) e a visual (linguagem não verbal, constituída pelas ilustrações e projeto gráfico, do qual fazem parte os recursos que levam o livro a se transformarem no objeto material que conhecemos). Assim, o leitor entenderá, e seguirá repetindo esse entendimento, que às vezes falta às pessoas que não estudam literatura, ou que não leem obras literárias com frequência, qual seja: de que nelas, palavras e elementos visuais não estão a serviço de uma caracterização direita (real, plausível), das pessoas, do mundo, dos acontecimentos, da vida.

Além disso, ainda na abertura, é importante destacar que o livro ilustrado compõe uma categoria específica de livros literários para crianças, diferenciando-se do livro com ilustrações. O primeiro constitui um modo singular de colocar linguagem verbal e linguagem visual em simbiose e provocação constantes no livro literário, no qual essas duas linguagens se integram de maneira muito mais amistosa do que no livro com ilustrações. De acordo com o especialista britânico Peter Hunt (2010, p. 233), é preciso lembrar que, no livro ilustrado, os elementos visuais, principalmente as ilustrações, alteram em alta proporção o modo como lemos o texto verbal. Por isso, são considerados livros ilustrados as obras literárias que exploraram a relação que se dá concomitantemente entre aquilo que a imagem mostra e aquilo que o texto expressa, considerando que "as palavras podem aumentar, contradizer, expandir, ecoar ou interpretar as imagens – e vice-versa" (Hunt, 2010, p. 234).

Esses pontos são fundamentais para alcançar o entendimento das reflexões aqui propostas, bem como o alcance estético das obras que se encontram resenhadas neste e-book. Isso porque, ao comentá-las, a partir da proposta já mencionada na "Apresentação", os autores das resenhas consideram aspectos verbais e visuais que projetam sentidos caros a cada livro em separado, ou na simbiose das duas linguagens artísticas que trabalham para compor uma terceira linguagem, que é própria do livro ilustrado. Para aprofundamento nesse tema, sugerimos a consulta das obras: *Livro ilustrado: palavras e imagens, de* Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011), e *Para ler o livro ilustrado*, de Sophie Van der Linden (2011), cujas referências se encontram no final do capítulo.

## Aprofundando o tema da conversa

A professora e pesquisadora Lígia Cademartori (2012, p. 48) discute, enfaticamente, a tendência de muitos autores contemporâneos vincularem ao universo da infância os temas de utilidade pública, "[...] postos em circulação com os melhores intuitos educativos, são endereçados aos textos de literatura infantil e colocados onde não cabem". De acordo com ela, não cabe à literatura a "[...] transmissão de antídotos a males sociais variados, seja sexismo, racismo, desigualdade social, poluição ambiental, entre outros. Tampouco lhe cabe a difusão de noções de saúde, higiene, religião, ecologia, história". Nelly Novaes Coelho (2010, p. 58), criadora precursora nos estudos da LIJ no Brasil, enfatiza a importância de se observar a literatura infantil enquanto fenômeno literário, e não como "veículo de ideias ou padrões de comportamento".

A crítica sinalizada se complexifica quando percebemos, na produção contemporânea, a recorrência de livros nos quais seus autores apresentam os temas de demanda social e psicológica de modo raso e superficial, cujos enredos se resumem a situações que remetem o leitor para experiências que, antes de serem estéticas, são exercícios, sobretudo, de piedade. Desse contexto, o que mais pesa contra a experiência literária[1] é o nível paupérrimo

[1] Ao utilizarmos a expressão "experiência" em relação à literatura, importa ressaltar que consideramos a perspectiva do pensador espanhol Jorge Larrosa (2014, p. 68), para quem: "A experiência é o que nos acontece, não o que acontece, mas o que nos acontece. Mesmo que tenha a ver com a ação, mesmo que às vezes aconteça na ação, não se faz a experiência, e sim se sofre, não é intencional, e sim do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição". E ainda: "Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir -se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar -se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria". (Larrosa, 2014, p. 32). Esse adendo, com um atalho proposital para as palavras do ensaista, é necessário devido ao uso banalizado que a publicidade e a mídia em geral têm feito da expressão em questão, desmerecendo as acepções da palavra, inclusive, pontuadas por Larrosa (2014) em outra parte do livro. O artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, apresentado como primeiro capítulo da obra "Tremores: escritos sobre experiência", aqui utilizada, pode ser consultado na internet a partir do link que apresentamos nas "Referências".

de elaboração da linguagem e de manuseio dos elementos que compõem os diferentes gêneros literários a que a criança tem acesso.

Unindo a questão pedagógica, já levantada em obras anteriores, e a abordagem dos temas de fácil adesão pela crescente demanda, tais como aqueles da área social, psicológica e ecológica, Cademartori (2012, p. 48–49) enfatiza:

> Ou o texto é pragmático ou é literário. Ou é doutrinário ou é estético. Uma coisa e também outra não consegue ser. Livros em que predominam intenções ideológicas ou pedagógicas, e que têm por objetivo primordial transmitir informações de ordem prática, não privilegiam a fantasia nem a aventura individual do leitor com os sentidos múltiplos que um texto literário é capaz de suscitar. Se prevalecer o intuito de pregação, o texto fica impedido de, ao mesmo tempo, ampliar e matizar seus efeitos de sentido.

O que faz com que Cademartori (2012, p. 48–49) assim se expresse é a necessidade de se reforçar constantemente, sobretudo no Brasil, que é indispensável desvincular "[...] do objeto literário e das práticas de leitura o caráter autoritário, pragmático e doutrinário que, a todo custo, ameaça a fantasia, a aventura individual, os múltiplos significados próprios do texto literário, bem como a ampliação e a apreensão gradual dos efeitos de sentido da escrita literária" (Grazioli, 2021, p. 220). Isso porque a associção entre a literatura e uma função pedagógica do texto ganha ênfase a partir dos anos 1980, quando, na abertura democrática, a escola brasileira viu nesse "material de leitura" uma estratégia para recuperação da alta taxa de analfabetismo daquele período. A tarefa nobre, porém, fez parecer que o texto literário tem como função subsidiar a educação formal, pois sua utilidade imediata foi ensinar leitura e escrita, na contramão daquilo que, Cademartori ([1986] 2006, p. 18), a exemplo de outras pesquisadoras e pesquisadores, já orientava desde aquele período: "Sua natureza literária já o coloca além dos objetivos pedagógicos comprometidos com a legitimação das instituições, costumes e crenças que a geração adulta quer legar à infantil".

Assim, estabelece-se uma instância bastante discutida nos estudos da LIJ e da mediação de leitura, qual seja: o uso dos textos ou obras que possuem características literárias e que são vinculadas ao ensino, desperdiçando o seu potencial estético, expressivo e criativo. A ideia de que o texto destinado à infância deve estar a serviço de atender a algo que não sejam as necessidades genuínas da criança (como a fantasia, a elaboração

das vivências, o alimento criativo, entre outras) se complexifica com o aparecimento de obras destinadas a esse público que, afeitas à ideia do didatismo e ao imediatismo, constituem-se nos materiais paradidáticos.

Essa classificação, que buscamos fundamentar no estudo de Roxane Rojo (2006, p. 97), orienta-se pela ideia de que os livros paradidáticos ou paraescolares surgiram para aprofundar "[...] os conteúdos específicos do currículo de uma disciplina, seja por meio de uma utilização individual em casa, seja por meio de uma utilização orientada pelo professor, na escola, como ocorre no Brasil [...]". Seu surgimento visava atender à finalidade antes mencionada, e não há nenhum equívoco nisso. Contudo, num país onde nem todos os professores, coordenadores pedagógicos, diretores escolares e afins têm condições de distinguir entre esse e o livro literário, o material paradidático foi sendo recebido, vendido e lido como literatura. E o mais grave: um número cada vez mais crescente de autores e autoras dizem que, ao escreverem tais livros, estão produzindo literatura infantil para a criança.

Fato é que, distanciados da literatura (e de seus recursos artísticos e criativos), são livros para crianças que avançam na classificação conhecida como material (livro) didático, mas estacionam numa categoria seguinte, ficando ainda muito aquém do livro literário. A lógica desses impressos é oferecer aos pequenos o suporte (o objeto material) que simula o livro de literatura (no formato, no tamanho, muitas vezes, no papel, na gramatura da capa, nas cores, bem como em algum detalhe das ilustrações) para realizar a transmissão de conhecimentos cotidianos, ou, ainda, para reforçá-los em relação ao livro didático. O texto verbal, nesses materiais, utiliza a linguagem didática e, não raras vezes, os apelos à criança são realizados de maneira infantilizada, desmerecendo a inteligência, a capacidade de entendimento e a sensibilidade da criança. Contudo, se tais materiais proliferaram de modo assustador na virada do século XX para o XXI e continuam a fazer grande sucesso, não é pela aderência das crianças, mas por outro fator: quem os adquire são as famílias, algumas escolas e secretarias de educação que não observam questões caras a esse e-book, como a qualidade artística e importância das experiências estéticas na infância.

A ideia de que mais importante do que ler qualquer coisa é sempre melhor do que não ler, parece reconfortante num país com tantas

fragilidades relacionadas à leitura[2], mas o problema é que ela esconde uma série de outras questões, que se complexificam à medida que vamos adiando seu debate e seu enfrentamento. Questões que um dia precisarão ser discutidas com a mesma precisão e pontualidade com que Cademartori (2012, p. 48) nos explica a diferença entre os textos literários e os outros tipos de texto. Dentre essas questões, está a qualidade dos livros oferecidos à criança e a relação desse material com o incentivo à leitura. E não fiquemos perplexos e desmerecidos se, em médio prazo, os especialistas afirmarem que teria sido melhor que, ao invés de ter-se oferecido tanto livro de má qualidade às crianças (nos moldes desse material paradidático, dos "livrinhos" educativos, bem intencionados ao bolso e ao ego dos seus criadores), teria sido melhor investir em obras de maior qualidade. Quem trabalha em frentes nas quais é necessário debater constantemente que livros e quais textos têm potencial de encaminhar crianças e pré-adolescentes para aquilo que temos chamado de "formação de leitores" já percebeu que não é a quantidade de materiais à disposição desse público que garante a permanência dos leitores nesse caminho. Uma permanência que, aliás, é de toda uma existência, haja vista os estudos sobre letramento literário desenvolvidos pelo pesquisador Rildo Cosson (2021).

De um contexto maior, qual seja, o conjunto de livros paradidáticos, faço uma observação sobre os livros para criança cujos temas são os assuntos complexos, de demanda da área da psicologia, e que viraram, há pelo menos dez anos, uma febre entre algumas editoras. São dezenas de coleções para realizar a "terapia infantil" ou ter aquela "conversa difícil" com as crianças e que se constituem como um material que, enquanto experiência com a linguagem, é lastimosa para usar um eufemismo. Deve-se considerar – e a psicologia também nos orienta nessa coordenada – que a própria linguagem já é, em si mesma, uma expressão da temática, um modo de materializá-la, de expressá-la, de comunicá-la; assim como que, em textos literários, o jogo entre o que se comunica e o como se comunica é um dos recursos mais importantes. Disso nasce, em muitos casos, a riqueza de uma obra, o seu potencial estético e criativo, aquilo que vai envolver o leitor e satisfazer sua imaginação, sua criatividade e sua inteligência; no caso dos temas em questão, ressoar de modo significativo na subjetividade da criança.

[2] Como podemos verificar na última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (RLB), realizada, desde a segunda edição (2007), sob coordenação do Instituto Pró-Livro (IPL). As referências e o link para os dados tabulados da edição de 2024 estão no fechamento do capítulo.

Frente a essa questão, podemos deduzir que livros escritos para finalidades tão pragmáticas, como explicar à criança como proceder *Quando seus pais se separam*, *Quando seus avós morrem*, *Quando seu cãozinho morre*, ou então que *Você é único!*, (esses em itálico são os títulos!), terão grandes chances de prestar um desserviço ao incentivo à leitura. Além do prejuízo à literatura e ao próprio entendimento da complexidade desses temas – que, ao serem abordados, continuam tão superficiais e didáticos quanto o título. É por isso que as palavras de Cademartori (2012, p, 48–49), transcritas anteriormente, são tão cirúrgicas, pois elas querem fazer compreender que textos dessa natureza constituem outro tipo de livro, uma espécie de livro para crianças, uma categoria de autoajuda infantil, não a verdadeira autoajuda que a literatura e a leitura literária podem oferecer. E a principal crítica, trazendo para o campo da psicologia, é o fato de essas escritas oferecerem o acompanhamento superficial (para usar um eufemismo) daquilo que, durante a infância, merece nossa total atenção: a subjetividade e a emoção das crianças.

É nesse sentido que o que deve ser oferecido às crianças é o texto literário que se debruça sobre os temas fraturantes (abordados no próximo capítulo), com recursos verbais e visuais próprios desse objeto artístico que, pela sua natureza estética, abraça qualquer tema, alcançando o mundo psíquico e subjetivo de leitores e leitoras. Os temas fraturantes devem ser assumidos com a mesma bravura e seriedade que os adultos os assumem no seu tratamento psicológico, no enfrentamento de seus traumas e na busca da saúde emocional. Por que destinar à criança menos importância na abordagem de suas vivências difíceis, utilizando linguagem infantilizada e narrativas superficiais, desviando–as do entendimento de seus sentimentos e emoções?

Por essas questões, sinalizadas aqui de modo breve, a orientação que fica sublinhada e que agora registramos de modo explícito é de que, se recorremos ao livro, que seja ao livro literário e que busquemos na linguagem (verbal e visual) os recursos capazes de conduzir o trânsito pelos temas antes sinalizados. A literatura, pelo que já dissemos dela, tem a capacidade de tocar nessas feridas com propriedade, com o recurso mais importante que há no tratamento: a linguagem. Além disso, não podemos deixar de visualizar a presença do Outro, que pode ser entendido como a presença de dois Outros, ou três. O autor – que no livro ilustrado é uma dupla função: a autoria do texto verbal e do não verbal – e o mediador, quando for o caso da

leitura mediada, realizada pelo psicólogo ou psicopedagogo no espaço clínico ou escolar.

É importante ressaltar que não será fugindo da abordagem literária – potente por natureza e que já traz no cerne da sua concepção a possibilidade de contribuir enfaticamente com as questões fundamentais acerca da infância, inclusive com as de ordem psicológica – que vamos favorecer a criança e o seu crescimento. Por isso, se é para oferecer um texto que não o literário, usemos outros recursos, mas não iludamos as crianças surrupiando delas o direito de se aproximar de textos verdadeiramente capazes de fazê-las entender melhor quem são, o que sentem e como o mundo contemporâneo incide nas suas emoções e pensamentos[3]. Cabe ressaltar que essa possibilidade é visualizada desde os primeiros estudos sobre a LIJ sistematizados no Brasil. Para citar um exemplo: a professora Lúcia Pimentel Goés ([1984] 2010), ainda na primeira edição de *Introdução à literatura infantil e juvenil*, ao mencionar as contribuições da literatura para a criança, lista aspectos importantes, tais como: a emancipação do leitor no que diz respeito à formação de opinião a partir de uma compreensão do mundo que é construída pelo leitor, aspectos no plano da cultura, no plano da linguagem, no plano racional, bem como valores artísticos, estéticos e *psicológicos* (Goés, [1984] 2010, p. 46-48). No último quesito, a pesquisadora destaca que o texto literário incide num benefício relacionado à psicologia da criança, porque leva à compreensão de si mesma. Ora, não é esse o ponto de partida e também o de chegada do trabalho que a psicologia (percebida de modo geral) realiza com o indivíduo, seja na infância, seja em outros períodos da existência?

No artigo "*Leila*, de Tino Freitas e Thais Beltrame: abuso sexual na infância e o diálogo com pressupostos teóricos da literatura infantil", de nossa autoria, investigamos como diversos estudos da LIJ, mesmo não abordando diretamente o tema da obra *Leila*, "[...] deixam a margem necessária para que a literatura pensada para a criança inclua, no bojo de suas discussões, a temática do abuso sexual [e da complexidade dos temas fraturantes, abordados no próximo capítulo], à medida que eles depõem a favor da construção de um artefato artístico capaz de levar o leitor ao conhecimento de si mesmo e do Outro" (Grazioli, 2020, p. 242). Sugerimos

[3] O último ponto, obviamente, uma questão-chave que faz parte da metalinguagem da psicologia e da clínica infantil, e não uma pergunta verbalizada aos pequenos em relação às suas emoções e sentimentos.

a leitura do estudo, cuja referência completa e link de acesso se encontram nas “Referências”.

O texto literário, se levado ao contexto da psicologia e suas demandas, conforme situamos neste capítulo, continua tendo como referência a linguagem e a experiência estética, que devem ser aproveitadas junto à criança. Nesse caso, não o usamos como pretexto, discussão que a pesquisadora Marisa Lajolo (1982) tão bem conduziu ainda na década de 1980, no ensaio “O texto não é pretexto”, atualizada em publicação de 2009, ao trazer às próprias discussões nuances contemporâneas sobre a dimensão coletiva da leitura e da escrita. No ensaio mais recente, Lajolo (2009, p. 108) investe na discussão da coletividade que atravessa a atividade de leitura e escrita, porque compreende que é “nela que se abrigam as diferentes leituras que um texto recebe ao longo de sua história, da história de seu autor e da história de seus leitores”. Sua aposta não é mais na individualidade creditada à leitura e na autonomia do texto (destacados na publicação anterior). Lajolo (2009, p. 104) destaca que, na materialidade do texto literário, inscrevem-se elementos de fora dele e que leitor e autor não constituem individualidades puras, porque “são atravessados por todos os lados pela história: pela história coletiva que cada um vive no momento respectivo da leitura e da escrita, e pela história individual de cada um; é na intersecção destas histórias, aliás, que se plasma a função autor e leitor”. Se observada com atenção, essa afirmação agrega muito às questões sobre a colaboração entre literatura infantil e psicologia na infância que apresentamos nesta escrita. Só pela escolha do verbo “plasmar”, a ensaista sinaliza que leitura e escrita são atividades que se constituem na troca, numa composição em que autor e leitor realizam permutas efetivas, avalizadas pela linguagem e pelos contextos nos quais se encontram esses sujeitos.

Assim, podemos registrar a seguinte orientação: a literatura para a infância pode receber algum direcionamento, qual seja: como um recurso expressivo dentro de um contexto que envolve o acolhimento e o acompanhamento psicológico, desde que a natureza do texto literário e a experiência estética sejam preservadas. E, ainda, aconselha-se veementemente que, nesse percurso, o leitor seja convidado a perceber, a percorrer, a compartilhar com o mediador, sendo uma via de mão dupla, em que pese mais o encontro da criança com o texto e suas nuances; afinal, como disse Lajolo (2009, p. 104) anteriormente, ler é colaboração entre o leitor e o autor. O adulto mediador é fundamental, mas, dessas três figuras (leitor, autor e mediador), ele é coadjuvante, pois trabalha quase nos

bastidores. Porém, está em suas mãos a oferta da literatura infantil como um recurso estético e criativo que só vai favorecer a criança, seu desenvolvimento e o entendimento de suas condições emocionais, se for observada enquanto fenômeno da linguagem, isto é, um acontecimento da linguagem verbal e visual, como no caso dos livros literários comentados neste e-ebook.

## O arremate da conversa

Nossa principal ideia ao escrever estas páginas é explicar aos leitores e leitoras como os estudos da LIJ (a partir de referências das quais partilho e das quais me utilizo no trabalho docente) percebem o entrelaçamento da literatura e da psicologia, para que, também neste espaço de pesquisa e produção do conhecimento acadêmico, se possa reafirmar a importância da escrita estética destinada aos pequenos e do seu potencial. A finalidade que aqui visualizamos faz parte dessa linguagem artística desde o seu surgimento: levar a criança ao entendimento de si mesma, do seu mundo interior, de suas vivências complexas e das diversas emoções que o desenho do mundo contemporâneo a faculta experimentar, porque a literatura acolhe esses temas e os aproveita como material, por meio da linguagem verbal e da visual.

Por fim, num desdobramento do que mencionamos na abertura, ao entender que todo texto literário possui um tema, esse pode dizer algo mais próximo ou familiar ao mundo imediato da criança. Dessa maneira, a temática da obra literária pode encontrar alguma aceitação ou interesse maior e tal aproximação pode vir a desencadear o diálogo íntimo e intenso tão necessário na leitura literária. Assim, a tarefa do psicólogo-mediador passa a ser, antes de tudo, acreditar que esse tema pode ser compreendido em amplitude e profundidade, à medida que a criança entender e adentrar nos sentidos do texto literário (linguagem verbal) e da visualidade da obra (linguagem não verbal), bem como na interseção desses dois elementos, quando no caso da categoria conhecida como livro ilustrado, apresentado brevemente na segunda seção.

Entendemos que, ao psicólogo-mediador cabe, também, acreditar que a obra, sua estrutura, sua construção e sua potência estética possuem competência de desencadear uma das funções que já está no trabalho da arte desde sua origem: a de ampliar nossa capacidade de compreensão,

seja de nós mesmos (ponto repetido neste capítulo propositalmente), seja do mundo, seja da nossa relação com ele, com seus eventos (muitas vezes traumáticos) e com as outras pessoas com as quais nos relacionamos. Na esteira desse pensamento, as palavras de Rildo Cosson (2021, p. 17) no fechamento da escrita convidam a uma última reflexão: "A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade". E isso vale para o psicólogo, para o mediador e para a criança leitora.

## Referências


BONDÍA, Larrosa Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, *[S. l.]* n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003. Acesso em: 7 fev. 2025.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. Discussões necessárias acerca da literatura para a infância: função pedagógica e/ou utilitário-pedagógica versus função poética. **Revista Textura**, *[S. l.],* v. 23, n. 56, p. 215–234, out./dez. 2021. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/6013/4217. Acesso em: 29 jan. 2025.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. *Leila*, de Tino Freitas e Thais Beltrame: abuso sexual na infância e o diálogo com pressupostos teóricos da literatura infantil. **Revista Desenredo**, *[S. l.]*, v. 16, n. 2, p. 242–260, maio/ago. 2020. Disponível em: https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/10140. Acesso em: 31 jan. 2025.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: IPL, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 1 fev. 2025.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. *In*: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 51-62.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? *In*: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia Maria Kuchenbecker. **Escola e leitura**: velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução João Wanderley Geraldi e Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PAIVA, Aparecida. Alfabetização e leitura literária. *In*: CARVALHO, Maria Angélica de; MENDONÇA, Rosa Helena. **Práticas de leitura e escrita**. (Org.). Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. p. 126-130.

ROJO, Roxane. Livros em sala de aula: modos de usar. *In*: CARVALHO, Maria Angélica de; MENDONÇA, Rosa Helena. **Práticas de leitura e escrita**. (Org.). Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. p. 96-101.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-48.

# Literatura para a infância e psicologia humanista: encontros possívreis frente aos temas fraturantes

**Fabiano Tadeu Grazioli**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)

**Felipe Biasus**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)

## Palavras introdutórias

Neste capítulo, tratamos dos enlaces entre a literatura para a infância e a Psicologia Humanista frente aos temas fraturantes, os quais têm comparecido seguidamente às obras literárias endereçadas ao público infantil e juvenil na produção contemporânea. O interesse pela escolha e pela aproximação dessas duas áreas do conhecimento se deu quando da proposta de curricularização da extensão desenvolvida no componente curricular de Psicologia Clínica Humanista ministrado no sexto nível do curso de Psicologia da URI, Campus de Erechim, conforme detalhado na "Apresentação".

Agora, procuramos aproximar, a partir de reflexões teóricas, as duas áreas do conhecimento que o projeto e o presente e-book acreditam que, em diálogo, representam uma parceria importante ante as demandas da infância contemporânea. A organização deste capítulo inicia com algumas considerações sobre os temas fraturantes buscando trazer respostas a questionamentos tais como: temáticas fraturantes: que conceito é esse? Quais seriam essas temáticas? Como abordá-las em contextos de acolhimento psicológico? Há temáticas inapropriadas ao público infantil e juvenil? Que autores(as) e obras se sobressaem no mercado editorial, considerando o investimento do mercado nesses temas, muitas vezes sem levar em consideração outros aspectos que não seja a sua exploração (econômica), renegando a qualidade literária?

Assim, em busca de respostas para essas questões, arrolamos informações de pesquisadores e pesquisadoras que têm se dedicado ao tema, bem como considerações que implicam possíveis abordagens

pensando no conhecimento do psicólogo e do psicopedagogo, e na sua prática clínica nos diversos espaços de sua atuação, quando ela for pensada a partir da literatura destinada ao leitor criança e adolescente. Em seguida, ampliamos a discussão em direção à aproximação da literatura e da Psicologia Humanista, tendo em vista estudos e pesquisas que ajudam a compreender em que medida as duas áreas dialogam e quais são os pontos de contato que podem orientar o trabalho dos interessados no tema.

## A linguagem artística e o livro ilustrado

Ao procurar entender em que consiste o conceito de temas fraturantes, podemos partir das considerações de Marisa Martins Gama-Khalil e Lilian Alves Borges (2022, p. 12), segundo as quais os acontecimentos fraturantes são "aqueles que desestabilizam o sujeito, incitando nele o medo e/ou a angústia e/ou o pavor e/ou a ansiedade e outros sentimentos relacionados ao trauma". No estudo "Literatura infantil e temas difíceis: mediação e recepção", Lúcia Maria Barros e Fernando Azevedo (2019), os pesquisadores portugueses, analisam a presença de temas fraturantes (ou difíceis, ou sensíveis, como também são nomeados) na literatura infantil de Portugal. Ao apresentarem as tendências contemporâneas, os autores focalizam o que consideram temas emergentes e as suas formas de tratamento, tencionando que sejam tratados com seriedade. Nesse estudo, o enfoque recai em obras sobre a guerra, a morte e o *bullying*.

Regina Michelli e Renata Corrêa Anná (2022, p. 105) ajudam a listar outros temas considerados fraturantes: "No escopo da literatura potencialmente destinada a crianças e jovens, convencionou-se denominar de temas fraturantes ou tabus, as temáticas que envolvam a morte, o luto, a perda, a dor, a violência, a guerra, *bullying*, questões de gênero, suicídio, preconceitos". O último tema mencionado, assim como o *bullying*, quando observados com atenção, desdobram-se em outros temas fraturantes, ainda considerados tabus quanto à sua aceitação enquanto temática na literatura infantil brasileira, principalmente quando pensada a partir da sua circulação dos livros em espaços de leitura, tais como as escolas e as bibliotecas. Isso porque esses temas, quando observados com o mínimo de criticidade, exigem outra pergunta, qual seja: o que gera o preconceito e o *bullying* na sociedade contemporânea? No panorama de respostas, populam questões que as sociedades conservadoras e de vieses autoritários procuram

escamotear da produção artística e literária, bem como do debate público, como a identidade de gênero, diversidade sexual e a violência sexual. Rosemar Eurico Coenga e Fabiano Tadeu Grazioli (2023, p. 217), tratando dessa temática, destacam a mesma ideia: "[...] a identidade de gênero e as questões relacionadas à sexualidade estão na esteira dos temas fraturantes, porque envolvem tabus, geram e alimentam preconceitos na infância e na adolescência, bem como são motivo para crianças e adolescentes sofrerem *bullying*".

Lúcia Facco (2009, p. 335), à medida que também se interessa pela questão da diversidade, vê na literatura um espaço fundamental para sedimentar uma educação das diferenças. Essa característica, afirmamos, ultrapassa os espaços escolares comumente ligados à leitura e chega a qualquer lugar onde as obras literárias forem lidas e respeitadas na sua essência. Assim, a educação literária, colocada em evidência no capítulo anterior, mostra-se alinhada não só às demandas em questão, mas a todos os temas fraturantes, como podemos perceber nas palavras da autora:

> Caberá então a educadores/as [bem como a psicólogos(as) psicopedagogos(as), entre outros] a tarefa de selecionar textos de qualidade literária, ou seja, que cumpram a função de provocar reflexões, ao invés de serem textos de simples entretenimento, dos quais nos esquecemos alguns minutos após fecharmos suas páginas – textos que tenham a capacidade de "arejar" o imaginário social, trazendo à luz toda a imensa gama de pensamentos, ideias e comportamentos, ensinando às crianças e aos jovens a "serem cidadãos críticos ao invés de comportados". (Facco, 2009, p. 336).

Abordar temas fraturantes em espaços de acolhimento psicológico e, a partir de obras literárias, em especial do livro ilustrado, contribui significativamente na construção de um tempo-espaço plural para a vivência, reflexão, troca de experiências e, também, de um tipo de conhecimento distinto daquele oferecido pela educação formal. Tal conhecimento, cada vez mais distante dos produtos midiáticos e tecnológicos (empenhados em oferecer o entretenimento mencionado anteriormente), parece bastante apropriado aos espaços de alcance da psicologia na contemporaneidade. Marina Colasanti (2004, p. 188) tratou desse conhecimento nas seguintes palavras:

> A literatura nada mais é, afinal, do que um longo, um interminável discurso sobre a vida, um artifício em que, através de narrativas, os seres humanos elaboram suas paixões, suas angústias, seus medos, e se aproximam do grande enigma do ser. Lendo, aprendemos não só colocar em palavras os nossos próprios sentimentos, como graças a representações simbólicas, aprendemos a vida.

Além disso, os movimentos narrativos que os personagens realizam a partir das situações traumáticas são noções importantes que apontam para maneiras que, na vida, leitoras e leitores de todas as idades lidam com as situações sensíveis. Mesmo sabendo que o texto literário não serve para ser imitado (do ponto de vista pragmático), nem representa uma transposição imediata e real da vida cotidiana, ele pode *simbolizar* o percurso subjetivo e interior que Marisa Martins Gama-Khalil, Lilian Alves Borges e Andréia de Oliveira-Iguma (2022, p. 8) destacam:

> As personagens [das obras que abordam temas fraturantes] vivem um embate com situações traumáticas – como a morte, o suicídio, o preconceito, dentre muitos outros – e as enfrentam por meio de imersões em seu eu, a partir do "espiar para dentro". Essa mirada interna não se concretiza como uma fuga, porém como uma reelaboração de si, de sua subjetividade [...].

As obras resenhadas nos capítulos seguintes, em muitos casos, apresentam esse movimento à medida que focalizam as personagens imersas em sua subjetividade, realizando a mirada interna mencionada pelas autoras. Notamos facilmente que as personagens se encontram naquilo que podemos chamar de momentos de crise, como também pode ser o contexto da criança, no tempo-espaço do acolhimento psicológico. Nesse sentido, encontramos um ponto de diálogo importante com as investigações da antropóloga francesa Michèle Petit sobre o poder reparador da leitura e da literatura, do qual passamos a tratar.

## Leitura, literatura e reparação

Ao longo do seu trabalho, que não pode ser resumido a este apontamento (porque é amplo e complexo e precisa ser conhecido em profundidade, por uma questão de responsabilidade e ética em pesquisa acadêmica – o que significa que é necessário que você, leitor, procure conhecer a abordagem nas suas fontes bibliográficas), a autora utiliza

métodos da pesquisa em antropologia (etnografia), que consiste basicamente em conversar com as pessoas e recolher seus relatos. Contudo, ao se interessar por pessoas em outras situações de marginalização, como refúgio, deslocamento populacional, guerras, situações de violência, recessões econômicas, em países como a França, a Colômbia e a Argentina, Petit (2009, 2013, 2024 e em outras publicações) coloca em perspectiva a relação desses sujeitos com a leitura, em especial da literatura, bem como a experiência estética em geral, encontrada em outras manifestações culturais e outras linguagens artísticas.

De modo bastante resumido, podemos dizer que a pesquisadora, no seu trabalho, ao longo de mais de vinte anos, dá importância à literatura e à experiência estética em tempos e espaços não escolares. Por isso, as bibliotecas (não escolares) são espaços fundamentais no contexto de seus estudos, assim como o trabalho dos mediadores de leitura que ali se encontram. Nas suas análises, ou seja, ao interpretar os relatos, ela utiliza, entre outros recursos teóricos, elementos da história da leitura e do campo da psicanálise, sendo esses bastante recorrentes, principalmente quando a pesquisadora trata de temas complexos associados à necessidade ou à possibilidade de a leitura, em especial de textos literários, bem como a experiência estética em geral, terem se tornado recursos importantes quando da reconstrução do mundo interior (da subjetividade), da reparação subjetiva em momento de crise, tais como perdas, lutos e traumas causados por contextos sociais adversos. É por isso que acreditamos ser possível propor um diálogo entre as considerações de Petit e a aproximação que realizamos neste capítulo, isto é: a literatura e a psicologia pelo viés dos temas fraturantes que os livros ilustrados contemporâneos apresentam.

Nesse esforço, precisamos observar como a pesquisadora percebe a experiência estética a partir do encontro com o livro de literatura. Cabe pontuar que ele pode ocorrer de diversas maneiras, mas, no que tange aos contextos investigados por Petit (2009, p. 174), enfatizamos:

> Elementos múltiplos, vimos, contribuem para uma reconstrução de si: pode ser uma voz que é encontrada em um livro, e com ela uma presença, um ritmo que sustenta e embala; ou então um espaço que se abre, um horizonte; ou ainda a possibilidade de dar-se uma figuração, uma encenação distanciada do que se viveu, que relança o pensamento, a narração interior, e em certas ocasiões a conversa; às vezes, o que se encontra é uma vitalidade, ou um alimento que nutre, ou um olhar bem-intencionado que remete uma imagem unificada e valorizada de si mesmo etc

Notemos que a leitura literária, percebida a partir das palavras da autora, encontra-se num âmbito muito maior do que o da obrigação cultural, qual seja, aquela ideia de que o livro de literatura, bem como as demais manifestações culturais são importantes porque cumprem uma obrigação do sujeito com a cultura e a civilidade de seu país ou das classes (grupos econômicos e/ou culturais) que a "cultivam" e a "distribuem", problema que enfrentamos no Brasil em nível de sistema de ensino. O sentido percebido pela autora encontra dimensões caras à proposta de extensão curricular que originou este e-book, como a possibilidade de a experiência da leitura literária oferecer uma dimensão reparadora quando acolhida nos espaços de atuação da psicologia. Isso porque, dito de maneira simples, psicólogos e psicopedagogos, a partir da oferta do texto literário, podem levar à criança em processo de atendimento a encontrar dimensão semelhante.

Na obra *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, Michèle Petit (2013) dedica um capítulo ao tema específico que se inscreve desde o título, qual seja: "A leitura reparadora". Nele, a autora analisa relatos de profissionais de diversos segmentos que estiveram em contato com pessoas hospitalizadas, inclusive crianças, bem como relatos de escritores que, durante enfermidades difíceis, encontraram na leitura o suporte e a condição de (alguma) reparação. A autora enfatiza o destaque que os relatos dão ao fato de o adoecimento físico e a hospitalização influenciarem a subjetividade, modificando a visão de que a pessoa tem de si, tornando a dimensão psicológica fundamental no contexto da recuperação, ponto que não é, exatamente, uma novidade. Contudo, Petit (2014) desenvolve ideias que nos interessam, pois concentra-se em casos em que a leitura, em especial a literária, trouxe outros significados aos enfermos, porque a partir dela foi possível oferecer alguma *reparação* ao seu estado interior, tão ou mais importante que a saúde física.

Do contexto brevemente explicado, Petit (2013, p. 66-67) enfatiza que:

> [...] a leitura pode ser um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, íntimo, privado. Como prolongamento desse aspecto, a leitura pode ser um recurso para dar sentido à experiência de alguém, para dar voz às suas esperanças, às suas desventuras, a seus desejos; a leitura pode também ser um auxiliar decisivo para que se recupere, encontre a força necessária para sair de algo; e, finalmente outro elemento fundamental, a leitura é uma abertura para o outro, pode ser o suporte para os intercâmbios.

Enquanto espaço e recurso, notamos que a leitura pode vir a ser o suporte para intercâmbios, isto é, para ensaiar mudanças, sem, no entanto, deprezar o trabalho interior, de ordem psíquica, bem como a autora destaca:

> O que está em jogo a partir da leitura é a conquista ou a reconquista de uma posição de indivíduo. Pois os leitores são ativos, se apropriam do que leem, dão outros significados aos textos lidos, deslizam os seus desejos, suas fantasias e suas angústias entre as linhas, desenvolvem toda uma atividade mental. Na leitura há algo mais do que o prazer, algo que é da ordem do *trabalho psíquico*, no mesmo sentido de que falamos de um trabalho de luto, trabalho de sonho ou trabalho da escrita. Um trabalho psíquico que permite encontrar um vínculo com aquilo que nos constitui, que nos dá lugar, que nos dá vida. (Petit, 2013, p. 68, grifo da autora).

E, ainda, visto a patir do contexto em que Petit (2013, p. 79) elaborou o capítulo em questão, o livro, em especial o literário:

> [...] permite recuperar o sentimento da própria continuidade e a capacidade de estabelecer laços com o mundo. Também é um depositário de energia e, como tal, podem nos dar força para passarmos a outra coisa, para irmos a outro lugar, para sairmos da imobilidade. [...] O livro se oferece como uma tela, permite dizer emoções e angústias, colocá-las à distância, atenuar um pouco os medos.

A importância do livro de literatura e a sua leitura no espaço da recuperação de saúde física e psíquica têm relação com a produção de sentido que ele permite realizar nesse contexto (a ideia da tela, mencionada pela autora). No caso dos enfermos em espaço de hospitalização, podemos dizer que o livro literário e sua leitura permitem negociar os significados das fragilidades desses momentos e encontrar, por meio da literatura, maneiras de simbolizar questões que escapam ao sentido imediato, isto é, à aceitação, à compreensão direta. Isso porque, pelo "[...] simples fato de estar ordenada, de ser relatada, uma situação de passividade, de impotência é transformada em ação pelo escritor. É um pouco como se o leitor, por sua vez, se tornasse o narrador do que ele vive". (Petit, 2013, p. 78). E isso não é pouco e não pode ser desmerecido, sublinhamos.

Nessas circunstâncias,

> A leitura pode ser, em qualquer idade, um recurso privilegiado para elaborar ou manter com um espaço próprio, um espaço íntimo, privado [...] mesmo em contextos onde não entrevê nenhuma possibilidade de se dispor de um espaço pessoal. A leitura é uma via de acesso privilegiada a esse território íntimo que ajuda para elaborar ou manter o sentimento de individualidade, ao qual se liga a capacidade de resistir às adversidades. (Petit, 2023, p. 67).

Além disso, as considerações de Petit (2013, p. 65) alcançam as temáticas fraturantes à medida que a autora sinaliza outras fases da vida em que é possível ou necessário nos reconstruir, como o luto, depressão, crises psíquicas de diversas ordens, "[...] todas essas coisas que afetam negativamente a representação que temos de nós mesmos e o sentido a nossa vida".

Numa de suas publicações recentes, *Somos todos animais poéticos: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise*, Petit (2024) propõe o entendimento da beleza como a necessidade da arte e da literatura, ampliando uma discussão que comparecia a outras de suas discussões: a dimensão poética que comparece não só na literatura escrita, mas nas manifestações orais. Disso podemos pensar a ideia do poético numa dimensão mais abrangente e inclusiva, como na proposta deste e-book, por exemplo. A expressão "crise", que comparece ao título da obra, representa as situações já conhecidas da sua trajetória de pesquisadora e ensaista, as quais, agora, ela agrega às discussões sobre a(s) crise(s) instalada(s) pela pandemia da Covid-19, em especial, no último capítulo, intitulado "Ler (ou não ler) em tempos de pandemia".

No capítulo que abre o volume, "O inferno, a arte, os livros e a beleza", a autora trata, dentre outras questões, de como a beleza tende a se tornar essencial em meio à adversidade, ao caos, à tragédia. Petit (2024, p. 15) não discute definições de beleza na arte e na literatura, porque são temas complexos e variáveis dentro de diferentes contextos, principalmente na arte contemporânea, em que "[...] nem tudo que é belo é arte, e nem toda a arte está em busca da beleza [...]". Seu intento no ensaio é refletir sobre o(s) modo(s) como os seus contemporâneos usam a literatura e, outras vezes, a arte, quando estão sobre os usos que meus contemporâneos fazem da literatura, às vezes da arte, quando estão sujeitos a adversidades. É nesse contexto que a pesquisadora explica:

> A beleza traz doçura ao mesmo tempo que acalma, acolhe, traz de volta a capacidade de sonhar, mas também permite dar forma e sentido a acontecimentos insanos, pensar o impensável em vez de se tornar para sempre prisioneiro dele. Reunir os fragmentos, reordená-los num todo. Reaprender a dizer "eu". E mesmo se aproximar da morte sem muito medo, reencontrar a eternidade – parece que Lacan dizia que a beleza era a última barreira antes do horror. (Petit, 2024, p. 23).

No entendimento da ensaísta, a presença da literatura e das artes oportuniza aprimorar os sentidos, pois "[...] é um certo tipo de atenção, aberta, não econômica, distante de uma lógica de eficiência, o que nos permitiria encontrar coisas belas [...]" (Petit, 2024, p. 32). A autora enfatiza, em diversos momentos, um aspecto relevante à nossa proposta, porque destaca a relação entre as nuances estético-criativas das formas artísticas, que podem estar dentro e fora da literatura escrita (como no livro literário e na oralidade). Nas palavras da ensaísta:

> É mais fácil se expressar mediante uma forma estética, assim como é mais fácil ter acesso a certas obras que dizem sobre o mais profundo da experiência humana, sobre o que há de mais surpreendente no mundo ao nosso redor, mediante uma forma trabalhada, condensada, equilibrada. E, assim, experimentar a paz, a felicidade, o encantamento; e sentir dignidade, orgulho. (Petit, 2024, p. 32).

O último aspecto (sentir dignidade, orgulho) tem imenso valor no contexto deste capítulo, pois é mais um argumento que contribui para pensarmos a importância de práticas de leitura literária sobre os temas fraturantes nos espaços de atuação da psicologia. Tais discussões ainda precisam de espaço e visibilidade no contexto geral da psicologia, para que possam garantir um trabalho que venha a ser inclusivo (amplo) e que, ao mesmo tempo, preserve a LIJ enquanto expressão estética. Nesse sentido, é importante mencionar que a própria autora destaca que textos explicitamente intencionais, escritos sob medida para ajudar a enfrentar esta ou aquela crise, com textualidade programada para uma interpretação evidente (dos quais falamos no capítulo anterior), não fazem parte do conjunto de obras capazes de causar os deslocamentos necessários e provocar a simbolização adequada. Isso porque, "[...] sem deslocamento, como ser surpreendido, interpelado? É o inesperado que confere de novo movimento à história do

leitor, impedindo-o de se congelar, de se transformar em destino escrito de antemão, imutável que pode apenas ser sofrido". (Petit, 2009, p. 204).

O caminho para o universo interior, tantas vezes percebido por Petit (2009, 2013, 2024), e exemplificado nos parágrafos anteriores, é sobretudo um mapeamento, uma especulação (positiva) que avaliza o esforço que reúne, neste e-book, temas caros à literatura para a infância e a psicologia. Isso porque são dois campos do conhecimento que dialogam porque são capazes de colocar a humanidade (do humano) em evidência. Nesse sentido, podemos adentrar em outra seara a que nos propusemos: as relações das duas áreas com a afirmação ou o resgate da humanidade que, não poucas vezes, parece se dissolver frente aos temas fraturantes e às vivências complexas.

Nesse sentido, ampliamos o diálogo com Petit (2008, p. 43, grifo nosso), que afirma:

> Ao compartilhar a leitura cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta **humanidade**, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas em torno dos livros. É também pelo fato de que, ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a **humanidade compartilhada**, a relação com o próximo se transforma.

Não é novidade a quem estuda a leitura literária, ou mesmo, a quem é leitor assíduo de textos literários, que se trata de uma atividade que ultrapassa, em ampla medida, a dimensão do entretenimento, pois, se localizada no espaço do pertencimento, da "humanidade compartilhada", da troca mútua, uma vez que "É sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro". (Petit, 2008, p. 53). Tal encontro, pontuamos, pode ocorrer com um livro[4], com um mediador, com um bibliotecário, bem como com o psicólogo.

[4] Não pretendemos tratar desse tema com amplitude, mas é importante registrar que o livro de literatura, na modalidade da leitura silenciosa, também tem potencial de representar esse encontro de que trata Petit (2008) e, ainda, pode representar que "[...] o fato de alguém se entregar a ela já pressupõe uma certa autonomia. A leitura ajuda a pessoa a se construir, mas pressupõe-se talvez que ela já tenha se construído o suficiente para ficar a sós, confrontada consigo mesma". (Petit, 2008, p. 134).

## Leitura, humanidade e psicologia

Por parte dos estudos literários, desde a conferência "O direito à literatura", Antonio Candido (1988), professor universitário, sociólogo e crítico literário, tem sido referência indispensável para se debater a função humanizadora da literatura. O texto da conferência foi publicado no ano seguinte e tornou-se um ensaio amplamente conhecido no Brasil. Para que seja lido na íntegra, dada a sua importância, nas "Referências", informamos uma edição em que ele pode ser acessado na internet. Nessa escrita, considerando a brevidade da proposta, trouxemos alguns fragmentos nos quais a relação entre literatura e humanidade se coloca em diálogo com as questões que estamos tratando. De acordo com Antonio Candido (2021, p. 30):

> [...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

E, ainda:

> Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 2021, p. 24, grifo do autor).

A possibilidade ou a necessidade de a literatura servir como alternativa em espaços de atuação da psicologia nos faz pensar que as palavras de Candido (2021) se atualizam em relação às demandas da sociedade nos diferentes contextos históricos. Isso pode ser verificado, por exemplo, nas próprias coletâneas que acolhem as novas edições do ensaio em diferentes épocas. Como exemplos, citamos *O direito à literatura*, obra organizada por Aldo de Lima (2012), publicação inicial do Mestrado em Direitos Humanos, da Universidade Federal de Pernambuco. A edição reafirma a vocação da literatura para com os direitos humanos, equação

cara a Antonio Candido, porque a construção do texto organiza uma série de argumentos em direção à ideia central que aparece em vários momentos do ensaio, inclusive no seu fechamento: "Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável". (Candido, 2021, p. 38). Outro exemplo é a participação como abertura da obra *Livro para todos: ensaios sobre a construção de um país de leitores*, organizada por Daniel Louzada (2021). Ela reage enfaticamente à taxação da produção e da venda do livro, empreitada que a reforma tributária do Ministério da Economia do Brasil, à época da publicação, não hesitava levar adiante sempre que oportuno. Mais uma vez, fica reafirmada, pelo contexto da edição, que a literatura é um direito humano fundamental e que precisa ser facilitado.

Cabe observar, entretanto, que Antonio Candido (2021) não perde de vista, durante a exposição de seus argumentos, a ideia de que a literatura realiza um *trabalho psíquico* indispensável, desde a simples fabulação (ele observa uma categoria importante que não se encontra no registro verbal, mas nas atividades baseadas na oralidade, citando o devaneio como um exemplo, que anotamos, é um trabalho de fabulação e acesso à conteúdos psíquicos) até as formas consideradas mais elaboradas pela crítica e a cultura literária. Afirma, portanto, que a literatura "[...] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente". (Candido, 2021, p. 19).

Apesar de ser bastante evidente, principalmente para o leitor imediato deste e-book, é importante mencionar dois pontos que precisam ser lembrados: (1) a humanidade é considerada uma construção social e histórica (Vygotsky, 2002), isto é, o ser humano constrói-se como tal; (2) a literatura e as expressões literárias são fundamentais no processo de humanização (às quais todos devem ter acesso, para desenvolver sua humanidade em essência – o argumento que trouxemos de Antonio Candido); contudo, existem outras maneiras de a humanização ocorrer. Notamos, porém, que o investimento de Antonio Candido (2021) em enfatizar – neste e em outros estudos – a capacidade de a literatura melhorar ou ampliar nossa humanidade, liga-se às duas observações, porque, dada a necessidade de fazer-se humano na troca com os outros e com a cultura, a literatura desempenha função fundamental, conforme discutida nesta escrita.

O teórico búlgaro Tzvetan Todorov (2020) elencou diversos aspectos a partir de uma afirmação importante, que abre um parágrafo nas páginas finais da obra *A literatura em perigo*, qual(is) seja(m):

> **A literatura pode muito**. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, [sendo] revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov, 2020, p. 76, grifo nosso).

As considerações ressoam, na dicção do autor, em questões caras a esta escrita, pois a ideia de buscar na leitura da literatura uma alternativa para viver melhor pela possibilidade de o leitor realizar o trabalho de mudança a partir "de dentro", também permite pensar o trabalho que envolve a literatura e a psicologia. Isso porque, de acordo com o autor: "Longe de [a literatura] ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua **vocação de ser humano**. (Todorov, 2020, p. 24, grifo nosso).

## Entre palavras e sentidos: a Psicologia Humanista e a literatura na valorização do humano

Até aqui procuramos dar ênfase na possibilidade e potência da literatura para se viver melhor, cabe adentrar em algumas ideias da Psicologia Humanista a fim de tecer pontos de uma teia de possíveis intersecções dessas áreas do conhecimento. De forma breve, é importante situar o leitor na história da própria Psicologia quando do surgimento da Psicologia Humanista, considerada uma terceira força da Psicologia, uma vez que seu desenvolvimento acontece entre 1920 e 1950.

Seu desenvolvimento, em partes, é entendido como uma resposta às forças anteriores, a saber, a Psicanálise (cuja tendência de pensar sobre o humano é marcada pela ideia da falta e da falha, fundada numa noção de um humano determinado por forças internas desconhecidas e com tendência destrutiva, as quais precisam ser dominadas) e o Behaviorismo (cuja perspectiva de compreensão é também de um humano que só pode ser conhecido e explicado pelos comportamentos expressos os quais são fruto

da determinação de estímulos oriundos do meio em que se desenvolve). Nota-se, nas duas perspectivas, a impossibilidade da escolha e da condição de liberdade, fonte de angústia para a existência humana. Grosso modo, é nesse contexto de um período de guerra e pós-guerras que a Psicologia Humanista vai se desenvolver.

Nas palavras de Holanda (2014, p. 159),

> a proposta dessa Psicologia Humanista seria resgatar e afirmar o "valor e a dignidade dos seres humanos", desenvolvendo suas ideias na direção contrária às ideologias, às crenças e práticas que tornariam o homem um mero acompanhante dos interesses políticos e econômicos. Como legítimos representantes deste "movimento", estão citados os clássicos gregos e os renascentistas. A Psicologia Humanista sería, então, uma "manifestação contemporânea" do compromisso com esta valorização do humano; seria uma "resposta" à negação do espírito humano motivada pelas ciências sociais e comportamentais.

Para além de um conjunto teórico e filosófico, a perspectiva humanista da Psicologia volta-se para as possibilidades do humano e sua valorização. No campo da psicoterapia, o fazer do psicólogo é um fazer de facilitação para que a pessoa possa ampliar a percepção sobre sua experiência de vida, fomentando o seu autoconhecimento para que possa viver a liberdade de escolher ser quem é. Nesse sentido, recorremos novamente a Holanda (2014), o qual destaca que a psicoterapia é um processo, processo esse que tem como base a relação de significados que a pessoa apresenta. Sendo assim, o movimento do psicólogo, nessa possibilidade de “ajuda” que é a psicoterapia, é auxiliar a pessoa a buscar os significados de suas vivências e sentimentos, os quais só são possíveis por meio da palavra e no processo de significar da própria pessoa. Nas palavras do autor supracitado, podemos entender que:

> Numa perspectiva fenomenológica, a palavra nunca é mero signo, mas é sentido, é significado, é ato, é a própria manifestação do ser-próprio do outro. Psicoterapia se torna então um processo de "pes-car a palavra", como na poesia de Clarice Lispector: "Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra". O terapeuta é como o escritor, que tem a palavra como isca. As palavras podem ser vazias, e estes vazios podem dominar o ser. Psicoterapia é um processo de re-descobrir sentidos, de re-significar coisas ou situações; é um processo de transformação, onde se transita de discursos vazios para o discurso transformador. (Holanda, 2014, p. 97).

Assim, podemos tecer um ponto de conexão entre a psicologia e a literatura, qual seja, a palavra, pois ambas depositam na linguagem, isto é, no discurso verbal passível de significado – de compreensão e de interpretação, a força, o motor. E, nesse ponto, Amatuzzi (*apud* Holanda, 2014, p. 99) é quem melhor "arremata o ponto" entre psicoterapia e palavra (e nós extrapolamos para a literatura), referindo que

> Fazer a palavra falar: esta é a tarefa da psicoterapia. Sair de um discurso vazio ou de um sentimento que sufoca, que não se expressa, para um discurso que seja um dito, que seja um ato realizador. Enquanto não for dito ou atualizado na plenitude de um dizer ou de uma presentifica-ção, um sentimento permanece vago e sufocador. A partir do momento em que ele é dito, algo se transforma [...].

Esse "arremate" (já que iniciamos esta parte tecendo uma teia) nos conecta com a literatura e o que foi apontado no primeiro capítulo deste e-book sobre a literatura infantil e juvenil e o livro ilustrado. Dessa forma, podemos vislumbrar (e porque não sermos audaciosos e dizer compreender?) as possibilidades de articulação ou aproximação entre a psicologia e a literatura como possibilidades do humano se fazer humano, significando-se e ressignificando-se; afinal, a linguagem é a casa do Ser, já nos anunciava Heidegger.

## Referências


ANNÁ, Renata Corrêa; MICHELLI, Regina. Criando mundos possíveis na e pela ficção de *Vermelho amargo*. *In*: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilian Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de (Org.). **"Espiar pra dentro"**: um diálogo por meio dos temas fraturantes. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 89-112.

BARROS, Lúcia Maria; AZEVEDO, Fernando. Literatura infantil e temas difíceis: mediação e recepção. **Revista Em aberto**, Brasília, DF, v. 32, n. 37, maio/ago. 2019. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4210/3662. Acesso em: 15 jan. 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: LOUZADA, Daniel. **Livro para todos**: ensaios sobre a construção de um país de leitores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 13-38.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **O direito à literatura**. LIMA, Aldo de (Org.). Recife: Ed. da UFPE, 2012. p. 12-35. Disponível em: https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/372/382/1125. Acesso em: 8 fev. 2025.

COENGA, Rosemar Eurico; GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. A diversidade de gênero na literatura infantil e juvenil e os temas fraturantes: qual o espaço em sala de aula? *In*: COENGA, Rosemar Eurico; GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. (Org.). **Literatura infantil e juvenil:** desvios criativos, diversidade e emancipação em processo. Campinas: Pontes, 2023. p. 207-223.

COLASANTI, Marina. **Fragatas para terras distantes**: ensaios. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FACCO, Lúcia. As "diferenças" na Literatura Infantil e Juvenil nas escolas: para entendê-las e aceitá-las. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: Ministério da Educação, Unesco, 2009. p. 324-339. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf. Acesso em: 3 fev. 2025.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilian Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de. Apresentação. *In*: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilian Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de (Org.). **"Espiar pra dentro"**: um diálogo por meio dos temas fraturantes. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 7-14.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilian Alves. A mirada interna nas tramas das literaturas para crianças e jovens. *In*: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilian Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de (Orgs). **"Espiar pra dentro"**: um diálogo por meio dos temas fraturantes. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 7-14.

HOLANDA, Adriano Furtado, **Fenomenologia e humanismo**: reflexões necessárias. Curitiba: Juruá, 2014.

PETIT, Michèle. O inferno, as artes, o livro e a beleza. *In*: PETIT, Michèle. **Somos todos animais poéticos**: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise. Tradução Raquel Camargo. São Paulo: Ed. 34, 2024. p. 15-44.

PETIT, Michèle. A leitura reparadora. *In*: PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2013. p. 65-81.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: novas perspectivas. Tradução Celina Olga de Sousa. São Paulo: Ed. 34, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 10. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2020.

# A Literatura como Recurso Expressivo na Psicoterapia

## Obras resenhadas pelos acadêmicos

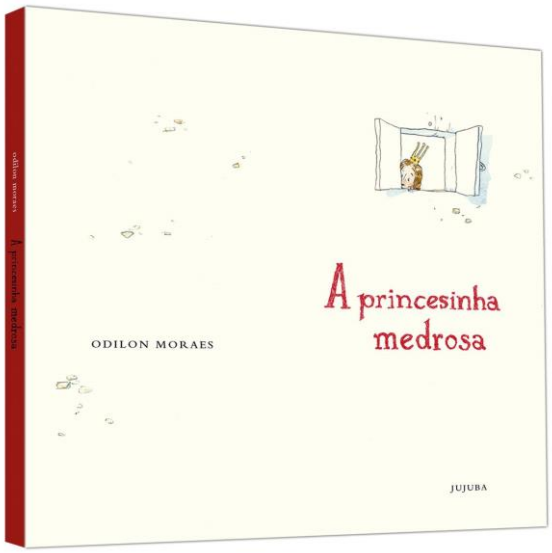
Segunda parte

# *A princesinha medrosa*: um caminho para além dos medos

**Ana Clara Scheuermann Miotto**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

MORAES, Odilon. *A princesinha medrosa*. São Paulo: Jujuba, 2002.

Imagem: 1 – Capa da obra *A princesinha medrosa.*




Fonte: 1 – Site da Editora Jujuba

*A Princesinha medrosa* é o primeiro livro de Odilon Moraes, um arquiteto com uma grande paixão por livros e desenhos. Recebeu o Prêmio de Melhor Livro para Crianças, em 2002, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). A temática do medo é abordada já na primeira página, de uma forma única, sutil e imaginativa, que Odilon consegue transmitir por meio de suas ilustrações.

A fábula nos conta a história de uma jovem princesa morando em seu castelo e dominada por seus medos, especialmente o medo do escuro, da solidão e da pobreza. Ao longo dos dias, a princesinha tenta superar seus medos através de medidas que se tornam extremas, como manter as luzes sempre acesas, o sol permanecer no céu durante todos os dias, ter pessoas sempre ao seu redor e morando perto de seu palácio, e acumulando riquezas.

Essas tentativas de controle acabam alimentando ainda mais seus medos e inquietações, sem diminuir as suas angústias, pois ela se perde ainda mais nos próprios medos. Durante a sua jornada não se lembra mais de seus medos de escuro e solidão, mas sim dos novos medos, o de que as luzes podem se apagar, que todos podem ir embora, ou que suas riquezas poderiam acabar.

Ao longo da história uma transformação ocorre quando ela encontra um garoto na beira de um rio, que lhe ensina a ouvir as estrelas, não com os olhos, mas com o coração. Quando a princesinha se reconecta com o silêncio e a natureza fora do palácio, renuncia ao controle, e percebe o verdadeiro conforto na natureza e no desapego. Seu medo do escuro diminui, pois agora ela entende que é nesse espaço que as estrelas vivem. Se percebe que os medos foram criados como tentativas de controle, e quando a princesinha se abre para o desconhecido e aceita a impermanência, ela encontra uma nova maneira de viver em harmonia consigo mesma e com o mundo ao redor. A divisão de suas riquezas e o retorno à simplicidade são um reflexo dessa nova paz interior.

A narrativa aborda muitos temas importantes, e como eles podem impactar na vida da criança, na visão de si e do mundo ao seu redor. A protagonista, manifesta medos do escuro, da solidão e da pobreza, emoções que são comuns também entre as crianças. Com o tempo e as experiências, a criança é estimulada a aceitar suas próprias emoções e a entender que, assim como a princesinha, é possível superar seus medos com o devido apoio e novas perspectivas.

A fonte de seu medo, vem da solidão, mesmo querendo que todos vivam perto, ainda não sente, de fato, suas presenças, pois não são relações autênticas, de modo que as experiencia sem conexões reais. Quando a princesinha se aproxima do garoto, que apresenta o canto das estrelas e lhe deixa confortável em sua presença, demonstra que o apoio do outro se faz muito importante para que seja possível superar suas limitações, sendo necessário durante o desenvolvimento emocional infantil. Apesar de estar cheia de riquezas, e dar muito valor aos bens materiais, não conseguia sentir tranquilidade, serenidade, autoconfiança ou amigos perto de si. É a relação verdadeira experimentada como o garoto que a faz questionar o valor que dava às coisas, o que a leva a dividir, reconhecendo que não precisa ter o mundo em seu quintal.

Toda superação do medo do escuro, se dá quando se percebe que para conseguir ouvir as estrelas, o sol precisaria dormir e a escuridão

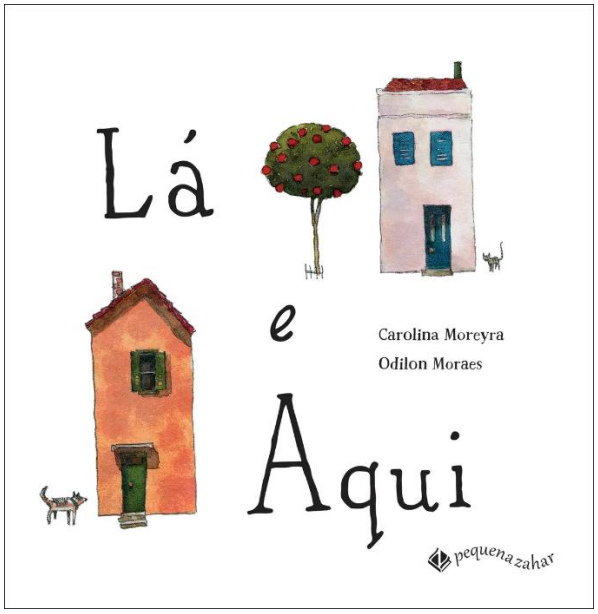
aparecer e que nada de ruim iria acontecer, mas iria conhecer a tranquilidade presente à noite. O equilíbrio entre a luz e a escuridão, o dia e a noite, são essenciais para uma vida saudável. “A Princesinha Medrosa é uma narrativa rica em reflexões, que explora os medos infantis e como encorajá–los, sobre a vida. Com lições referentes, a emoções, simplicidade, beleza da natureza e sobre o relacionamento interpessoal que possibilita a abertura para uma nova visão de mundo para as crianças.

# A separação e o desenvolvimento emocional infantil em *Lá e Aqui*

**Adriana Fátima Pereira da Silva Omizzolo**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

MOREYRA, Carolina; MORAES, Odilon. *Lá e Aqui*. Rio de Janeiro Pequena Zahar, 2015.

Imagem: 1 – Capa da obra *Lá e Aqui.*




Fonte: 1 – Site da Editora Pequena Zahar.

O livro *Lá e Aqui* foi escrito por Carolina Moreyra, autora brasileira que tem se destacado por tratar de temas delicados na literatura infantil, como a separação e a perda. Seu trabalho busca apresentar esses temas de maneira acessível e compreensível para o público infantil, permitindo que as crianças entendam e explorem suas próprias emoções.

As ilustrações foram feitas por Odilon Moraes, um renomado ilustrador brasileiro, conhecido por seu estilo simples e expressivo. Ele já recebeu prêmios importantes como o Jabuti e Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Suas ilustrações trazem um toque poético que complementa perfeitamente as palavras, muitas vezes dizendo mais do que o próprio texto. O trabalho de Odilon e Carolina, somam-se de modo que resultam numa terceira linguagem, que é o livro ilustrado (na categoria

tratada na primeira parte deste e-book), cuja texto verbal e visual encontram-se em troca mútua, sugerindo ao leitor uma atividade intensa, criativa e provocante no momento da leitura.

*Lá e Aqui* apresenta uma história simples, mas muito emocionante, que mostra o ponto de vista de uma criança enfrentando a separação dos pais. A criança tenta entender o que significa estar "lá", onde o pai agora mora, e "aqui", onde ela vive com a mãe. Essa separação física reflete também a separação emocional, e o livro explora a dor dessa distância.

O texto verbal é breve e direto, mas o impacto mais evidente está nas ilustrações de Odilon Moraes. Ele usa cores neutras e espaços em branco para simbolizar a ausência e o vazio que a criança sente. A falta de detalhes nas imagens também passa a sensação de solidão e incompreensão da criança, que está tentando se adaptar a essa nova realidade.

No final, a história comunica esperança, mostrando que, embora a ausência do pai seja dolorosa, a criança começa a encontrar maneiras de lidar com essa mudança e seguir em frente, aprendendo a viver com a nova configuração familiar.

A obra *Lá e Aqui* apresenta temas muito importantes do ponto de vista psicológico, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento emocional infantil. Um dos principais temas é o impacto da separação dos pais. A separação pode ser uma experiência muito dolorosa para as crianças, gerando sentimentos de abandono, tristeza e até confusão. O livro usa as metáforas "lá" e "aqui" para representar tal distância, facilitando a compreensão dos pequenos.

Outro tema importante é o luto. Mesmo que o pai não tenha falecido, a ausência dele na vida diária da criança representa uma forma de luto. A obra aborda como a criança lida com essa ausência, passando por um processo de aceitação e adaptação. Esse tipo de luto simbólico é comum em casos de separação e pode trazer insegurança emocional para a criança.

Além disso, o livro também trata da resiliência emocional. A história mostra como, com o tempo, a criança começa a aceitar a nova realidade e a reorganizar seu mundo interior, demonstrando que é possível superar uma situação difícil e continuar em frente.

Esse livro é um ótimo recurso expressivo para trabalhar questões psicológicas em contextos terapêuticos, principalmente com crianças que estão vivendo a separação dos pais. Ele oferece uma maneira simbólica e visual de falar sobre sentimentos difíceis de verbalizar, como a tristeza, a perda e a saudade. Através das ilustrações e da narrativa, as crianças

podem se identificar com a história e expressar suas próprias emoções, facilitando o processo de compreensão e cura.

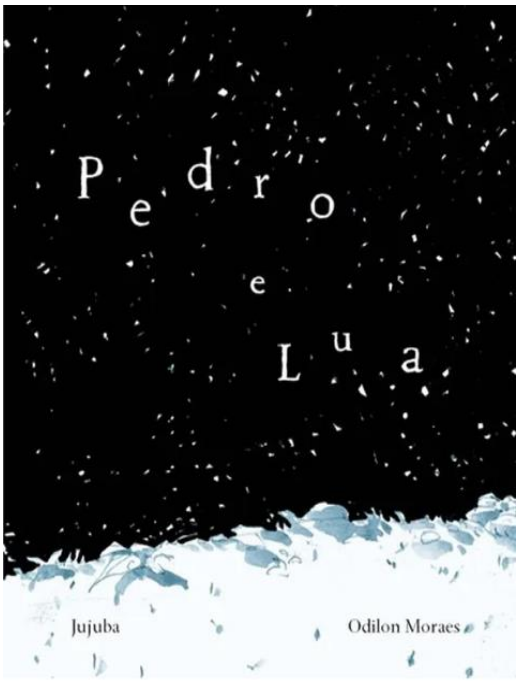
*Lá e Aqui* pode ser usado como uma ferramenta terapêutica para abordar temas sensíveis como a separação, o luto e a ausência de um cuidador. Ele permite que crianças expressem seus sentimentos de forma segura e simbólica, o que é especialmente importante em contextos clínicos e educacionais. A obra não só fala da dor da separação, mas também oferece uma mensagem de superação, mostrando que é possível encontrar novas formas de viver e se relacionar mesmo em meio à dor.

# A solidão, a angústia e o luto simbolizados em *Pedro e Lua*.

**Anderson Mariga**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

MORAES, Odilon. *Pedro e Lua*. São Paulo: Jujuba, 2017.

Imagem 1: Capa da obra *Pedro e Lua*.




Fonte: *Site* da Editora Jujuba.

Odilon Moraes nasceu em 1º de agosto de 1966, em São Paulo, e com poucos meses de vida mudou-se para o interior do estado, onde passou toda sua infância e adolescência. Quando chegou o momento de ingressar na faculdade, retornou à capital para cursar arquitetura. No entanto, o destino parecia ter outros planos. Apesar de seu foco inicial, sua paixão por livros e desenhos, combinada com uma série de felizes acasos, o conduziu ao mundo da ilustração de livros infantis.

Com uma carreira rica e extensa, já ilustrou mais de cinquenta livros e recebeu prestigiados prêmios no setor, incluindo o Jabuti e o Adolfo Aizen, concedido pela União Brasileira de Escritores. Em 2002, sua trajetória como escritor se consolidou quando ele lançou seu primeiro livro, *A Princesinha Medrosa* (cuja resenha abriu esta seção) obra que escreveu e, também,

ilustrou, tendo lhe rendido o Prêmio Ofélia Fontes de Melhor Livro para Crianças, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)

Uma de suas obras mais cativantes é *Pedro e Lua*, um livro que procura explorar a relação especial entre o menino Pedro e sua amiga Lua, trazendo à tona questões sobre amizade, sonhos e o poder da imaginação, além de tratar com delicadeza e simplicidade temas fraturantes como a solidão, o vazio existencial, a angústia, a morte e o luto.

A narrativa começa com Pedro, um menino introspectivo, que mora em um cenário isolado, uma casa simples em um campo vasto e silencioso. Ele passa os dias sozinho, sentindo-se distante das outras pessoas, mas encontra conforto ao observar a lua, sua única e constante companhia no céu. a admiração de Pedro surgiu depois que o menino descobriu em um livro que o satélite natural da Terra era uma pedra enorme que flutuava no céu. Além disso, seu nome queria dizer pedra, assim como era a lua.

Em uma noite, enquanto passava pelo campo para vê-la, o garoto, distraído, tropeçou numa pedra, acreditando que havia caído do corpo celeste. Então, todos os dias sob a luz de sua companheira, levava pedrinhas a ela, acreditando que sentia saudade de casa. Certa vez, uma pedra diferenciada cruzou seu caminho, era uma tartaruga, seu casco parecia uma grande lua esverdeada, logo, a chamou de Lua. Pedro e Lua cresceram juntos, alegrias nos encontros, saudade e tristeza nas ausências.

Certa vez, após as férias na cidade, Pedro perguntou aos seus familiares onde estava a tartaruga, recebendo a informação de que havia semanas que não saia do casco. O menino procurou embaixo da cama, a encontrando imóvel e sem vida. Ritualisticamente, levou o casco para junto do monte de pedras que juntou durante anos, já que Lua parecia uma pedra e acreditava que também sentia falta de casa. Após a despedida, ficou observando e admirando sua velha amiga no céu.

A Lua aparece como uma figura amigável e reconfortante, sendo a presença que acompanha Pedro todas as noites. Ela ilumina sua vida e seus pensamentos, funcionando como um símbolo de amizade e refúgio a sua solidão. Ao longo da história, Pedro desenvolve uma espécie de diálogo silencioso com a Lua, sentindo-se compreendido por ela. Ele compartilha seus medos, dúvidas e desejos. A Lua, por sua vez, está sempre presente, paciente, e se torna uma figura quase mágica para o menino. Pedro projeta nela suas emoções, transformando-a em uma confidente que não julga nem questiona.

Também, observa-se que o satélite e a mascote possuem o mesmo nome, sendo possível diferenciar a quem está sendo referido ao unir ilustração, narrativa (devido ao jogo com a letra maiúscula e minúscula) e intertextualidade. Igualmente, os sentimentos afetuosos que Pedro nutria pela lua eram os mesmos que ele depositava em Lua, como se fosse a personificação de sua querida celestial.

A relação entre Pedro e a Lua é marcada por uma espécie de interdependência. Enquanto Pedro simboliza a Lua como um símbolo de amizade e refúgio à sua solidão, a Lua precisa da atenção e dos olhares de Pedro para existir no imaginário do menino. Essa simbiose mostra a força da imaginação infantil e como ela pode transformar a realidade, assim como a capacidade das crianças de lidar com as próprias emoções. Além disso, a tartaruga pode ser simbolizada como a concretude dessa amizade, sendo sólida como o casco, inocente e pura como o simples experienciar e ser do garoto.

O ponto central da história acontece quando Pedro começa a questionar essa relação. Ele se pergunta se a Lua também se sente solitária e se existe alguém para ser a "Lua" dela, tal como ela é para ele. Esse questionamento profundo revela o crescimento emocional de Pedro e sua percepção de que todos, de alguma forma, buscam e precisam de conexão.

A narrativa culmina com Pedro saindo de sua zona de conforto e expandindo sua percepção de mundo, entendendo que sua solidão pode ser compartilhada e que a amizade, assim como a Lua, pode ser encontrada nos lugares mais inesperados. A lua continua lá, sempre presente, mas Pedro já não depende mais dela da mesma forma. Ele cresceu, emocionalmente, e começa a olhar para o mundo com novos olhos, menos preso à solidão.

A morte de sua amiga Lua, a tartaruga, pode ser vista como tema fraturante, já que rompe o equilíbrio emocional e psicológico do indivíduo, desencadeando uma série de reflexões e sentimentos profundos, como o luto, a solidão, angústia e até questionamentos existenciais. A relação entre humanos e animais de estimação, muitas vezes, transcende o simples convívio, envolvendo laços afetivos que proporcionam companhia, conforto e uma conexão quase simbiótica. Quando essa conexão é abruptamente interrompida pela morte, especialmente de um animal que carrega significados de longevidade, serenidade, resistência e sabedoria, como uma tartaruga, traz à tona a fragilidade da vida, o tempo finito e a inevitabilidade da perda. Além disso, sendo uma possibilidade e uma certeza do ciclo vital,

a morte abre espaço para pensar e ressignificar a vida, simbolizando a atualização e o existir de forma mais congruente.

Para o psicólogo Irvin Yalom (2021) “O luto é o preço que pagamos por ter coragem de amar os outros”. Ao experienciar o luto, Pedro é levado a lidar com sentimentos difíceis de expressar e elaborar, abrindo espaço para uma jornada de crescimento, amadurecimento emocional e autodescoberta. Esse tema rompe com a inocência e o jeito subjetivo de enfrentar a dor da perda, consequentemente, é um tema complexo e necessário para ser abordado com crianças.

Ao analisar a narrativa, mas, principalmente, as ilustrações, pode-se observar que a angústia se manifesta constantemente. Sendo considerada como uma experiência emocional complexa, é caracterizada, conforme visão fenomenológica, como um estado de mal-estar ou tensão interna, no qual o indivíduo se vê incapaz de identificar ou nomear a causa de seu sofrimento. Ademais, está profundamente relacionada a um conflito existente entre o eu e a totalidade da experiência vivida, resultando em uma falta de congruência que intensifica essa sensação de desconforto emocional. Não se sabe o porquê de Pedro, no início da história, viver a solidão, o que poderia ser agente de seu vazio existencial, logo, sua angústia. Apesar disso, o garoto procura se adaptar à própria realidade e viver o aqui-e-agora, mostrando que, baseado nas ideias humanistas, é inerente do ser humano a tendência de atualizar-se consoante os elementos que se predispõem à sobrevivência, assim como a capacidade de lidar com emoções tão singulares e intangíveis.

A obra é ilustrada por desenhos que complementam a narrativa de forma sublime. As ilustrações são simples e minimalistas, em tons suaves, destacando o vazio e a solidão do ambiente de Pedro, mas também a beleza silenciosa da Lua e a imaginação do menino. Na teoria das cores, a solidão e o vazio são simbolizados por diferentes cores, como o cinza, preto, branco e azul. O preto recebe também, simbolicamente, a representação do luto, o cinza traz a angústia e o branco a pureza. Logo, na obra, o preto, o branco e o cinza azulado estão presentes em sua composição, permitindo transmitir essas sensações, indo ao encontro das temáticas sugeridas, como a perda, a solidão, a angústia, e a pureza encontrada na amizade e na criança.

Wassily Kandinsky, famoso pintor russo, costumava descrever o preto como um "nada sem possibilidades", um silêncio eterno e sem esperança, evocando uma sensação de vazio e desolação após o fim de tudo, como se o sol tivesse se extinguido para sempre. Pedro, ao olhar para a Lua,

encontrava uma luz para preencher a solidão e dar sentido a angústia, assim como após a morte de sua companheira, esperançado de que a amiga tartaruga, que parecia uma pedra, tinha ido para casa, à rocha no céu, sua velha amiga íntima, restando apenas saudade.

## Referências

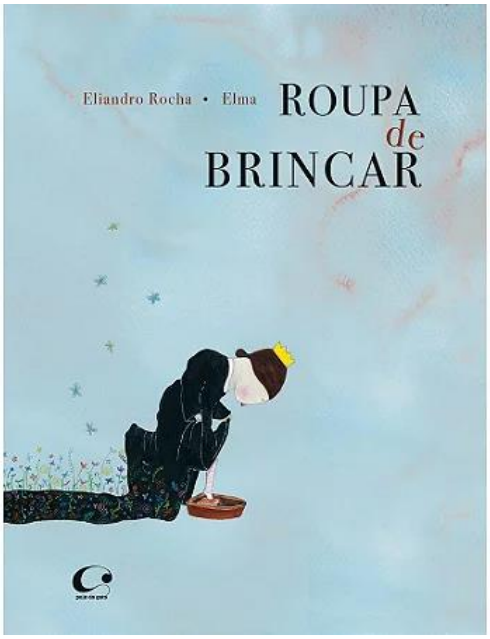
YALOM, Irvin D. e YALOM, Marilyn. **Uma questão de vida e morte**. São Paulo: Planeta, 2021.

# *Roupa de brincar*: a Imaginação como ferramenta de identidade e emoção na infância

**Andriéli Cristina Faccioli Giacomel**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

ROCHA, Eliandro. *Roupa de brincar*. Ilustração Elma. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

Imagem 1: Capa da obra *Roupa de brincar.*




Fonte: *Site* da Editora Pulo do Gato.

Eliandro Rocha é autor e ilustrador brasileiro, nascido em 17 de novembro de 1976, em Sapucaia do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. Com uma formação que combina arte e educação. Eliandro Rocha tem se destacado na literatura infantil, utilizando suas obras para abordar questões sociais, emocionais e educativas. Suas histórias são marcadas por uma sensibilidade única pela capacidade de se conectar com o universo infantil. Com uma linguagem acessível e ilustrações vibrantes, o autor promove uma conexão profunda entre o leitor e os personagens, levando as crianças a um mundo de fantasia e reflexão, tornando suas obras não apenas entretenimento, mas também ferramentas de aprendizado. Além de *Roupa de brincar*, ele publicou outros livros que também exploram questões relevantes para o universo infantil.

*Roupa de brincar* apresenta a história de uma criança que descobre o poder da imaginação e expressão através das roupas. Cada peça permite que a protagonista se veja em diversos personagens e viva diferentes aventuras. A história de maneira leve, mostra a importância do ato de brincar e como ele se torna  fundamental para o desenvolvimento da criatividade, da expressão, das relações sociais e do autoconhecimento (uma crítica: menos da própria atividade, ou seja, o autor da resenha esvazia a atividade lúdica, a brincadeira, da sua principal importância: a brincadeira é uma linguagem com a qual a criança se comunica; as bonificações mencionadas (desenvolvimento da criatividade, da expressão, das relações sociais e do autoconhecimento) são secundárias e nem interessam à criança, são construções que os adultos vinculam à atividade lúdica. Por isso é necessário retomar e acrescentar, de alguma maneira, essa questão que mencionei). O livro do Eliandro não está à disposição dessas questões, pois é na essência da brincadeira que a criança protagonista mobiliza a personagem adulta.

Ao longo da história, a menina diz como adora visitar a Tia Lúcia, não por conta dos bolinhos de chocolate ou histórias que ela conta, mas sim por gostar de suas roupas coloridas e alegres, apesar dos pais acharem que a tia se veste mal, seu tio Pedro mostra um brilho no olhar todas as vezes que sua tia chega. A menina sempre fica horas brincando dentro do roupeiro. Em determinado dia, pediu para visitar a tia, mas sua mãe lhe disse não ser um bom momento, insistiu tanto para ir que, ao chegar lá e vê-la usando roupas pretas com um semblante de tristeza, viu despertar em si uma grande preocupação, acrescida de um desejo de ver a tia alegre novamente. Subiu para o quarto e ao ver que só havia roupas “pretas e sem graça”, pegou suas tintas e começou a pintar as mesmas, trazendo alegria junto com as cores. Ao ver o que a menina tinha feito, a tia passou a mostrar novamente um sorriso em seu rosto. Após isso, juntas buscaram todas as roupas coloridas e levaram até o roupeiro, onde passaram o dia brincando.

A menina nessa situação vive experiências e momentos marcantes, fazendo-a refletir sobre as mudanças e a fragilidade da vida. A visão da tia nesse traje mostra uma oposição às fantasias alegres que a criança usava em suas brincadeiras, trazendo à tona emoções mais profundas e sentimentos desconhecidos em relação à perda. Sua tia desempenha um papel importante, incentivando a explorar sua criatividade e a se expressar livremente. Ela pode ser vista como uma figura de apoio, que não apenas fornece as roupas, mas também valida a imaginação da criança. Desta

maneira, o enredo enfatiza a importância de abraçar tanto as alegrias quanto as tristezas da vida, mostrando que o brincar é uma maneira valiosa de lidar com emoções e de explorar a identidade. A criança percebe que, apesar das dificuldades, a verdadeira aventura está em ser autêntica e em se permitir sentir, criar e imaginar.

A obra de Eliandro Rocha, além de ser divertida e educativa, aborda uma série de elementos psicológicos e sensíveis que enriquecem a experiência de leitura e que são relevantes para o desenvolvimento infantil. O ato de brincar é uma forma essencial de criar e imaginar, além de ser um espaço seguro para a criança lidar com suas emoções e se sentir compreendida em suas experiências. A imaginação permite que as crianças criem narrativas e cenários, desenvolvendo assim habilidades cognitivas e sociais. Através das brincadeiras a criança aprende a se expressar, além disso, mostra a importância das relações sociais na construção da identidade e no desenvolvimento emocional. Vestir-se de diferentes maneiras permite que a protagonista experimente vários aspectos de si mesma, construindo sua autoimagem e autoestima. Essa exploração é fundamental para poder refletir sobre a aceitação das diferenças e a importância de respeitar e valorizar a diversidade nas relações interpessoais. O livro convida os leitores a explorar suas emoções de maneira aberta. Ao se vestir e brincar, a criança se depara com sentimentos como alegria, medo, coragem e tristeza.

A visão da tia de roupa preta introduz a tristeza e a reflexão sobre a perda. Esse momento ensina que é normal sentir emoções complexas e desagradáveis e que a vida é uma combinação de alegrias e desafios. *Roupa de brincar* é mais do que uma simples narrativa infantil, é uma reflexão profunda sobre a infância, a identidade e as relações sociais. Através da sensibilidade de Eliandro Rocha, os leitores são convidados a explorar a magia do brincar, entendendo a importância da criatividade e da autoexpressão no desenvolvimento emocional e social das crianças. Sendo assim, uma história que permite que os leitores sintam a alegria e a liberdade do brincar. As roupas não são apenas adereços, elas simbolizam sonhos, desejos e a busca pela identidade e liberdade de expressão. Em cada nova aventura, a criança experimenta diferentes cenários, revelando desejos, medos e aspirações, tudo isso de forma lúdica e instigante, enfrentando desafios que a ajudam a entender melhor seus sentimentos. As brincadeiras são retratadas como uma forma vital de aprendizagem, onde as crianças

não apenas se divertem, mas também constroem laços e aprendem a lidar com conflitos e a aceitar a diversidade.

Por meio de uma abordagem que valoriza a diversidade e a aceitação, a obra se torna um recurso valioso para pais, educadores e crianças, promovendo conversas significativas sobre temas essenciais que moldam a formação do indivíduo na sociedade. Em um mundo em constante mudança, *Roupa de brincar* oferece um espaço seguro e imaginativo para que as crianças possam explorar suas identidades, emoções e relações. Ao incentivar a imaginação, a autoexpressão e o respeito pelas diferenças, Eliandro Rocha contribui para a formação de uma geração mais consciente, empática e criativa. O livro oferece uma visão abrangente sobre o crescimento emocional, mostrando como as experiências lúdicas são essenciais para lidar com as nuances da vida.

# Segredos da consciência

**Bruna da Cunha**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

RAMPAZO, Alexandre. *Se eu abrir esta porta agora*... Editora do Brasil: 2016

Imagem 1: Capa e contracapa da obra *Se eu abrir esta porta agora...*

Fonte: *Site* do Diálogos embalados (clube de leitura e assinatura de livros).

O livro *Se eu abrir esta porta agora...* de Alexandre Rampazo, é uma leitura emocionante que trabalha temas como: imaginação, curiosidade, medo do desconhecido e a tomada de decisões. Trata-se deum livro tanto para crianças, quanto para adultos, pois abrange temas relevantes e significativos para todas as idades. É uma obra que propõe a autodescoberta de uma forma mágica, através da imaginação.

Natural de São Paulo, Alexandre Rampazo iniciou sua carreira como designer e diretor de arte. Desde 2008, dedica-se à literatura infantil, construindo um conjunto de obras ricas e premiadas. Tem aproximadamente 50 livros ilustrados e mais de 20 livros autorais publicados, tendo sido contemplado com os mais importantes prêmios literários do país, como o Jabuti, FNLIJ e Troféu Monteiro Lobato. Relembrando sua infância elaborou a seguinte dedicatória para o livro aqui resenhado: "Para minha mãe, por mirar

a coragem para além do medo. E por deixar a luz do abajur sempre acessa." (Rampazo, 2016, s. p.).

Muito mais que um livro, *Se eu abrir esta porta agora...*, é uma experiência. Com um formato diferente e ilustrações vibrantes, ele é repleto de originalidade e criatividade, nos encanta e faz ir a uma jornada de imaginação que pode ser lida e relida e sempre trará novas percepções. A narrativa gira em torno de uma pergunta que persiste na mente de muitas crianças: o que se esconde atrás da porta do guarda-roupa? Um menino que, ao se preparar para dormir, reflete sobre as surpresas que podem estar à espera atrás de uma porta misteriosa, ele imagina uma série de cenários, alguns assustadores, outros repletos de maravilhas, que representam os medos, esperanças e incertezas que enfrentamos ao tomar decisões importantes ou ao lidar com mudanças.

Em formato sanfonado (conforme pode-se observar na imagem 2), o livro faz várias provocações e uma nova possibilidade é apresentada em cada página, brincando com a imaginação e criatividade do leitor. O estilo do livro é muito poético e simbólico, apresentando uma ideia de interatividade onde o leitor participa ativamente. Além disso, ele apresenta duas versões: a da criança, aterrorizada com o desconhecido e uma versão oposta mostrando uma oportunidade de conhecer coisas novas e divertidas.

O livro ilustrado, que traz surpresas positivas, uma linguagem visual expressiva, complementa o texto e convida o leitor a explorar sua imaginação, o instiga a criar sua própria versão condizente com seus medos e desejos, dessa forma, transmitindo a emoção do personagem.

Este e outros livros podem ser usados como ferramenta para estimular a criança. Em específico, o livro em questão é perfeito para aqueles que gostam de uma leitura divertida e que traz uma reflexão, própria para amantes da literatura fraturante infantil e juvenil, que fala sobre temas complexos e delicados, e para aqueles que buscam um crescimento emocional para ajudar no desenvolvimento cognitivo da criança.

Ao abordar esse tipo de tema, o leitor tende a se conectar com os personagens, que vivem em situações desafiadoras, assim uma criança pode aprender a lidar melhor com as suas emoções a reconhecer seu medo e superá-lo. Além disso obras fraturantes podem trabalhar questões sociais relevantes, sendo assim, podem estimular o desenvolvimento do pensamento crítico ao mostrar pontos de vistas diferentes desafiando ideias pré-concebidas estimulando a autonomia do pensamento crítico.

A obra, aparentemente simples, nos convida a uma profunda jornada. A dualidade entre conhecer o novo e permanecer no conhecido refletindo a constante busca por significado e propósito. Essa metáfora nos permite vislumbrar as profundezas de nossa psique, onde medos e incertezas podem nos paralisar diante de mudanças e novas experiências. A obra nos convida a explorar essas emoções com compaixão e promove o autoconhecimento, sendo este, um processo contínuo e essencial para o nosso crescimento pessoal.

Ao se deparar com o medo de abrir a porta, o leitor é convidado a uma profunda reflexão sobre sua própria jornada de autoconhecimento. Essa experiência pode evocar mecanismos de defesa que, embora naturais, podem limitar o potencial de crescimento. A obra nos mostra que a coragem não reside na ausência do medo, mas na capacidade de enfrentá-lo com resiliência e de seguir em frente, mesmo diante da incerteza. A superação desse medo se torna um marco fundamental na construção da identidade, representando um passo importante em direção à autonomia e à realização pessoal.

Por fim, a obra nos convida a explorar os recantos mais profundos da nossa imaginação, confrontando nossos medos e ansiedades. É um convite para que crianças e adultos embarquem em uma aventura interior, onde a curiosidade e a imaginação são as maiores companheiras. Ao explorar temas universais como o medo do desconhecido e a importância de tomar decisões, o livro se torna um parceiro indispensável no desenvolvimento emocional e cognitivo dos leitores, inspirando-os a seguir em frente com coragem e determinação

Imagem 2: Montagem com imagens demonstrando o interior do livro.

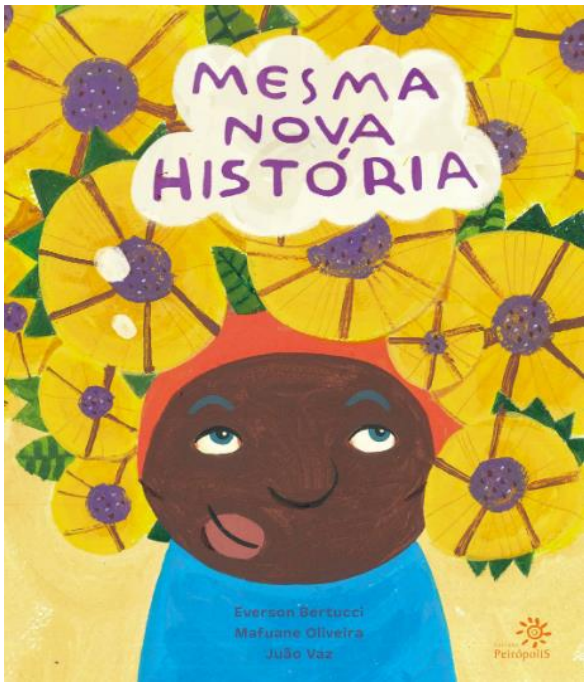
Fonte: Acervo do autor.

# Mesma nova história: uma jornada psicológica de autodescoberta e reconstrução do eu

**Bruna Portella**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)

BERTUCCI, Everson; OLIVEIRA, Mafuane. *Mesma nova história*. Ilustração Juão Vaz. São Paulo: Peirópolis, 2021.

Imagem 1: Capa da obra *Mesma nova história.*




Fonte: *Site* da Editora Peirópolis.

Everson Bertucci é um escritor e educador brasileiro, especializado na criação de obras destinadas ao público infantil e juvenil, nas quais trata de importantes temas ligados a esses públicos. Junto à Mafuane Oliveira, investigadora dedicada a assuntos como diversidade e práticas de ensino, com a parceria de Juão Vaz, ilustrador reconhecido por sua arte sensível e expressiva, os artistas apresentam um trabalho que instiga a reflexão acerca da identidade e das histórias de vida, no livro *Mesma nova história*.

A história da obra é fundamentada na ideia de repetição e mudança pessoal. A narrativa mostra um protagonista que, aprisionado em suas

rotinas e histórias de vida, procura formas de analisar sua própria trajetória. Cada nova tentativa de registrar sua experiência simboliza uma procura por sentido e recuperação. O trabalho emprega um método poético e ilustrações expressivas para destacar as sutilezas emocionais de uma viagem de autoconhecimento. Ao revisitar e dar um novo significado a momentos cruciais de sua vida, o personagem principal simboliza todos aqueles que, em algum momento, se sentem presos em suas narrativas repetitivas, mas que procuram uma visão alternativa para quebrar o ciclo de angústia.

A obra apresenta um enredo que pode parecer simples à primeira vista, mas que se revela profundamente complexo ao longo da leitura. Com uma apresentação visual refinada e diálogos que criam uma conexão emocional com o leitor, a obra destaca o valor das narrativas que construímos para nós mesmos e o impacto transformador de alterar nossas percepções. As ilustrações de Juão Vaz enriquecem a história, oferecendo não apenas um complemento visual, mas também uma camada interpretativa que estimula o leitor a aprofundar-se na narrativa. A obra explora temas essenciais como identidade e padrões de comportamento, trazendo à tona a importância de reconhecer componentes emocionais como frustrações, medos e expectativas nos momentos de autodescoberta e transformação. Esses momentos, em que o protagonista enfrenta vulnerabilidades e o desejo de mudança, tocam questões psicológicas importantes, como autoestima e busca por realização pessoal.

A obra ressalta a importância de enfrentar as "narrativas saturadas" que aprisionam o indivíduo em padrões ultrapassados. Essa ideia pode ser vinculada à terapia narrativa, na qual, de acordo com Vanessa Oliveira de Barros e Maria Aparecido Mamede de Quadros (2013), a trajetória de vida do paciente é reescrita para se adequar mais às suas aspirações e a um novo sentido de identidade.

Assim como muitas pessoas que enfrentam uma crise existencial, o protagonista se vê preso em um ciclo de fracasso e autossabotagem. Porém, ao longo da narrativa, ele é incentivado a reescrever sua história, revelando novos significados e perspectivas. A metáfora da “mesma nova história”, presente no título e ampliada (desenvolvida) no enredo destaca a ideia de que a transformação psicológica não exige apagar o passado, mas sim reinterpretá-lo, atribuindo novas significações às experiências e construindo uma nova visão do "eu". A trama aborda temas de resiliência, superação de traumas e a importância fundamental de reformular pensamentos, sejam eles automáticos e disfuncionais ou comuns, como

parte essencial do processo de reconstrução emocional. Essa mudança de perspectiva altera não só a percepção das próprias vivências, mas também a maneira como interagimos com o mundo e com nós mesmos.

*Mesma nova história* é uma obra de grande valor para a psicologia, relevante para refletir sobre identidade, transformação pessoal e ressignificação de experiências, traçando uma ponte entre literatura e o processo terapêutico.

## Referências

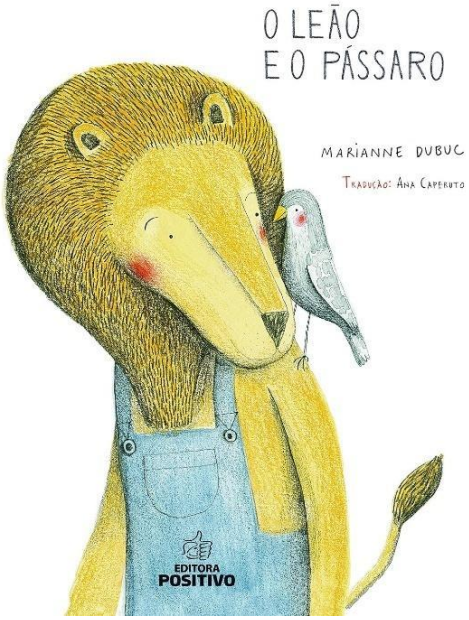
BARROS, Vanessa Oliveira de; PRADO, Maria Aparecida Mamede de. A ressignificação de narrativas pessoais na prática psicoterapêutica: aplicações da terapia narrativa. Revista Psicologia e Saúde, v. 5 n. 2, p. 85–95, 2013.

# Transições da vida: aceitando as experiências

**Dafni de Oliveira**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

DUBUC, Marianne. *O leão e o pássaro*. Tradução Gilda de Aquino.
Curitiba: Positivo, 2014.

Imagem 1: Capa da obra *O leão e o passarinho*.




Fonte: *Site* da Editora Positivo.

O livro *O leão e o pássaro* inicia mostrando o leão trabalhando no seu jardim de plantações. Quando ele ouve um barulho, olha para frente, e vê o pássaro acamado no chão, o leão entendeu que não poderia deixar de ajudá-lo, assim ele faz um curativo na asa do pássaro, mas quando termina percebe que os outros pássaros já haviam ido embora. O leão coloca o pássaro no meio dos seus cabelos e o leva para sua casa, dessa maneira, vivem diversos momentos juntos, dormem, comem, escovam os dentes juntos, esquiam e pescam, passando o inverno todo um ao lado do outro.

O verão reinicia e, as flores começam a aparecer e o pássaro começa a voar novamente, mas para a surpresa dos dois com a vinda do verão os outros pássaros voltam também, o leão percebe que precisa deixar o

pássaro seguir a viagem com os outros pássaros, ainda que tal escolha provoque a dor da perda, da separação. Com a partida do amigo pássaro junto ao bando, leão começa a sua rotina novamente sozinho, dormindo sozinho, comendo sozinho, cuidando do seu jardim.

O tempo passa, as estações mudam novamente e o pássaro retorna para junto de seu amigo para passar outro inverno ao seu lado.

Podemos destacar, numa breve análise, o ponto principal que o livro apresenta, com o leão simbolizando uma pessoa que consegue viver diferentes fases da vida, experimentando os sentimentos livremente, ao mesmo tempo que compreende que são ciclos naturais da vida, não ativando a sua defesa em relação às experiências. É possível sublinhar o viés experiencial da Psicologia Humanista, em que o leão aceita experiências de modo que ele consegue vivenciar congruência entre o seu Eu e a experiência.

Além disso, é importante destacarmos que as experiências foram representadas no livro como, a relação do leão com o pássaro, os momentos bons que viveram e necessária despedida, sem a certeza de que voltariam a viver outros momentos juntos

Observa- se que o leão conseguiu aceitar que era o momento de o pássaro ir embora, ele entendeu que para o pássaro ser livre e feliz ele teria que deixá-lo ir, mesmo isso representando uma perda para ele, é capaz de compreender que naquele momento, naquela fase da vida do pássaro ele precisava ir respeitando assim as diferentes fases da vida das personagens, representadas pelas estações do ano que o enredo apresenta.

Outro tema importante apresentado pela história é a empatia. Ouvimos muito sobre este termo, mas poucos sabem o que realmente é ser empático. O Leão mostrou muita empatia com relação ao pássaro, desde quando o resgatou, até quando o deixou ir conseguindo se pôr verdadeiramente no lugar do pássaro, e entender que ele precisava seguir com novas vivências. A empatia é crucial para uma boa aliança terapêutica, sendo um elemento crucial para a psicoterapia (Martins *apud.* Alves, 2017).

O livro apresenta para as crianças, de uma forma sensível e infantil, que a vida é feita de ciclos, fases, que são representadas pelas estações no livro, e que podemos experimentar cada uma dessas fases que a vida pode oferecer, inclusive por meio de relações genuínas, que se deu no livro a relação do pássaro e o leão. Também ensina para as crianças que vão existir momentos em que será doloroso deixarmos algo ou alguém ir, mas que por muitas vezes tal circunstância se fará presente na vida.

## Referências

MARTINS, Julia Santos; OLIVEIRA, Luna Singulani; VASCONCELOS, Rosa Cristina da Costa e CARVALHO, Ana Lúcia Novais. Empathy and therapeutic relationship in cognitive psychotherapy: a systematic review. **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva.** [online]. 2018, v. 14, n. 1, p. 50-56. Disponível em: https://doi.org/10.5935/1808-5687.20180007. Acesso em: 18 out. 202

# Mundo sombrio: o silêncio que mora em mim

**Dulce Denize Palinski**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

OUIMET, David. *Eu fico em silêncio*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

Imagem 1: Capa da obra *Eu fico em silêncio*.

Fonte: *Site* da Editora Companhia das Letrinhas

David Ouimet nasceu nos Estados Unidos em 1965, é artista, escritor e músico. Foi integrante das bandas *Policial atira em policial*, *Inseto Mãe*, *Água de fogo*, e *Enxofre*. Além disso, ilustrou capas de CDs e se destacou como ilustrador de livros. Em 2015, iniciou no campo da modelagem, com participações em revistas, outdoors e grandes campanhas publicitárias internacionais. Em 2017, seu trabalho foi selecionado para a Sociedade de Ilustradores Anual 59 e foi exibido no Museu de Ilustração Americana, em Nova York. Em 2019, seu primeiro livro como autor e ilustrador *Eu Fico em Silêncio*, foi publicado em vários países. Foi traduzido e lançado no Brasil em 2021.

A obra em questão retrata a história de uma jovem tímida e introvertida que busca o seu lugar no mundo. A história se apresenta entre falas e ilustrações que apresentam o mundo interior da jovem, que por meio da imaginação sonha que sua voz algum dia seja ouvida, que ela seja compreendida.

Para a jovem os livros representam um mundo de possibilidades, ela é levada para outras dimensões, onde se percebe fazendo parte do mundo, reconhecendo que não é tão diferente quanto acredita ser. As ilustrações se apresentam sob um tom sombrio, nas quais a jovem ganha destaque na maioria das páginas. Essa tonalidade de cores caracteriza os aspectos emocionais da jovem e representam sua voz, já que conhecemos a história por meio da narração em primeira pessoa, isto é, ela se comunica diretamente com o leitor, possibilitando um contato íntimo, já que muitos leitores lograrão identificação imediata com a personagem narradora.

Essa obra ilustrada, possui uma escrita de fácil compreensão, acompanhada por imagens no plano de fundo que dialogam com os pensamentos e as falas da personagem podendo ser direcionada tanto para leitores adultos, adolescentes como para crianças. O leitor é provocado a olhar para si mesmo, e para o vazio que o envolve. Essa leitura possibilita olhar para temas como *bullying*, depressão, sofrimentos emocionais e baixa autoestima e apresenta indícios de que é possível vencer esses desafios, por meio da reconexão consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Para aqueles leitores que enfrentam a depressão, o livro se mostra como um espaço de acolhimento, uma companhia para os momentos de sofrimento e angústia. Além disso, aborda o silêncio como uma ferramenta positiva e necessária para se conectar consigo mesmo, entender o seu funcionamento e assim conseguir lidar melhor com as emoções que está sentindo.

Ainda, adolescentes e crianças, que estão passando por um processo de sofrimento emocional podem se identificar com a história da personagem e encontrar características semelhantes, nessa perspectiva se organiza a partir do enredo e se conecta com seus sentimentos conseguindo expressá-los, elaborando suas angústias, visualizando um caminho mais otimista em relação às suas necessidades emocionais.

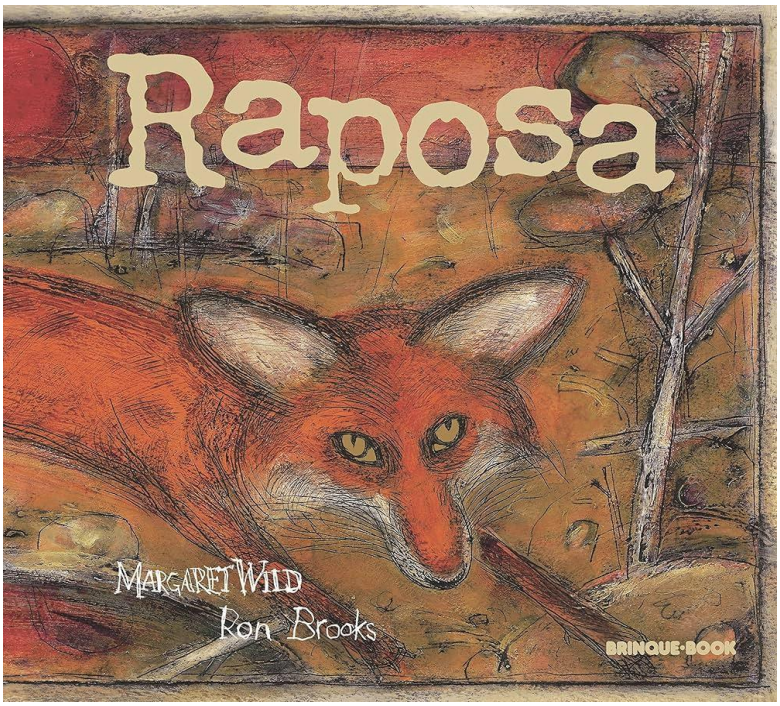
*Eu fico em silêncio* oferece um mergulho profundo nos desafios emocionais e auxilia o leitor no desenvolvimento de habilidades mesmo diante dos obstáculos. O cenário contribui para uma compreensão mais próxima da realidade com as vivências.

# Raposa: lealdade e liberdade

**Eduarda Sandra Costella Debastiani**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

WILD, Margareth. *Raposa*. Rio de Janeiro: Brinque-Book, 2005.

Imagem: 1 – Capa da obra *Raposa*




Fonte: *Site* da Editora Brinque-Book.

*Ao anoitecer, quando o ar fica perfumado com o aroma das flores,*
*Cão e Gralha descansam na entrada da caverna,*
*desfrutando da companhia um do outro.*
*Vez por outra, Raposa participa da conversa dos dois,*
*mas Gralha percebe seu olhar, sempre dirigido para ela.*
*E, à noite, seu cheiro parece penetrar na caverna*
*– um cheiro de raiva, inveja e solidão.*
*Margareth Wild*

*Raposa*, de Margaret Wild, é uma fábula que explora temas como amizade, lealdade, traição, manipulação e independência. Publicado em 2005, o livro é uma obra infantojuvenil, mas traz profundidade que cativa

leitores de todas as idades, conjuntamente com ilustrações ricas e expressivas de Ron Brooks, que contribuem para a intensidade emocional da narrativa.

Margaret Wild é uma renomada autora australiana de literatura infantil e juvenil, conhecida por suas histórias que abordam questões emocionais e psicológicas. Ao longo de sua carreira, Wild escreveu mais de 70 livros, muitos deles focados em temas como perda, solidão e resiliência. Uma das escritoras mais celebradas da literatura infantil australiana, recebendo prêmios e reconhecimento tanto na Austrália quanto internacionalmente.

*Raposa* narra a história de três personagens centrais: Cão, Gralha e Raposa. A narrativa inicia-se com Gralha, que, devido a uma asa queimada, perde a capacidade de voar, sendo resgatada por Cão, que também possui suas limitações, já que perdeu um dos olhos. Juntos, desenvolvem uma relação de interdependência e apoio mútuo – Cão carrega Gralha em suas costas, proporcionando-lhe a sensação de liberdade de voar que outrora possuía e Gralha, ajuda-o a lidar com sua própria deficiência. "Voa, Cão, Cão, voa! Eu serei o olho que lhe falta, e você será minhas asas" (Wild, 2005, p. 16).

No entanto, a chegada de Raposa introduz uma ameaça à solidez dessa amizade. Raposa, uma figura envolta em mistério, desperta em Gralha sentimentos ambíguos, fruto de sua natureza selvagem e independente. Ao longo da história, Raposa manipula as vulnerabilidades emocionais de Gralha, exacerbando seu desejo por liberdade e autonomia, ao mesmo tempo em que busca romper a conexão afetiva entre os dois amigos pela busca por algo além do que a amizade oferece, que até então parecia inabalável. Raposa, caracterizada por seu mistério e natureza selvagem, gradualmente começa a exercer uma influência sutil sobre Gralha, seduzindo-a com promessas de liberdade e aventuras que parecem inatingíveis na relação de dependência com Cão. Naquela noite, enquanto Cão dormia, Raposa sussurrou para Gralha: – Eu corro mais depressa do que Cão. Mais depressa do que o vento. Deixe o cão e venha comigo. Gralha respondeu: – Nunca deixarei Cão. Sou o olho que lhe falta, e ele é as minhas asas. (Wild, 2005, p. 23).

Embora Cão tenha salvado Gralha e se mostrado um companheiro leal, Gralha considera a proposta de Raposa e em um momento de vulnerabilidade, acaba traindo a confiança de Cão, optando por abandonar seu amigo e seguir a Raposa, acreditando ilusoriamente que esta escolha levaria ao futuro prometido.

Raposa leva Gralha para o deserto, onde o abandona cruelmente, revelando suas verdadeiras intenções: de separá-lo de Cão. Gralha, agora sozinha, percebe seu erro e a profundidade da amizade que deixou.

Então Raposa sacode Gralha de cima de suas costas, como se tirasse uma pulga, e sai andando. Ela se vira, olha para Gralha e diz: – Agora você e Cão saberão o que é a solidão. E então ela some. Em meio ao silêncio, Gralha ouve um grito ao longe. Ela não sabe se é um grito de vitória ou de desespero. (Wild, 2005, p. 28)

A narrativa de Wild é simples e direta, mas carregada de simbolismos e metáforas profundas sobre a natureza da amizade, do desejo de liberdade, e da traição, juntamente com as complexidades da convivência. As ilustrações de Ron Brooks complementam o texto, ao mesmo tempo que o ampliam  já que intensificam as emoções sentidas pelos personagens, fazendo o leitor (fruidor/leitor das ilustrações) encontrar, por meio dela, camadas mãos densas e complexas da narrativa. Isso porque, as imagens utilizam cores fortes, predominantemente quentes e terrosas, que criam um contraste dramático entre os personagens e os cenários, refletindo os conflitos internos e as emoções dos protagonistas.

A escolha dos elementos visuais ressalta o estado emocional de cada personagem. As ilustrações não apenas acompanham o texto, mas enriquecem a interpretação emocional, criando uma experiência visualmente intensa que dialoga com os temas centrais da obra. Além disso, as paisagens áridas reforçam o clima de isolamento e incerteza que permeia a história, oferecendo ao leitor um vislumbre mais profundo do mundo psicológico que os personagens habitam.

O livro explora temas psicológicos, como o sentimento de pertencimento, a luta interna entre lealdade e o desejo de liberdade, a manipulação emocional, a solidão e a traição. Toca em questões como o trauma (representado pela incapacidade de Pássaro voar), a busca por independência emocional e a manipulação psicológica (com a tentativa de Raposa de separar os dois amigos), Gralha representa a luta entre a gratidão e a lealdade ao Cão, e o desejo por independência e liberdade que Raposa simboliza. Apresenta também uma reflexão sobre a natureza e fragilidade das relações interpessoais e os conflitos internos que surgem quando se busca equilíbrio entre dependência e liberdade.

O livro aborda de forma sutil a perda, solidão e traição, questões comuns em processos de crescimento emocional. A complexidade emocional dos personagens permite que os leitores, especialmente os

jovens, identifiquem-se com as lutas internas de Gralha e Cão, reconhecendo nelas suas próprias experiências. *Raposa* de Margaret Wild é uma obra poderosa e comovente, que vai além da simples narrativa infantil, que, ao abordar temas psicológicos complexos com delicadeza e profundidade, convida leitores de todas as idades a refletirem sobre suas próprias relações, emoções e vivências.

# Entre cores e vagalumes: uma história de autodescoberta

**Emily Picinin**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

BERTUCCI, Everson. *A senhora da casa azul*. Petrópolis: São Paulo, 2024.

Imagem: 1 – Capa da obra *A Senhora da Casa Azul.*

Fonte: *Site* da Editora Petrópolis

Everson Bertucci, natural do Paraná, é professor de arte da rede municipal de Balneário Camboriú. Foi vencedor do prêmio Literário Sesc Criança de 2023, de Santa Catarina e do prêmio Alfredo Fernandes, de Manaus. Foi finalista do prêmio Jabuti e do prêmio João-de-barro de literatura para crianças e jovens de Belo Horizonte. Atualmente possui três livros infantis publicados: *A senhora da casa azul*, *Mesma nova história* e *Eugênio*.

A obra *A senhora da casa azul* possui uma escrita fluida, repleta de detalhes e sensibilidade, possibilitando a imersão no ambiente rural e nas emoções das personagens. A construção da ambientação transforma a casa

azul em uma personagem à parte, simbolizando tanto refúgio quanto prisão. Bertucci utiliza uma linguagem poética, que reflete a inocência e curiosidade de Nico, e, ao mesmo tempo, transmite as inquietações de Georgina.

As ilustrações de Juão Vaz são complementares à narrativa, adicionando uma camada visual que enriquece a interpretação da história. Com a convergência de traços delicados e cores que evocam a atmosfera da trama, as ilustrações auxiliam na criação dos personagens e dos cenários, expressando emoções e nuances que complementam a narrativa.

O livro relata a história de Nico, um garoto que convenceu seus pais a construírem uma casa na árvore no sítio de sua bisavó, Georgina, e de seu bisavô. Conforme a casa da árvore começa a ganhar forma, Georgina encontra-se imersa em reflexões sobre a sua vida, contemplando as fotos expostas nas paredes da casa azul. Essa cor, escolhida por seu marido para pintar a casa que moram, simboliza a tradição e a continuidade familiar.

Quando Nico questiona se a bisa nunca pensou em pintar a casa de outra cor, Georgina percebe que nunca considerou as suas próprias preferências. Essa conversa desencadeia profundas reflexões, levando-a a questionar a sua identidade e os desejos que sempre deixou em segundo plano, priorizando as vontades do marido. Durante a manhã, Georgina questiona o marido sobre a possibilidade de pintar a casa de outra cor. O marido deixa claro que, enquanto ele morar ali, a casa vai permanecer azul.

Enquanto voltam para casa, durante o período de colheita de frutas na primavera, Nico e Georgina fazem uma parada em uma árvore de amoras. Nico compartilha com a bisa que associa a cor das amoras à felicidade, e Georgina concorda, dizendo que essa pode também ser a sua cor favorita. Através de diálogos simples, Nico lhe ensina sobre a importância de saber o que quer, e juntos eles exploram a ideia de que cada um pode ter a sua "cor da felicidade". Esse momento leva Georgina a ponderar sobre suas próprias preferências, incentivando-a a se voltar para a auto exploração e a questionar os momentos em que não conseguiu expressar o que realmente desejava.

Quando chega o dia da inauguração da casa da árvore, apesar de o biso já ter decidido a cor da pintura, Nico pede que Georgina escolha as cores para a construção. Determinada a dar espaço para as suas próprias escolhas, Georgina se une a Nico para pintar a casa, simbolizando uma nova fase de liberdade e autodescoberta. Ao anoitecer, os dois caminham para casa sob a luz dos vagalumes, dando início a uma nova jornada.

A narrativa de Bertucci revela a profundidade das relações interpessoais e as repercussões de escolhas individuais. Ao explorar as complexas dinâmicas que moldam as vidas das personagens, ele ilustra como desilusões e rigidez podem gerar interações que resultam no afastamento e na solidão.

A casa azul se torna um símbolo para essas relações, servindo como um espaço de acolhimento e de reclusão. O ambiente familiar transforma-se em um palco para conflitos, em que as dinâmicas de poder e o silêncio adquirem uma importância equivalente às palavras. A sensação de aprisionamento que Georgina experiencia exemplifica essa tensão, a cor azul, escolhida pelo marido, simboliza estabilidade e limitação.

Assim, o autor aborda a busca pela identidade e pelo pertencimento, destacando a influência da sociedade e do passado na formação do eu. A conversa entre Nico e Georgina sobre as "cores da felicidade" exemplificam essa busca, permitindo que Georgina questione as suas próprias preferências, algo que até então havia sido negligenciado.

A narrativa também pode ser analisada sob a luz do feminismo, revelando a jornada de autodescoberta e de empoderamento de Georgina, refletindo a busca feminina por identidade em ambientes por expectativas e tradições patriarcais, que tentam limitá-las (juntar com o próximo).A história começa com Georgina vivendo sob a sombra das decisões do marido. A decisão da cor da casa em que compartilham simboliza a tradição e a continuidade familiar, indicando que a sua identidade e preferências estão subordinadas às vontades masculinas.

A simples indagação do bisneto, se Georgina já considerou pintar a casa de outra cor, a levou a uma reflexão profunda, revelando que ela nunca havia refletido sobre as suas próprias preferências. Esse momento marca um ponto de virada, em que a voz feminina começa a emergir, ainda que de forma hesitante.

O questionamento de Nico age como um catalisador para a auto exploração de Georgina, levando-a a questionar aspectos de sua identidade e os anseios que deixará em segundo plano. O confronto com o seu marido sobre a cor da casa revela sua crescente assertividade, porém, a sua resposta – de que, enquanto morasse ali, tudo permaneceria como está – ressalta a dinâmica de poder presente na relação, evidenciando as limitações enfrentadas pelas mulheres ao tentarem afirmar as suas próprias vontades.

As interações entre Nico e Georgina simbolizam a conexão intergeracional e de aprendizagem mútua. Nico representa a nova geração, ensinando a Georgina sobre a importância de conhecer as suas próprias vontades, elucidando a ideia que cada um pode ter a sua própria "cor da felicidade". Essa dinâmica sugere uma mudança de paradigma, em que as mulheres podem reivindicar suas vozes e desejos.

A inauguração da casa da árvore torna-se um símbolo de liberdade e de autodescoberta. Ao escolher as cores para a construção, Georgina afirma a própria identidade. Junto a Nico, ela pinta a casa, simbolizando uma nova fase em sua vida, valorizando as suas escolhas. O retorno para casa, iluminado pela luz dos vagalumes, simboliza o início de uma jornada mais iluminada e autêntica.

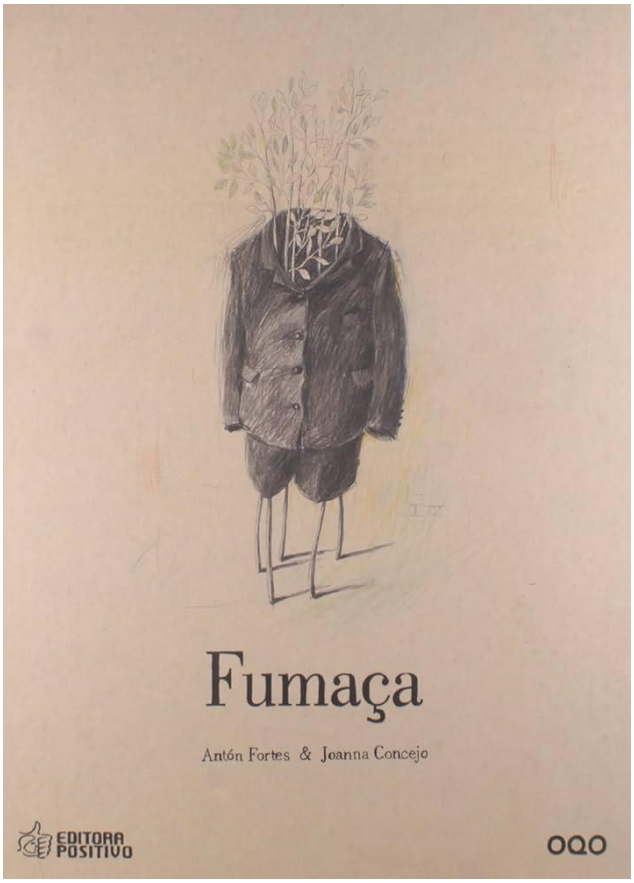
Assim, o texto reflete a luta feminina por autonomia, identidade e liberdade em um contexto familiar e social que frequentemente impõe limitações. A narrativa enfatiza a importância da auto exploração e da expressão dos seus próprios desejos, convidando o leitor a refletir sobre as suas próprias experiências e a complexidade das relações, reconhecendo como as escolhas individuais podem ser tanto libertadoras quanto limitantes.

# Memórias traumáticas: os ecos que ecoam

**Fernanda Batalha Caetano**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

FORTES, Antón. *Fumaça*. Tradução Marcos Bagno.
Ilustrações Joanna Concejo. Curitiba: Positivo, 2011.

Imagem 1: Capa da obra *Fumaça.*




Fonte: *Site* da Editora Positivo.

Antón Fortes nasceu em 1957 em Sarria, província de Lugo, na Espanha. Estudou filologia românica, galego-português e hispânica na Universidade de Santiago, além de estudar literatura e línguas em Montpellier e Letras na faculdade Coimbra e Lisboa, é escritor, professor e político galego. Em 2009 ganhou o prêmio *White Ravens*, que é concedido pela Biblioteca Internacional da Juventude, de Munique que seleciona apenas 200

livros ao redor do mundo, pelo livro *Fumaça*, escolhidos para esta resenha. Além do prêmio mencionado, o escritor recebeu outros prêmios por outras obras literárias.

O livro inicia com as ilustrações de Joanna Concejo, ilustradora polonesa com fotos, lembranças de famílias, vidas e histórias que passaram pelo mesmo caminho que o personagem principal passará.

Ele se encontra em fila, silêncio, com malas, tem guardas vigiando, diferente das viagens que faziam à praia. Ao chegar no destino, o garoto que não tem o nome mencionado no livro, mas que as ilustrações deixam claro que agora são apenas números, se vê sendo separado do pai, ficando com a mãe em outra fila. São levados a casa de número 48, com camas velhas de madeira e palha, irão dividir com várias mães e filhos. Tem também uma casa com fumaça, as mamães dizem que quem vai para lá, vai morar no céu, mas ele não quer ir ainda que passe fome e frio, prefere ficar.

A história segue sendo contada na perspectiva do menino, sua mãe sempre tentando disfarçar a realidade, sendo otimista para ele, sempre que pergunta do pai, a mãe diz que está trabalhando. A mãe se preocupa, não quer que ele adoeça, deixa de comer para dar a ele sua comida.

Surge um personagem secundário, Vadio, o texto não deixa claro sua história, e sua origem, talvez cigana, mas o que importa é que ele é seu amigo. Vadio sofre, pois está fraco, não tem ninguém e sempre é perseguido pelos guardas, como quando apanha por deixar cair um balde de água, por exemplo.

Entre realidade e imaginação, o garoto ainda sonha com a casa antiga, com a bola e a grama verde, sente saudades do pai. Mas a realidade o traz de volta, as mortes em sua frente, as coronhadas e os cães que latem e mordem. A mãe trabalha arrumando as malas, provavelmente são as malas dos que vão chegando, ela está sempre cansada.

Nas últimas páginas ele e Vadio são levados para a casa da chaminé, tem cheiro horrível e fumaça, os guardas dizem que eles irão tomar banho para matar os bichos que correm nos seus corpos, ele ainda se preocupa em deixar a roupa organizada para que ninguém pegue e sua mãe não brigue com ele depois.

O livro termina com o fechar das portas, fica escuro, ele dá a mão ao Vadio, seu único amigo…

*Fumaça* explora a experiência do trauma de um garoto contada a partir de sua perspectiva. O livro é direcionado para o público infantil, porém trazendo um tema extremamente fraturante, levantando questões sobre a

presença de assuntos tão fortes ao público infantil. Antón combina imagens com palavras para simbolizar a experiência vivida pelo garoto, trazendo também o conceito de pós memória, que se refere à influência de memórias de gerações anteriores sobre as mais novas, mesmo que não tenham vivido essas experiências.

A obra estabelece forte conexão entre o texto de Antón e duas fontes visuais: a arte surrealista e as fotografias do holocausto. Não é uma leitura de fácil digestão, não é colorido, não tem risos, não tem fantasia de bichinhos que falam ou arrumam uma solução, não tem super-herói, não há um final feliz.

No contexto do Holocausto, a memória traumática narrada pelo menino não se limita a um único povo, ela afeta toda a humanidade e refletir esse extermínio humano que foi motivado por uma lógica de ódio é essencial, especialmente agora, quando discursos extremistas estão crescendo e promovendo soluções simples para problemas complexos.

Esses discursos muitas vezes excluem e desvalorizam a vida humana, ignorando a diversidade que reside justamente em sua pluralidade. Os ecos do Holocausto ressoam até hoje, a busca por uma verdade única, que rejeita qualquer diferença, está presente em nosso dia a dia alimentando ódio contra minorias como pessoas LGBTQIA+, mulheres, negros e pessoas com deficiência, por isso a importância da inclusão e discussão sobre temas tão relevantes no âmbito a partir da infância.

Enfim, uma obra necessária para o público como um todo apesar de ser destinada ao público infantil, *Fumaça,* de Antón Fortes nos desperta sensações, não as boas e prazerosas, mas traumáticas sobre nossas histórias como humanidade, no intuito de trazer reflexão e sensibilização. A narrativa do garoto nos faz pensar sobre como a percepção do ambiente muda nossa perspectiva, como muitas vezes somos "protegidos" para não vermos o que de fato está acontecendo ao nosso redor.

A máxima que "precisamos conhecer a história para que ela não se repita" nunca se fez tão presente e necessária, com tantos meios de comunicação, propagação de informação e muitas formas das nossas crianças serem levadas por discursos de um ideal perfeito, mas maquiado para esconder sangue e lágrimas, assim como foi feito na época do nazismo.

O livro começa com imagens de fotografias e um papel de seda semidobrado, dando alusão que a página está sendo virada e termina do

mesmo jeito, nos lembrando que essa foi mais uma dentre tantas outras histórias que já passaram, mas também vieram depois.

Fica, então, o convite à reflexão: de quem somos protegidos? Como estamos narrando nossa história? Quem tem sido o Vadio que irá segurar nossa mão quando tudo se apagar? Será que estamos fazendo parte de algum discurso de exclusão ou extremista? Será que já fomos algum soldado com cães que latem e mordem? Quantos porquês entram aqui e mais quantos são necessários a serem levantados?

# Os passeios no passar da vida

**Giovana Dassoler Capeletti**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

LUGONES, Pablo; RAMPAZO, Alexandre. *O passeio*. São Paulo: Boitatá, 2014.

Imagem: 1 – Capa da obra *O passeio.*

Fonte: *Site* da Editora Pulo do Gato.

O livro ilustrado *O passeio*, enquadra-se nos gêneros infantil e infanto-juvenil, é uma obra de Paulo Lugones, autor argentino, radicado no Brasil, lembrado pelo estilo poético com nuances emocionais e, Alexandre Rampazo, escritor e ilustrador brasileiro, formado em Design pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, famoso pelo estilo minimalista com traços que dialogam com leitores infantis até adultos, destaque pelo livro *A cor de Coraline*, o qual escreveu e ilustrou.

A linguagem simples e direta, apresenta-se na obra com frases curtas que parecem conversar plenamente com a totalidade, contemplando o ritmo do passeio. O projeto gráfico cria uma experiência sensível, colocando em diálogo texto verbal e toda a visualidade construída pela escolha pelo livro na horizontal, pela delicadeza das ilustrações, pelas cores menos carregadas, conseguindo transmitir sentimentos ao leitor/fruidor do livro.

De forma direta a narrativa apresenta o passeio de bicicleta, mas a experiência literária que cada leitor vive é única, o tema parece ser universal, no entanto a subjetividade faz ver com uma lente singular justamente capaz de faz-me refletir sobre muitos passeios da vida.

Com a frase "Você está preparada filha?", penso: Como é estar preparada para se soltar da segurança das rodinhas de apoio para o equilíbrio de duas rodas? Como é estar preparada para a passagem da vida? Parece um movimento importante e, parece mais fácil quando o apoio permanece, nesse caso, personificado na importante figura de um pai.

A confiança que a criança cria em suas figuras de referência são peças-chaves para se manter em equilíbrio na bicicleta. No início a estabilidade e até a direção parecem ser uma necessidade que ampara a insegurança e o medo, isso se revela pela imagem do pai apontando o dedo para o horizonte e da bicicleta trêmula com a menina de postura curvada e firme. Assim que ela consegue se soltar, a liberdade parece bater com o vento e se aproximar de asas que voam sozinhas, mas com companhia. Quando o pai anda ao seu lado, oferece apoio, quando anda na frente, ainda está ali para oferecer segurança. Mas a decisão, agora que já havia crescido, partia dela, enfrentar o medo e seguir.

A companhia da liberdade oferece muitas possibilidades, ela naturalmente te aproxima da sua identidade, e pode te fazer seguir no seu ritmo para onde quiser chegar. Te possibilita escolher se distanciar ou manter-se por perto. E assim a vida passa, em meio a subidas que exigem mais pedaladas e descidas que possibilitam os pés soltos.

A dualidade, característica pertencente à vida em seu todo, aparece quando pode-se escolher correr contra o tempo e com a passagem natural da vida, já que parece ser bem difícil perceber a proximidade do fim. Ou, ainda, escolher passar esse mesmo tempo vivendo a cada momento, o aqui e agora, sabendo "desfrutar a paisagem".

Nesse ínterim, a borboleta, imagem presente ao longo do livro, revela-se de forma quase despercebida, e nos lembra de temas como a metamorfose, que circula os indivíduos em particular, como também a relação dos dois, que se molda a cada momento compartilhado. As suas doces asas, remetem a sensibilidade e a ternura no olhar da menina sobre o novo, ademais, como isso reflete no pai, que mantém a leve essência da infância.

O tempo desacelera, à medida que, o livro e a vida do pai, terminam. A morte é associada à escuridão, a perda de alguém parece criar um vazio

impreenchível, mais quando esse alguém preencheu tanto durante a sua presença viva. Talvez aqui esteja o ápice do que se chama de tema fraturante: perceber que o passeio não dura para sempre.

No entanto, o que tornou o cenário melancólico é ressignificado e passa à lembrança. Agora, o voo se direciona para outro horizonte, um novo começo vive. Chegou a vez da menina levar o filho passear.

# Entre o medo e a superação: *Os sete patinhos na lagoa* como recurso para trabalhar temas fraturantes na infância

**Hebélia Michalski de Almeida Ferraz**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

RITER, Caio**.** *Os sete patinhos na lagoa*. Ilustrações Laurent Cardon. São Paulo: Biruta, 2012.

Imagem1: Capa da obra *Sete patinhos na lagoa.*

Fonte: *Site* da Editora Biruta

Caio Riter é um escritor brasileiro nascido em Porto Alegre, conhecido por suas contribuições à literatura infantil e juvenil. Graduado em Letras, com mestrado e doutorado em Literatura Brasileira, ele tem uma sólida carreira acadêmica e uma vasta produção literária. Entre suas obras mais conhecidas estão *O Rapaz que Não Era de Liverpool, Pedro Noite, Meu pai não mora mais aqui, As luas de Vindor* e *Eu e o silêncio do meu pai*, que refletem sua habilidade de lidar com temas delicados de forma acessível ao público

infantil e juvenil. Riter recebeu vários prêmios incluindo o Açorianos de Literatura, o Orígenes Lessa, o 1º Barco a Vapor e foi finalista do Jabuti.

No seu livro *Os sete patinhos na lagoa,* temos a história dos personagens do título que nadavam "de lá para cá" até chegar o jacaré Barnabé, que tenta devorá-los. Para saciar sua fome, o enorme jacaré recorre a diversas artimanhas. Às vezes, ele se esconde no fundo da lagoa, outras vezes, usa diferentes disfarces, enquanto vai engolindo os pequenos filhotes um a um. Algo a se destacar é que o vilão atrai e estabelece um relacionamento com cada vítima conforme os seus desejos, como por exemplo, identificamos o anseio pela fama, a carência, a busca por segurança e a paixão pelo doce, afinal, quem não gosta de doce?

Construindo uma narrativa em versos rimados, a história, que é uma parlenda cumulativa, apresenta um final alternativo em que os patinhos não desaparecem, mas, sim, com o auxílio de uma simples pena vencem o jacaré comilão, trazendo uma mensagem positiva sobre a astúcia e superação. O livro, indicado para crianças entre 4 e 5 anos, foi premiado na categoria Livro para Criança da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2014 e faz parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), do Governo Federal, do mesmo ano. Com ilustrações vibrantes e uma narrativa envolvente, a obra proporciona uma experiência rica e divertida para os jovens leitores.

Em relação a elementos psicológicos a história aborda sentimentos como o medo e a insegurança, com o jacaré representando uma ameaça que os patinhos precisam enfrentar. A narrativa sugere a importância da inteligência e da coragem, à medida que o último patinho, mesmo em desvantagem, com uma ideia sutil consegue superar o temido Barnabé. Este tema da luta do bem contra o mal é recorrente na literatura infantil, mas com Riter (2014) é possível observar uma das maravilhas da literatura, a capacidade de existirem as reviravoltas, bem como a de transformar uma tragédia em algo inusitado e aderir, em seguida, à leveza, chegando quase ao humor.

As ilustrações desempenham um papel crucial na narrativa, utilizando cores contrastantes para distinguir os personagens: o jacaré é retratado em verde e os patinhos em amarelo. Essa escolha de cores facilita a identificação dos personagens e contribui para a clareza visual. A tipografia utilizada, em caixa alta e com um estilo caligráfico, foi pensada para facilitar a leitura, especialmente para leitores de menor idade, reforçando a ideia de que a clareza é fundamental para uma leitura fluida

O agrupamento dos patinhos em movimento de mesma direção cria uma unidade visual, que é quebrada no momento do ataque do jacaré, simbolizando a fuga e o desespero. A caracterização dos personagens também é significativa: enquanto os patinhos são mostrados de forma simples e unificada, o jacaré é detalhado, com ênfase em sua boca cheia de dentes afiados, criando um contraste visual que reforça sua figura ameaçadora.

A ilustração também utiliza elementos simbólicos, como as penas que aparecem ao longo da narrativa e que se tornam essenciais para o desfecho final, quando um patinho esperto engana o jacaré. Através desse gesto astuto, a história enfatiza a importância de estar atento e agir com inteligência, mesmo em situações adversas.

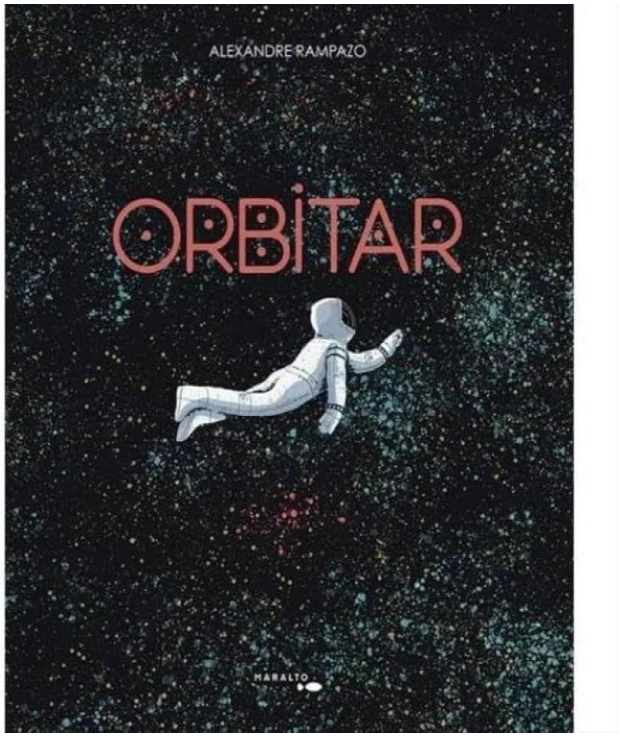
*Os sete patinhos na lagoa* é uma obra rica em simbolismo e ensinamentos, abordando temas como medo, relacionamento, ameaça, coragem, confiança, cuidado, unidade e superação. Com narrativa envolvente e ilustrações criativas, o livro se destaca como uma excelente ferramenta para introduzir crianças a conceitos importantes de forma lúdica. A inteligência e a astúcia dos patinhos, que conseguem superar um vilão esperto e traiçoeiro, trazem uma mensagem de esperança e encorajamento, tornando a leitura uma experiência prazerosa e significativa. No final, todos permaneceram na lagoa, mas cada um em uma parte, respeitando o espaço do outro.

# Do cordão à imensidão: o nascimento, a família e o luto.

**Janaína Suszek**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

RAMPAZO, Alexandre. *Orbitar*. Curitiba: Editora Maralto, 2021.

Imagem: 1 – Capa da obra *Orbitar.*




Fonte: *Site* da Editora Maralto.

O livro *Orbitar*, do ano de 2021, foi escrito e ilustrado pelo designer e autor paulistano Alexandre Rampazo, que nasceu no ano de 1971 na cidade de São Paulo (capital), onde reside até hoje. Alexandre formou-se em Design pela Faculdade de Belas Artes em São Paulo, e passou boa parte de sua atuação trabalhando como Diretor de Arte e Designer, onde desenvolvia projetos gráficos. O artista foi nacionalmente reconhecido e premiado por suas obras, recebendo prêmios como o Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), por 6 vezes vencedor; o Selo Altamente Recomendável da mesma instituição, o Prêmio Jabuti, entre outros. Recebeu reconhecimento internacional com as distinções: *IBBY Honour List*

2022, na Suíça, o *Premio Fundación Cuatrogatos*, nos Estados Unidos; o prêmio para Projeto Literário no Cannes Lions, 2016, na França, entre outras.

O livro em questão é uma obra literária destinada ao público infantil e juvenil que se destaca pelo poder de suas ilustrações, em harmonia com uma narrativa verbal poética. Embora breve, a história aborda temas profundos em uma jornada repleta de metáforas que convidam tanto crianças quanto adultos a refletirem sobre a existência humana.

A trama segue um pequeno astronauta, que flutua sozinho no espaço sideral, iluminado pelas estrelas. O cenário do espaço pode servir como metáfora tanto para o isolamento quanto para a liberdade, capturando a imensidão da vida. O astronauta, no início de sua jornada, parece estar ligado a uma nave, podendo ser uma referência simbólica ao vínculo inicial com algo maior, possivelmente sua mãe, visto que o cordão que o conecta se desprende logo em seguida. Esse rompimento ressalta o tema da separação, um ponto central na história, representando a transição do ser para a independência e a sensação de saudade que acompanha esse processo.

Em um momento tocante da narrativa, ele encontra outro astronauta que lhe oferece uma flor, e ela pode ser interpretada como um símbolo de amor, esperança e humanidade, elementos que transcendem a solidão vivida pelo pequeno astronauta. A figura que lhe entrega a flor promete apontar caminhos e preenchê-lo de amor, no entanto, logo em seguida, esse segundo astronauta desaparece, deixando o protagonista novamente entregue à sua solidão, o que pode ser uma metáfora para os encontros e desencontros, além de fases da vida.

O espaço, com sua imensidão e silêncio, amplifica o sentimento de busca existencial e de saudade por algo perdido, talvez o planeta ao qual o pequeno astronauta se refere. Essa saudade pode simbolizar tanto o desejo de reconectar-se com suas origens quanto o anseio por encontrar um propósito ou um sentido maior. Em determinado ponto da história, o astronauta chega a uma porta próxima ao sol, que tradicionalmente associado à luz, à vida e ao renascimento, pode representar um ponto de transição. O que está além dessa porta não é revelado diretamente, mas a narrativa termina com uma imagem profundamente simbólica: uma mulher grávida, segurando o astronauta em seus braços. Essa cena final pode ser interpretada como um retorno à origem, sugerindo um ciclo de nascimento e renascimento, onde a jornada do astronauta permeia no reencontro com o amor materno. Essa última cena oferece um fechamento poético à história,

simbolizando o retorno ao ventre, à proteção e ao calor da mãe. A gravidez da mulher pode representar não apenas o início de uma nova vida, mas a eterna renovação do ciclo da vida, onde cada separação é seguida por um novo começo.

A obra instiga o leitor a refletir sobre diversos temas profundos já mencionados anteriormente, mas neste momento, me concentrarei em quatro: o nascimento, o luto, o ciclo vital e o processo de separação/individualização. Em minha interpretação, o nascimento trata-se do tema central do livro. O astronauta, que pode ser visto como uma representação simbólica de um bebê, está inicialmente ligado a uma nave invisível – uma metáfora para o cordão umbilical e o vínculo primordial com a mãe. Quando esse cordão se rompe, o astronauta flutua sozinho pelo espaço, numa clara alusão ao processo de nascimento: o momento em que o bebê se separa fisicamente da mãe e inicia sua jornada como um ser autônomo no mundo.

Seguido do nascimento, é possível refletir sobre o luto, que o autor aborda de maneira delicada: o luto aqui não é pela morte, mas sim pelo desprendimento físico entre mãe e filho. A Teoria do Apego, proposta por John Bowlby (1988), descreve a relação entre mãe e filho como fundamental para o desenvolvimento emocional. O rompimento dessa ligação inicial (como o "cordão") cria a necessidade de explorar o mundo e estabelecer outras conexões, como o encontro do astronauta com outro personagem que lhe dá uma flor. No entanto, o vínculo inicial com a mãe continua sendo central, refletido no final com a mãe segurando o astronauta nas mãos. Ainda nesse viés, a dor da separação é algo presente na vida de todos nós, que ocorre primordialmente no nascimento, como retratado pela obra. O ato de cortar o cordão umbilical pode despertar na mãe um sentimento de perda, como se algo que fazia parte do seu corpo fosse separado.

Quando ocorre o surgimento de uma nova vida a partir do nascimento de um bebê, percebe-se uma mudança no Ciclo Vital familiar. A chegada de um bebê, especificamente quando for o primeiro, pode gerar um desequilíbrio no sistema familiar, ao passo que os membros têm que assumir novos papéis de cuidadores. É imprescindível que os membros da família se reorganizem emocionalmente e ajustem seus papéis sociais em resposta às mudanças ocorridas, de modo a assumirem as novas responsabilidades impostas pelo momento da vida. A transição para a parentalidade transforma significativamente a forma como os indivíduos experienciam sua conjugalidade, uma vez que o foco passa a ser o cuidado da criança,

relegando temporariamente o casamento a um plano secundário, assim como a vida social e profissional. A mulher grávida que aparece no final do livro, segurando o astronauta nos braços, pode simbolizar essa renovação de papéis parentais. Esse momento de acolhimento reflete o ajustamento emocional necessário para abraçar a nova dinâmica familiar.

Por último, a teoria de desenvolvimento psíquico precoce normal, de Margaret Mahler, aponta como 3ª fase a de **separação/individualização,** percebida no livro (Ribeiro, Caropreso, 2018). Essa fase conceitua a separação como a saída da criança da condição fusional com a mãe, enquanto individuação é o movimento de consolidação da individualidade. Percebe-se isso na obra com a separação pelo cordão do astronauta de sua mãe, quebrando a fusão que tinham até então; e a individualização e autonomia, separando-se da "nave" e flutuando pelo espaço.

## Referências


BOWBLY, John. Uma Base Segura: **Apego Pai-Filho e Desenvolvimento Humano Saudável**. Nova York: Livros Básicos, 1988.

CARVALHO, Raquel; CRISTH, Agnus; GONDIM, Guilherme; LISSA, Thálita; QUEIROZ, Gabriela; SILVA, Daniele. **Alexandre Rampazo – Biografia & Bibliografia.** Universidade Federal de Goiás – Produção Cultural para Crianças e Jovens; Gestão de TI em Unidades de Informação. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1049/o/Alexandre_Rampazo_-_Apresenta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

GARCEZ, Tatiane. **Ciclos de vida: chegada do primeiro filho.** Blog do Centro Evolvere, Postagem de 22 mar. 2020. Disponível em https://centroevolvere.com.br/blog/ciclos-de-vida-chegada-do-primeiro-filho/. Acesso em: 18 out. 2024.

RAMPAZO, Alexandre. **Sobre o autor.** 2024. Disponível em https://alerampazo.com.br/sobre/. Acesso em: 18 out. 2024.

RIBEIRO, Anna; CAROPRESO, Fátima. A teoria de Margaret Mahler sobre o desenvolvimento psíquico precoce normal. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 3, p. 894-914, 2018.

# Entre risos e conexões:
# a psicologia do contato humano na infância

**Júlia Gabriella Casagrande Bonissoni**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

ANISCH, Heinz; BANSCH, Helga. *Não consigo fazer cócegas*. Curitiba: Maralto, 2022.

Imagem: 1: Capa da obra *Não consigo fazer cócegas.*

Fonte: *Site* da Maralto Edições.

Heinz Janisch, autor austríaco, é reconhecido por suas obras literárias voltadas para o público infantil e juvenil, sendo premiado pelo impacto e sensibilidade de sua escrita. Suas histórias frequentemente abordam temas existenciais de forma simples e acessível, permitindo que as crianças reflitam sobre temas profundos. Helga Bansch, também austríaca, é uma ilustradora renomada que colabora com Janisch em várias obras. Sua arte é vibrante e expressiva, complementando as mensagens das histórias de forma a engajar visualmente o público infantil, e incentivar uma conexão emocional com o conteúdo.

A obra em questão acompanha a história de um menino que descobre que, ao contrário dos amigos, não consegue fazer cócegas em si mesmo.

Ele experimenta diferentes maneiras para ver se consegue reproduzir a sensação, mas sem sucesso. No entanto, ele se dá conta de que existem muitas outras coisas que ele pode fazer sozinho – brincar, desenhar, equilibrar-se em uma perna – mas, para sentir a alegria das cócegas, percebe que é necessário estar com os amigos e pessoas queridas. Essa história simples e poética explora o valor dos relacionamentos e a importância do contato humano para a felicidade e o bem-estar.

O contato humano é fundamental para o bem-estar e a felicidade, pois ele promove o suporte emocional, a validação pessoal e uma sensação de pertencimento. Vários estudos mostram que interações sociais saudáveis estão associadas a uma melhor saúde mental e física, influenciando inclusive a longevidade. Esse contato ajuda na liberação de neurotransmissores como a ocitocina e a dopamina, conhecidos como "hormônios da felicidade," que reduzem o estresse e promovem o bem-estar geral.

Além disso, as conexões interpessoais ajudam as pessoas a desenvolverem habilidades emocionais, como a empatia e a resiliência, fundamentais para enfrentar desafios. Em crianças, como mostra o livro, o contato social contribui para o autoconhecimento e para a compreensão do outro, promovendo a empatia desde cedo e preparando-as para a vida adulta com mais recursos emocionais. Em resumo, o contato humano não só é essencial para a saúde emocional, mas também fortalece a sensação de realização e a felicidade ao longo da vida.

Sobre os temas fraturantes e sensíveis, a partir da leitura, pode-se notar que fatores como Individualidade e Autocompreensão estão presentes, haja vista que a dificuldade do protagonista em fazer cócegas em si mesmo representa as limitações e particularidades de cada indivíduo. Essa descoberta leva a criança a explorar sua própria identidade e a entender que certas experiências são mais significativas quando compartilhadas com os outros. Socialização e afeto estão presentes na narrativa, já que destaca a importância dos relacionamentos para o desenvolvimento emocional. As ilustrações mostram o protagonista em situações de interação com outras crianças, realçando como o contato com amigos contribui para a felicidade e a sensação de pertencimento. A história incentiva a aceitação das diferenças e ensina sobre a empatia, mostrando como, às vezes, precisamos dos outros para vivenciar plenamente certos sentimentos e emoções, representando conceitos como aceitação e empatia.

Ao correlacionar a obra escrita com as ilustrações, tem-se que as ilustrações de Helga Bansch utilizam cores brilhantes e detalhes sutis para

destacar os momentos de introspecção e interação do protagonista. As expressões faciais e posturas do menino refletem sua frustração inicial, seguida pela aceitação de que certas coisas só fazem sentido quando compartilhadas.

Esse livro convida as crianças a explorarem sua própria individualidade, enquanto reforça a ideia de que algumas experiências e emoções, como o riso e as cócegas, ganham mais sentido e profundidade ao serem compartilhadas com os outros. São justamente esses momentos de partilha que tornam o convívio humano significativo. Compartilhar momentos com amigos é importante porque fortalece os laços emocionais e proporciona um senso de pertencimento e apoio mútuo. Estudos mostram que essas interações criam memórias positivas, essenciais para o bem-estar e a saúde mental. A amizade oferece um espaço de confiança, onde as pessoas se sentem seguras para expressar suas emoções, o que reduz o estresse e ajuda a enfrentar desafios.

Além disso, experiências compartilhadas, como rir juntos ou fazer atividades recreativas, liberam hormônios associados ao prazer, como dopamina e serotonina, o que contribui para uma sensação de felicidade duradoura. Esses momentos ajudam as pessoas a desenvolverem empatia e habilidades sociais, essenciais para um desenvolvimento emocional saudável. Assim sendo, tal e qual como no título da resenha e como na história do livro, o contato humano e as interações sociais são importantes no desenvolvimento emocional das crianças, refletindo como essas experiências moldam a compreensão da individualidade e das relações interpessoais.

# Talvez você consiga: o poder de agir e transformar

**Júlia Fátima Santa Catarina**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

FOXELL, Imogen; CUNHA, Anna. *Talvez você consiga*. Tradução Leo Cunha. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2023.

Imagem 1: Capa da obra *Talvez você consiga.*

Fonte: *Site* da Editora Pequena Zahar.

*Disseram que eu não podia mudar o mundo,*
*que não valia a briga,*
*mas uma vozinha soprou no meu ouvido…*
*… talvez você consiga.*

*Uma garotinha faz uma escolha.*
*Um simples ato de mudar o mundo.*
*Este poema se recusa a perder a esperança.*
(Imogem Foxel)

Imogen Foxell é uma escritora e artista que vive em Oxford, no Reino Unido. Gosta de inventar mundos imaginários e fazer esboços à beira do rio, paralelamente ao seu trabalho de escrever dicionários. *Talvez você consiga* é seu primeiro livro ilustrado. Anna Cunha é uma artista brasileira com mais de

30 livros ilustrados para editoras do mundo todo. Recebeu diversas distinções, como o Prêmio Jabuti e o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), além da menção honrosa no Prêmio João-de-Barro. Leo Cunha, responsável pela tradução, é um escritor e tradutor brasileiro. Seus livros receberam diversos prêmios, e, na área da tradução, foi responsável por trabalhos acerca da obra de Julio Cortázar, Gabriela Mistral e David McKeen, entre muitos outros.

O livro *Talvez Você Consiga* apresenta-se como uma reflexão poética profunda sobre resiliência e esperança em face de adversidades, dedicando-se a honrar as comunidades indígenas do Brasil e a figura da bisavó da narradora, que representa a continuidade cultural e suas raízes.

As ilustrações da obra em questão são uma expressão vibrante da busca humana por mudança e transformação. Adotando uma paleta de tons quentes e traços delicados, a artista ilustra a evolução do cenário ao longo da narrativa. Por meio de detalhes sutis, ressalta a conexão da protagonista com a natureza e a ancestralidade, capturando momentos de fragilidade e força. Outrossim, o contraste entre a aridez do ambiente e a vibrante vitalidade da planta que cresce sugere que, mesmo em cenários difíceis, a esperança pode nascer e catalisar mudanças significativas.

A narrativa acompanha a trajetória de uma menina que vive em um ambiente árido e quente, caracterizado pela escassez de vegetação e pela extinção do rio local. Apesar das vozes ao seu redor afirmarem que a mudança é inalcançável, ela encontra uma semente que, à primeira vista, parece insignificante. Ignorando as negativas, a garotinha decide plantar a semente no leito seco do rio. Com dedicação, rega a semente diariamente, protegendo-a do sol e do vento. Gradualmente, a planta cresce, transformando-se em uma árvore frutífera que nutre a comunidade e atrai pássaros de volta à região. Dessa árvore, novas sementes são plantadas, recebendo água e sombra, como se fossem acolhidas em um colo protetor. Assim, as árvores se multiplicam, repletas de frutos e flores. E, bem debaixo dos pés daquela comunidade, as raízes das árvores encontram água que, ao alcançar as folhas, se evapora e se transforma em chuva, revivendo o rio. Com o passar dos anos, a harmonia parece se restabelecer; entretanto, uma tempestade devastadora, destrói uma das árvores, trazendo tristeza e incerteza. Contudo, uma criança oferece à protagonista uma nova semente, simbolizando a continuidade da esperança e a possibilidade de recomeço. No final, o rio flui novamente, e a terra se enche de vida e crescimento.

A protagonista, emerge de um contexto repleto de resistência e desesperança, pertencente a uma população que, diante das desvantagens que os rodeiam, se veem incapazes de acreditar na possibilidade de mudança. No entanto, uma voz interna surge para encorajá-la a considerar o seu potencial transformador; essa voz simboliza a sabedoria ancestral e a esperança, desafiando as vozes externas que insistem na futilidade de seus esforços. Essa dualidade não representa apenas os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas, mas também ilustra a luta interna para superar as limitações impostas por seu ambiente social e ambiental. Essa trajetória revela a complexidade da resiliência humana e a capacidade de evoluir em meio a condições hostis.

Ao se deparar com uma semente que inicialmente parece não ter valor, a menina descobre um poderoso símbolo de transformação e renovação. O ato de plantar essa semente em um "grande vazio", um ambiente muito seco e quente, ressalta a coragem e a força necessária para iniciar mudanças em meio à desesperança. Este “vazio” reflete não apenas a escassez do ambiente, mas também as vozes que desestimulam a busca de um contexto mais positivo. Ignorando essas vozes, a menina manifesta sua determinação e dedicação ao cuidar da semente, regando-a e protegendo-a. À medida que suas raízes encontram água, a árvore revive o rio local, simbolizando a interconexão entre todos os seres vivos e a possibilidade de reajuste. Assim, a narrativa ilustra que a árvore nasce a partir da semente, sendo o resultado positivo do esforço individual.

A abertura às perdas, representada pela queda de uma das árvores durante uma tempestade, emerge como um elemento fundamental da experiência humana. Essa imagem reflete a compreensão de que o sofrimento pode servir como um espaço de aprendizado e crescimento, um convite à persistência e flexibilidade. A oferta de uma nova semente após essa dor não representa apenas a fragilidade da vida, mas também a esperança que ressurge em cada recomeço. Essa troca sensível revela que, mesmo diante da tristeza, em cada indivíduo reside a força necessária para encontrar maneiras de se ressignificar e evoluir.

A relação entre a menina e sua bisavó indígena ilustra como a ancestralidade é um fio vital que tece a história de uma cultura, ressaltando a importância das raízes culturais na formação da identidade e no sentimento de pertencimento. A obra sugere que cultivar a terra transcende o ato de sobrevivência; trata-se de uma forma de resistência e reafirmação cultural que permite que as novas gerações se reconectem com suas tradições e

suas lutas. Assim, a busca por identidade não se restringe ao passado; é uma prática que atravessa o presente e molda a construção de um caminho mais justo.

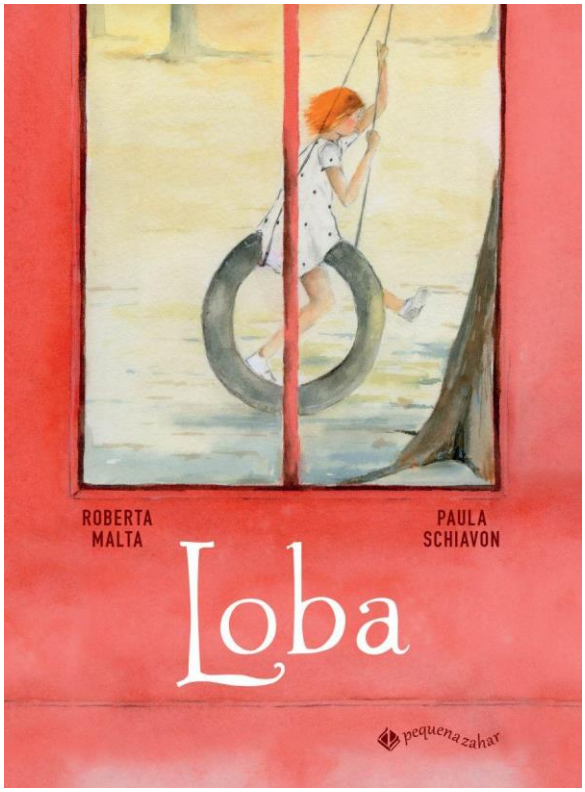
O poema se revela como um tributo à força humana de superar desafios, celebrar a ancestralidade e cultivar um futuro repleto de possibilidades e vida. A frase trazida no poema “ajude as coisas a crescer” enfatiza a capacidade de cada indivíduo moldar seu próprio destino e impactar o ambiente ao seu redor. Nesse contexto, a mensagem ressonante de "quem sabe... talvez você consiga", reflete uma profunda confiança no potencial humano, indicando que a realização de qualquer feito está intrinsecamente vinculada à disposição de tentar, implicando que, ao assumir a coragem de agir, abre-se um espaço propício para o desenvolvimento, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Assim, a obra inspira os leitores a adotarem uma postura ativa e responsável, ressaltando que somente ao se lançar ao desconhecido se pode cultivar as sementes da mudança e colher os frutos, mas também a esperança que ressurge em cada recomeço.

# Explorando a floresta interior: a transição da infância à adolescência

**Karine Cominetti**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)

MALTA, Roberta. *Loba*. Ilustrações Paula Schiavon. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2023.

Imagem 1: Capa da obra *Loba*.




Fonte: *Site* da Editora Pequena Zahar.

O livro *Loba* foi escrito por Roberta Malta e ilustrado por Paula Schiavon. A escritora é formada em Letras e Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). O livro nasceu do seu desejo de explorar alternativas para representações do feminino a partir de *Chapeuzinho Vermelho*, narrativa que sempre a intrigou. Ela é uma pessoa apaixonada pela arte e pelo ritmo dos livros ilustrados, o que a levou a imaginar a história por meio dessa linguagem, tão repleta de visualidade e silêncio. Já a ilustradora do livro, antes mesmo de ser uma leitora de textos escritos, já

explorava as ilustrações dos livros em busca de pistas e significados, descobrindo assim, a potente linguagem da imagem. O amor e a curiosidade pelas possibilidades do desenho e da pintura a levaram a estudar artes visuais, após ter se formado em direito. Hoje escreve, desenha e ilustra, sua forma preferida de contar histórias.

A história tem como enfoque uma menina que a pedido da mãe precisa ir buscar flores na floresta para a visita de sua avó. Apesar da mãe pedir para a filha tomar cuidado na floresta, a menina sai pela floresta sem deixar de se aventurar pela estrada, sem permitir que o medo dos riscos fosse paralisante.

É possível perceber a curiosidade da menina quando ela se depara diante de uma estranha flor vermelha que avista no alto de uma árvore, logo, não contente em somente vê-la, decide subir na árvore para pegá-las, então lá de cima da árvore a menina recolhe algumas flores e observa a paisagem do alto da árvore, como alguém que estivesse entusiasmada com o que estava vendo, parecendo ver pela primeira vez, com uma perspectiva diferente daquela de uns minutos atrás.

Após se aventurar em cima da árvore, a menina percebe que já está ficando tarde e começa a descer. Ao chegar próximo do chão a menina avista a sombra de um animal, e a roupa que a menina está usando começa a ficar com manchas avermelhadas. A garota pula da árvore e se depara com uma loba parada olhando-a fixamente. Então a menina se aproxima lentamente para perto da loba que parecia estar com um olhar que transmitia certa carência, sem qualquer intenção de ataque. Naquele momento a loba se deita no chão e a menina abraça o animal sem medo e sem arrependimento.

Por fim, após o encontro com a loba, o vestido da menina se encontra totalmente vermelho, e ao voltar para a casa da mãe com as flores vermelhas, encontra sua avó na porta lhe esperando, então as duas se dão um forte abraço.

Em análise ao tema sensível na história do livro *Loba*, percebe-se que o conto tem como objetivo abordar as transformações da menina em uma mulher, algo que perpassa a infância e que pouco aparece nos livros infantojuvenis, posto que, a autora levanta a crítica da história da original (Chapeuzinho Vermelho), a qual é punida por ser desobediente ao entrar na floresta perigosa, gerando uma ideia para as crianças de que arriscar-se é errado.

Já em *Loba*, a autora tenta mostrar o caminho com um olhar diferente, pois o fato da menina caminhar sozinha pela floresta faz com que ela se encontre com seu próprio amadurecimento e sua autonomia, mas, ainda mais para quebrar o paradigma e valorizar a importância de reconhecer os desafios e as belezas da jornada, assim como acontece na vida.

Diante do exposto, este livro nos faz refletir e questionar que as meninas de hoje não precisam mais se culpabilizar por não serem comportadas, dóceis e "boazinhas" o suficiente, mostrando que hodiernamente essa história é necessária para as crianças, pois, no caso das mulheres há sim uma necessidade de novos lugares, pontos de vista, novos protagonistas e representatividades, as meninas precisam ser vistas em lugares de coragem, autonomia, confiança e acolhimento.

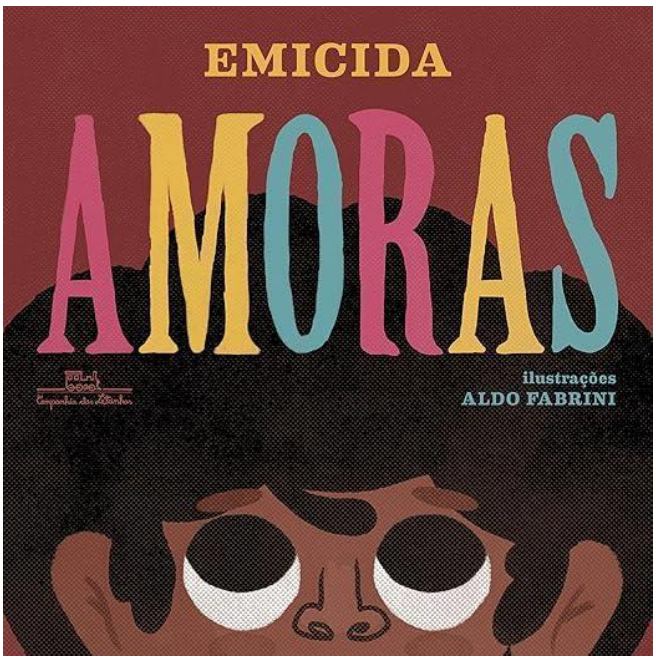
Outro ponto importante é o vermelho que vai tomando conta da sua roupa, o qual faz referência a sexualidade e a menstruação, que estão relacionados a passagem da infância para a adolescência, mas que também carrega desde os tempos mais antigos até os tempos atuais questões culturais e sociais, considerado um tabu e envolto em sentimentos de vergonha. Por isso a importância de o livro tratar deste tema, mesmo que de forma quase toda ilustrativa, para que possa mostrar que apesar de ser algo assustador de início, traz uma ideia de encontrar ou entrar em contato com a própria natureza humana.

# A arte e a construção da identidade na esfera afro-brasileira

**Laura Diefenthaeler Brasil**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

EMICIDA; FABRINI, Aldo. *Amoras*. Companhia das Letrinhas: São Paulo, 2018.

Imagem 1: Capa da obra *Amoras.*




Fonte: *Site* da Editora Companhia das Letrinhas.

Leandro Roque de Oliveira (Emicida), nascido na Zona Norte de São Paulo, em 1985, é um cantor, compositor e produtor musical, considerado um dos mais influentes no cenário do Hip Hop brasileiro, sendo destaque também na música popular brasileira e em diversos âmbitos culturais que se estendem ao campo internacional. Emicida é um representante da cultura negra, espalhando, através da arte, reflexões sociopolíticas que trazem à tona a questão racial no país. Em 2015, em seu álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de casa*, Emicida lança *Amoras,* composição inspirada por uma conversa com sua filha Estela.

Mais tarde, *Amoras* ganhou espaço na literatura, publicado como uma obra infantil pela Companhia das Letrinhas, ilustrada por Aldo Fabrini. O livro

traz um tema tão complexo e fraturante, como a identidade racial, de maneira leve, transformando um diálogo sobre amoras (a fruta) em ensinamentos que atravessam gerações, sob o olhar infantil de uma criança negra, revelando um pensamento fantástico carregado de reconhecimento e pertencimento.

Nas primeiras páginas da obra, que faz referências culturais, religiosas e históricas, cita-se Obatalá, Orixá que simboliza a criação do mundo na filosofia Yorùbá, base das religiões de matriz africana. Amoras carrega um significado íntimo e profundo para a criança negra que entra em contato com essa leitura, transporta a importância em se reconhecer, em reconhecer sua própria cultura, sua história e parte de sua ancestralidade.

A partir das ilustrações, desde as primeiras páginas, é possível identificar uma criança negra, e ao decorrer do livro, seus cabelos, e principalmente seus olhos, vão ganhando destaque. Os olhos da criança são ilustrados grandes e brilhantes, representando a curiosidade do olhar e do pensar infantil. Emicida e Aldo Fabrini, rechearam o livro com palavras e desenhos que acolhem, que causam impacto leve, mas suficiente para despertar um pensamento, não apenas fraturante, mas também, que vai de encontro à própria identidade, composto por questões emocionais, culturais e até espirituais, ao falar de Deus em suas diversas formas e culturas.

Assim como descrito no início do livro: "não há melhor palco para um pensamento que dança do que o lado de dentro da cabeça das crianças" (Emicida, 2018, s. p) , o ponto chave da história, sua origem, está na conversa entre pai e filha, que a partir do ensinamento sobre as amoras no pomar, que diz que "as pretinhas são o melhor que há", desperta na criança a alegria de ser pretinha, ao dizer "que bom papai, por que eu sou pretinha também" (Emicida, 2018, s. p). A história do livro passeia pela história da cultura africana no mundo e no país, desde a menção à Obatalá, até ao relacionar a fala da menina com figuras políticas centrais na luta pelos direitos civis contra a discriminação, como Martin Luther King Jr. e Zumbi dos Palmares.

A potência da conclusão do pensar infantil em relação à sua identidade racial, pode ser compreendida na passagem "Zumbi dos Palmares diria que nada foi em vão" (Emicida, 2018, s. p), em conjunto a uma ilustração de Zumbi, que é o primeiro olhar adulto que se abre, todos os outros são desenhados de olhos fechados. A frase mencionada ganha destaque e é repetida em letras maiores, ocupando duas páginas, assim como a frase central do livro (a conclusão da menina), a fim de potencializar

o que foi dito. Para a melhor compreensão do leitor, ao final do livro, há um glossário, no qual estão explicados os elementos histórico-culturais presentes no texto, com uma breve descrição sobre Martin Luther King Jr., Zumbi dos Palmares, e informações sobre o continente Afriaco, Orixás, Obatalá, Alá e Quilombo.

O tema fraturante abordado, se relaciona com o contexto histórico dos povos oriundos da África e sua diáspora no mundo. Ser uma criança negra em um cenário racista, é crescer e sobreviver imerso numa ideologia na qual o branco é o ideal a ser atingido. O contato com a história da sua ancestralidade, a representatividade de pessoas pretas em diversos âmbitos e as figuras de referência reforçando a autoestima e identidade, são aspectos que durante a infância, são fundamentais para a construção de um adulto que não internalize o que a ideologia racista o impõe. Não internalizar o que o racismo estruturou, é um processo complexo, que acontece na construção do sujeito e toca em sua identidade. Para Márcia Pinto e Ricardo Ferreira (2014), discutir identidade é discutir transformação, não tendo como pensar em uma identidade definitiva e estável, assim, a identidade é ação, processo dinâmico, histórico e político. Identificar-se como pessoa negra não é sempre um caminho linear, é um processo composto por experiências de discriminação, que atingem internamente e dificultam a aceitação, partindo assim, para a negação de si próprio.

A identidade do sujeito afrodescendente é, direta e inevitavelmente, afetada pelo contexto histórico-cultural, proveniente de uma conjuntura escravagista, e mais tarde, ainda carregando seus efeitos. Isso não significa que a identidade será exclusivamente oriunda de um segmento negativo, apesar do potencial, a construção da identidade, que não *é*, mas *está*, pode ser transformada. Do ponto de vista sociológico, a identidade racial está relacionada às percepções subjetivas dos indivíduos de um grupo específico e as percepções que as pessoas e outros grupos têm deste determinado grupo. Já para o viés subjetivo, a identidade racial é a percepção de pertencimento a um grupo social, percepções fenotípicas padronizadas. (MNDE, 2024). Nesse sentido, a arte tem função essencial durante a infância, em que obras como Amoras e artistas como Emicida, com sutileza, constroem identificação, conhecimento sobre si próprio e principalmente a possibilidade, ao enxergar para além dos limites do preconceito, através de palavras e imagens que conversam com a infância, possuindo um significado comum, mas capaz de atingir a subjetividade.

Para o público em geral, a principal importância reside na abordagem do antirracismo, especialmente desde a infância, a partir do protagonismo de uma menina negra, dona de uma narrativa positiva e inspiradora, composta por peças que enaltecem a cultura afrodescendente. Dami Cunha (2021, p.14) destaca: "Esse tipo de leitura favorece o encontro de percepções, sentimentos e ideias, criando condições para que os leitores possam adentrar novas camadas de sentidos, construídas no coletivo". *Amoras* possui relevância também no contexto educacional, possibilitando diversas abordagens a respeito do tema em sala de aula. Compreender a magnitude de uma obra como essa, é identificar os elementos nela presente, e sua importância na construção da identidade racial num contexto afro-brasileiro.

## Referências


CUNHA, Dami. **Material digital do professor: Amoras**. Companhia das Letrinhas: São Paulo, 2021.

MONITOR DO NOVO DEBATE ECONÔMICO. **Glossário – Identidade Racial**. Rio de Janeiro: MDNE, [2024]. Disponível em: https://novodebateeconomico.org.br/glossary/identidade-racial/. Acesso em: 20 out 2024.

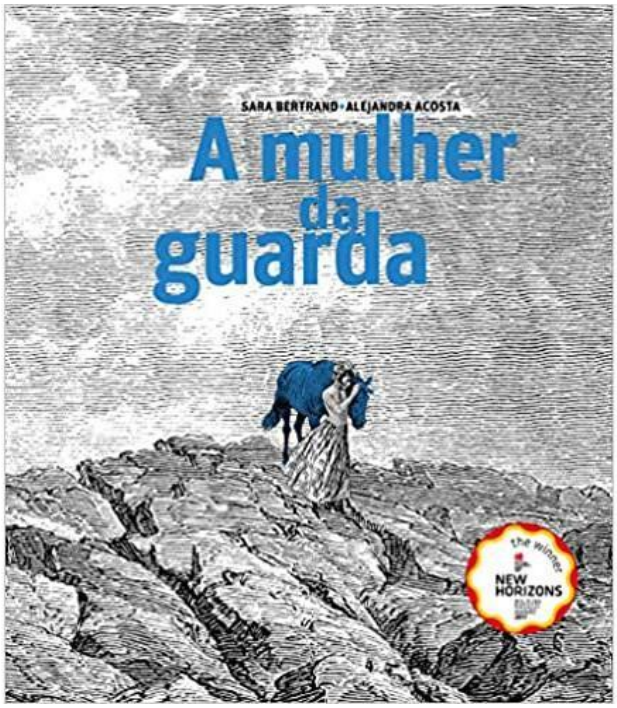
PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v.9, n.2. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011. Acesso em: 20 out 2024.

# Luto e resiliência na infância: a jornada de Jacinta em *A mulher da guarda*

**Laura Pegoraro Fiorini**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

BERTRAND, Sara; ACOSTA, Alejandra. *A mulher da guarda*. Salvador: Solisluna, 2021.

Imagem 1: Capa da obra *A mulher da guarda.*




Fonte: *Site* da Editora Solisluna.

Alejandra Acosta e Sara Bertrand, no livro *A mulher da guarda*, nos contam a história de Jacinta, uma menina que perdeu sua mãe ainda muito novinha e que a partir daí assume a responsabilidade de cuidar de sua família. Sempre alegre e com muita criatividade, ela se dedica a entreter seus irmãos, sempre lhes contando histórias divertidas. Jacinta passa os dias se divertindo e compartilhando momentos únicos com eles e se sente muito feliz quando o pai consegue chegar mais cedo do trabalho para que consigam jantar todos juntos. A menina muitas vezes se sente diferente das outras crianças pelo fato de elas terem mãe, no entanto, Jacinta consegue

encontrar conforto na imagem de uma mulher que viaja em um cavalo azul e que sempre cuida dela, atuando como se fosse seu anjo da guarda.

Sobre a ótica da Psicologia, é possível relacionar a história de Jacinta ao processo de luto, principalmente ao se tratar da maneira como as crianças lidam com a perda ou a ausência de suas figuras parentais. A menina demonstra estar em um estágio de aceitação, pois assume o papel de cuidadora dos irmãos e se esforça para manter um ambiente emocional saudável, utilizando histórias e momentos de conexão como uma maneira de seguir em frente, apesar da falta que sentem pela perda da mãe.

Jacinta associa a mulher que viaja em um cavalo azul a uma figura protetora, o que pode ser considerado como uma forma de suprir a falta que sente de proteção e cuidado, bem como, lidar com a ausência da mãe. Essa fantasia pode simbolizar uma tentativa de busca por alívio ou segurança. A mulher que olha para ela em um cavalo azul pode ser considerada um mecanismo de defesa ou até mesmo uma maneira de atribuir sentido e amparo no processo da perda. A fantasia pode proporcionar a Jacinta a amenização da dor e a tarefa precoce de se responsabilizar pelos irmãos.

Ao assumir as responsabilidades de cuidar dos seus irmãos, tarefa que comumente deveria ser ministrada por um adulto, Jacinta pode sofrer com um impacto no seu desenvolvimento emocional, podendo surgir sentimentos de sobrecarga. Entretanto, apesar de sua dor, a menina consegue administrar um ambiente amoroso e acolhedor para seus irmãos, sendo assim uma forma de ressignificar seu luto.

Em alguns momentos, a narrativa mostra que Jacinta e seu pai conseguem ter uma interação de normalidade, quando ele volta mais cedo do trabalho e jantam juntos, momentos em que compartilham muitas risadas e diálogos alegres. Essa interação é importante, pois oferece uma rede de apoio emocional para Jacinta e seus irmãos, assim eles não se sentem tão isolados em sua dor. A presença de outros membros da família nesse processo de luto é muito significativa e fundamental para que as crianças possam processar melhor seus sentimentos e não se sentirem totalmente desamparados diante da perda.

*A mulher da guarda* é uma obra que aborda de forma sensível o luto e a resiliência através da perspectiva infantil. Ao administrar responsabilidades precoces, Jacinta desenvolve maneiras criativas de lidar com a ausência da figura materna, ao mesmo tempo que tenta transmitir afeto e estabilidade para os seus irmãos. A fantasia da mulher no cavalo azul representa sua

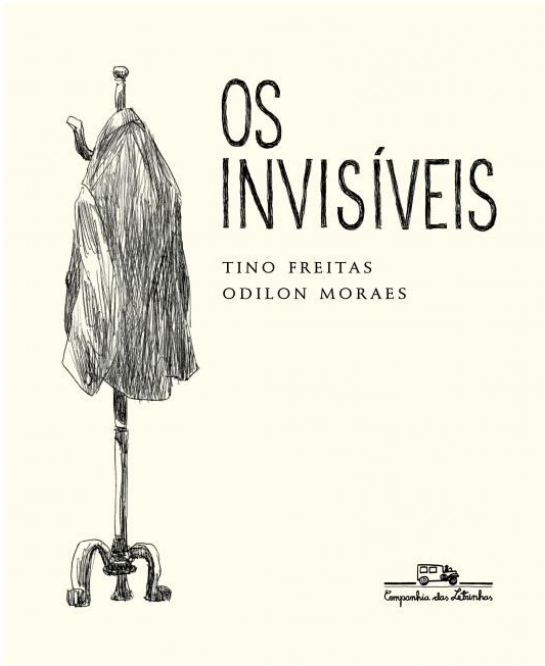
busca por proteção e amparo, atuando com o propósito de diminuir a dor e atribuir sentido à sua nova realidade. O livro nos remete a importância do apoio da família e dos laços afetivos que, apesar da perda, reforçam a possibilidade de seguir por um caminho de aceitação e cuidado mútuo.

# O invisível está nos olhos de quem vê

**Letícia Daga Rubenich**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

FREITAS, Tino. *Os invisíveis*. ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

Imagem 1: Capa da obra *Os Invisíveis.*




Fonte: *Site* da editora Companhia das Letrinhas

*Os invisíveis,* de Tino Freitas e Odilon Moraes, é um retrato delicado do amor pela arte e da potência do que não é dito. A história convida o leitor a mergulhar em uma narrativa sensível, onde as palavras e as imagens caminham juntas para mostrar o que muitas vezes escolhemos não enxergar. Tino, jornalista e contador de histórias nascido em 1972 em Fortaleza, é conhecido por sua escrita marcada pelo humor e pela crítica social. Odilon, arquiteto de formação, escritor e ilustrador nascido em 1966 em São Paulo, deu vida visual a mais de cinquenta obras. Juntos, eles constroem um livro que provoca, emociona e desperta.

No centro da narrativa está um protagonista com um superpoder singelo e imenso: ele enxerga o que os outros não veem. Ele vê os velhinhos

na praça, os moradores de rua, os atendentes esquecidos... e às vezes sente que até seus próprios pais não conseguem vê-lo. A história, com texto e ilustrações abertas, convida o leitor a imaginar, interpretar, sentir. Crianças são levadas a explorar sua criatividade, e adultos, a refletirem sobre aquilo que preferem ignorar.

Vivemos, quase sempre, enxergando apenas uma pequena parte do todo – e essa é uma verdade difícil de admitir. A infância nos permite olhar o mundo com curiosidade e encantamento; os olhos infantis veem detalhes que o adulto, por hábito ou dor, aprende a sintetizar ou desviar. A vida adulta nos empurra para o automático: focamos no que julgamos importante — o trabalho, a rotina, o bem-estar dos filhos, momentos de alegria — e passamos a ignorar aquilo que nos fragiliza, como o sofrimento alheio, a velhice, a vulnerabilidade.

Mas ignorar não significa não sentir. Muitas vezes, desviar o olhar é uma forma de proteção diante de realidades que nos comovem profundamente. Enxergar o idoso na praça pode ser um lembrete de que também vamos envelhecer. Ver alguém em situação de rua pode nos fazer questionar privilégios e nos mobilizar. Ainda que doloroso, esse olhar é o que nos conecta com a empatia, a solidariedade e a gratidão.

Os invisíveis é um convite. Um convite para que crianças se perguntem por que certos personagens parecem inacabados. Um convite para que adultos reflitam sobre o motivo de não conseguirem ver alguns personagens por completo. Porque, talvez, ali estejam pessoas que poderíamos ser. Pessoas que amamos. Gente como a gente.

Mais do que uma história, o livro é um chamado à sensibilidade. Um lembrete de que ver o outro — especialmente aquele que a sociedade tenta esconder — é um superpoder. Um poder que temos e podemos cultivar. Um olhar curioso, como o de uma criança, capaz de transformar o incômodo em empatia e a ausência em presença.

# O guarda-chuva verde como símbolo de humanização e empatia

**Mariana Eunice Fronza**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

DONG-JAE, Yun. *O guarda-chuva verde*. São Paulo: SM Educação, 2011.

Imagem 1: Capa da obra *O guarda-chuva-verde.*

Fonte: Acervo da autora da resenha.

Yun Dong-jae, autor sul-coreando, é conhecido por explorar a condição humana e questões existenciais em suas obras, através de uma narrativa sensível e poética, de tal forma que ressoam com leitores de diferentes culturas e permite um momento de reflexão sobre a vida, através da literatura infantil e juvenil.

A obra apresenta uma linguagem simples e acessível, com frases curtas e muitas ilustrações, que complementam a atmosfera poética da história, em algumas páginas podemos apreciar somente os desenhos, cheios de detalhes que conseguem capturar a essência do momento

retratado pela história, a existência de páginas que possuem somente as imagens, permite que a criança se identifique de forma mais intensa, de maneira que, pode realizar uma interpretação a partir de suas próprias vivências e sentimentos. Ainda sobre as ilustrações, é interessante notar que os únicos itens com cores vibrantes, nas páginas que ilustram a chuva, além do guarda-chuva de Young-i, são as roupas da menina e uma lata, também verde, que está ao lado do mendigo e transborda de água da chuva, enquanto as demais crianças estavam retratadas com cores opacas, podendo ser uma representação de que somente a menina percebeu a necessidade de agir de forma empática naquele momento com o mendigo, enxergando para além da sua condição, o humano que existe nele.

Young-i é uma menina dotada de uma grande capacidade empática, pois diante da atitude do grupo de convivência, ela escolhe agir de forma contrária, sendo bondosa e solidária com o morador de rua, o gesto de deixar o guarda-chuva para ele demonstra uma preocupação e empatia genuína, e revela a sua capacidade de ver além das aparências, transformando o guarda-chuva em um símbolo de compaixão.

A partir das imagens apresentadas, a história parece se passar em uma pequena e simples cidade, ao relacionar com a realidade brasileira, podemos refletir acerca do contexto de bairros periféricos, onde é comum que crianças se deparem com pessoas em situação de rua, ou até mesmo em realidades mais carentes, crianças que já viveram nessa condição.

A obra pode ser utilizada como ponto de partida para apresentar e discutir com as crianças, temas complexos e relevantes para a sociedade. Mesmo com a simplicidade da história, é possível aprofundar e trabalhar questões de desigualdade social, como o preconceito e a discriminação, incentivar a capacidade de se colocar no lugar do outro e discutir questões relacionadas a cidadania e o papel do cidadão para a construção de uma sociedade mais inclusiva, além disso, a história pode gerar emoções e sentimentos como compaixão e tristeza, é um convite para a criança explorar seus próprios valores, sendo uma ferramenta de autoconhecimento.

# Luto e saudade na infância:
# o simbolismo afetivo em *O guarda-chuva do vovô*

**Patrícia Mariana dos Santos**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

MOREYRA, Carolina; MORAES, Odilon. *O guarda-chuva do vovô***.** 2ed. São Paulo: DCL, 2013.

Imagem 1: Capa da obra *O guarda-chuva do vovô.*

Fonte: *Site* da Editora DCL.

*O guarda-chuva do vovô* (2013), livro cujo texto verbal é autoria de Carolina Moreyra e as ilustrações de Odilon Moraes, apresenta a narrativa sensível de uma história que aborda a perda e a saudade através do olhar de uma criança. A história trata das visitas de uma criança à casa da avó em que morava o avô, que apesar de sempre estar na casa, estava distante, permanecendo sempre deitado e que não gostava de bolo de chocolate, nem de barulho. No enredo, a criança conta de suas aventuras na casa da vovó, como correr no jardim, cantar debaixo da janela do vovô e brincar com o seu guarda-chuva.

As narrativas, tanto verbal, quanto visual, trazem momentos delicados que sugerem a despedida do avô e a forma como a criança, com sua pureza, lida com a ausência. Um guarda-chuva, que antes era motivo de brincadeiras e agora é um presente da avó. Objeto simples e cotidiano, se torna um símbolo da memória e de afeto, permitindo que a menina sinta a presença do avô a cada chuva.

A história explora, profundamente, o tema da saudade, sentimento que aparece na relação da criança com o avô, no qual a ausência dele se torna evidente a cada visita à casa da avó, até o dia em que ele não está mais lá. A sensação de falta do avô na narrativa vai além da ausência física, incluindo a falta de carinho e interação. Essa ausência gera um sentimento de solidão, enfatizando o impacto emocional da perda e mostrando como a criança sente falta das experiências afetivas que compartilhava com o avô, mesmo sendo poucas. A relação que a criança tem com o guarda-chuva, mostrada no final do livro, se transforma em um grande valor sentimental para ela, simbolizando a transição e conexão entre o passado e presente da vida da criança com o avô, se tornando um símbolo da continuidade da relação entre avô e neta, demonstrando que o amor e o afeto transcendem a barreira da morte.

A partir deste objeto, que poderia ser apenas um guarda-chuva, é criado um vínculo emocional que conecta as lembranças carinhosas ao presente. Ele mostra que, mesmo em tempos difíceis, as memórias podem oferecer conforto e alegria. Assim, mesmo diante da dor da ausência sentida pela criança, as experiências compartilhadas como o cantar e brincar debaixo da janela do avô ainda podem trazer felicidade nos momentos de tristeza.

A história abordada na obra pode ser explorada e discutida com crianças pelos temas sensíveis que podem ser trabalhados e mostra como a literatura infantil pode tratar temas complexos de forma delicada e poética. Primeiramente, a perda e o luto são os principais temas da história. A ausência do avô é sentida profundamente pela criança, que, ao visitar a avó, percebe que o avô não está mais presente. Esse momento é importante para entender como a perda pode afetar as emoções e o cotidiano de alguém, mesmo que a criança ainda não compreenda completamente o que está acontecendo. O fato de a criança perguntar ao pai se o avô está "encolhendo" revela a ingenuidade e a confusão que muitas crianças sentem diante da morte e ausência de alguém que amam, que pode permitir o início

de uma conversa sobre a morte e o luto de forma sensível, cuidadosa e respeitosa.

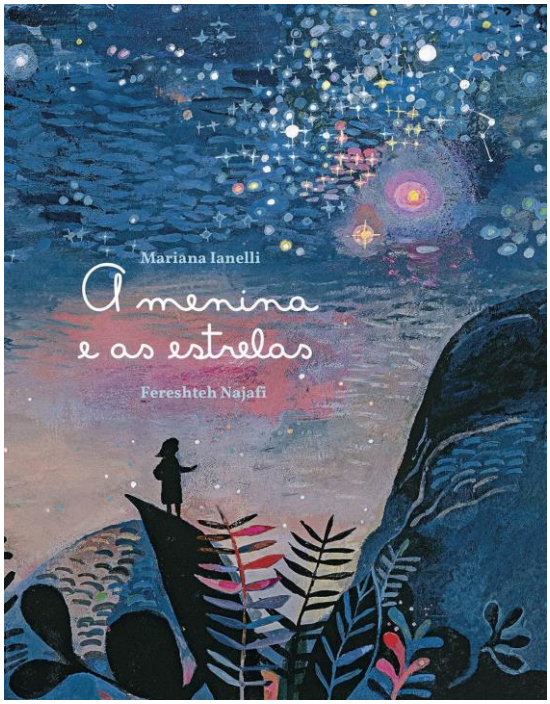
A importância do afeto também envolve a história. A conexão entre a criança e o avô é simbolizada pelo guarda-chuva, que, mesmo não estando fisicamente presente, representa o amor que transcende a ausência. Essa ideia ensina às crianças que o afeto e a interação são necessários para o bem-estar emocional, e que os sentimentos positivos podem persistir, mesmo após a perda de alguém que amamos.

# A menina da terra dos pássaros quietos

**Pedro Henrique Pagliari Maggi**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

IANELLI, Mariana; NAJAFI, Fereshteh. *A menina e as estrelas*.
Curitiba: Olho de vidro, 2022.

Imagem 1: Capa da obra *A menina e as estrelas.*




Fonte: *Site* da Editora Olho de vidro.

O livro *A menina e as estrelas*, de Mariana Ianelli e Fereshteh Najafi, aborda a história de uma menina que nasceu e viveu em uma terra, separada do mundo pelo deserto, de pássaros quietos. A música daquela terra era unicamente tocada por um homem do realejo. Ninguém podia fazer algo de diferente por querer, nem sequer inventar uma nova brincadeira ou cantar qualquer coisa diferente. O homem do realejo, tudo regia, até os sonhos dos moradores. Era assim que o povo vivia, sob sua vigilância.

A menina que tinha nome de canto de pássaro e por isso não sabia o seu próprio nome, não cantava, não chorava, não dizia o que sonhava e não ousava nem pensar. Era apenas silêncio, tudo silêncio. Certo dia, seguindo

uma bússola, desapareceu, e por tanto silêncio, ninguém deu por sua falta. Diante do deserto, a bússola parou, e a menina deixou-se guiar pelas estrelas. Ela estava fugindo do seu mundo, para um novo mundo. Quanto mais longe seguia, mais longe o homem do realejo e suas regras deixavam o corpo da menina. O resultado: “eram só a menina e as estrelas”. (Ianelli, 2022, s. p.).

A obra possui, como tema sensível, os padrões e estereótipos que a sociedade impõe a seus cidadãos. A população e com enfoque na menina, não podem viver com os seus próprios pensamentos, ideias e opiniões. Não podem criar, como exemplo e citado anteriormente, brincadeiras ou cantorias. É algo tão forte e enraizado que nem os pássaros podem cantar, tópico este que é nome da menina, na qual ela desconhece. Todos os habitantes da terra dos pássaros quietos estão sob a supervisão do homem do realejo, que tudo comandava, até os sonhos das pessoas. Esse homem representa os padrões e os estereótipos sob a sociedade, impondo costumes e regras a todos.

No decorrer do livro, a menina decide desaparecer da cidade e seguir uma bússola. Essa ação da garota pode significar a quebra de padrões e de estereótipos para seguir as suas próprias vontades e opiniões. Na obra, menciona um lugar que a menina desconhece e pode-se relacionar que como a menina nasceu e viveu por anos sob essa conduta, agora que está livre para ser quem ela realmente é, não sabe por onde começar, ou seja, tudo é novo.

# Entre monstros, emoções e pensamentos: uma jornada de autoconhecimento em *Onde vivem os monstros*

**Pedro Henrique Alba Melle**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

SENDAK, Maurice. *Onde vivem os monstros*. Cidade: HarperCollins, 2023.

Imagem 1: Capa da obra *Onde Vivem os Monstros.*

Fonte: *Site* da Editora HarperCollins.

*Onde vivem os monstros* apresenta a cativante história de Max, um garoto cuja imaginação vibrante e tendência à rebeldia o conduzem a uma jornada emocional profunda. A narrativa se inicia em um ambiente familiar, onde Max, vestido de lobo, exibe um comportamento travesso. Ele causa uma série de confusões e provocações que culminam em sua mãe chamando-o de "monstro", o qual a responde "– Olha que eu te como". Ofendido e furioso, Max é enviado para seu quarto sem jantar, um castigo que desencadeia sua fuga para o mundo da imaginação. Essa interação inicial ilustra um conflito significativo entre a criança e a figura de autoridade, um tema recorrente na vida infantil.

Assim que ele se retira para seu quarto, a magia do conto se desdobra: a cena transforma-se em uma floresta encantada, simbolizando a rica vida interior de Max e seu desejo de escapar da realidade. Ao navegar por esse novo mundo, ele se depara com monstros fascinantes, criaturas que, apesar de sua aparência ameaçadora, possuem uma humanidade cativante. As ilustrações de Sendak são fundamentais para essa transição, com detalhes vibrantes que dão vida a cada monstro. Eles são retratados como figuras grandes, peludas e expressivas, refletindo as emoções conflitantes que Max enfrenta, permitindo ao leitor sentir a tensão entre medo e curiosidade.

Ao chegar à terra dos monstros, Max rapidamente se torna o rei deles. Essa ascensão ao poder é um reflexo do desejo infantil de controle e autonomia. Os monstros, que inicialmente parecem brutais e assustadores, rapidamente se tornam súditos leais, seguindo suas ordens e se entregando a festas, celebrações e muita bagunça. Esta parte da narrativa sugere uma exploração da liberdade sem limites, o que é um desejo comum entre as crianças que anseiam por independência. Após esse momento de diversão com os monstros, Max ordena que eles parem com a bagunça, e os manda para a cama sem jantar. A diversão se transforma em solidão, a euforia inicial dá lugar a um sentimento de vazio e desencanto, em um momento de clareza ele percebe que apesar de seu título de rei dos monstros, sente a falta de estar em um lugar onde alguém gostasse dele de verdade, sentindo saudades de casa.

Max sente então, o cheiro de “coisa boa de comer”, e rapidamente desiste de ser o rei dos monstros, porém, os monstros gritaram para ele que ficasse ali com eles, pois gostavam dele, e que o comeriam. Nesse momento da história podemos imaginar que seria de forma literal, e que iriam devorá-lo, mas também podemos imaginar que o sentimento de raiva também poderia o devorar, e ao extravasar essa raiva, veio o sentimento de solidão e tristeza. Max grita que não, entra em seu barco que era só seu, e retorna ao mundo real dizendo adeus aos monstros.

Esse *insight* é fundamental, pois encapsula o dilema emocional que muitas crianças enfrentam: a busca por liberdade versus o desejo inato de pertencimento. A decisão de Max de retornar para casa marca um ponto de transformação na história, simbolizando a aceitação de suas emoções e a compreensão de que a aventura pode não ser tão gratificante quanto o conforto do lar real e o sentimento de pertencimento. Ao voltar para sua

realidade, saindo do mundo da imaginação, ele encontra seu jantar em uma mesa em seu quarto, ainda quentinho.

Maurice Sendak não apenas conta uma história, ele mergulha em temas profundos e universais que ressoam tanto com crianças quanto com adultos. A maneira como ele utiliza a ilustração para complementar a narrativa é uma das características que tornam *Onde Vivem os Monstros* uma obra atemporal e inesquecível. As ilustrações não servem apenas como meros adereços, elas capturam a essência emocional da história, transformando cada página em uma experiência visual rica e envolvente. O texto verbal durante toda a obra, é reduzido, deixando um espaço grande para as ilustrações, e em alguns momentos, não há complementação de texto verbal, deixando apenas o texto visual tomar conta e expressar toda sua capacidade de narrar, sem a necessidade de palavras.

O projeto gráfico do livro é visto como algo ousado, pois se trata de um livro infantil com figuras monstruosas, ilustradas de uma maneira agressiva, relatados no livro como monstros que "rugiram seus terríveis rugidos, arreganhavam seus terríveis dentes e reviravam seus terríveis olhos e mostraram suas terríveis garras", ilustrações essas que de certa forma, fogem do esperado para uma obra infantil, sendo o oposto do que se vê normalmente nesses livros, tanto para a época de lançamento, quanto para os dias de hoje.

A linguagem verbal Sendak é econômica, mas repleta de significado e sutilezas. Cada palavra é escolhida com precisão, permitindo que a imaginação do leitor preencha as lacunas e que as emoções de Max se tornem universais. Já a linguagem visual, foge totalmente de um modelo econômico, tendo em vista suas grandes ilustrações, figuras impactantes, cores chamativas, que entregam aos leitores uma obra repleta de sentimentos, fazendo um complemento de excelência entre o verbal e o visual.

O conflito inicial entre Max e sua mãe, seguido pela sua busca por liberdade, é uma representação clara e profunda dos desafios enfrentados por muitas crianças. O livro desafia a ideia convencional de que a infância deve ser sempre alegre e despreocupada, abordando a complexidade das emoções que frequentemente são subestimadas.

Além disso, a obra destaca a importância da fantasia como um mecanismo de enfrentamento, onde Max utiliza sua imaginação como uma forma de lidar com suas frustrações e desafios emocionais, um aspecto importante para o desenvolvimento saudável das crianças. Essa capacidade

de criar mundos paralelos é um recurso valioso que permite que elas explorem e compreendam suas emoções de maneira mais eficaz.

A obra está repleta de elementos psicológicos que se conectam à temáticas fraturantes e sensíveis. Max representa a luta interna de muitas crianças que enfrentam sentimentos complexos como raiva, tristeza e saudade. Os monstros simbolizam essas emoções, demonstrando que, embora possam parecer ameaçadoras, elas fazem parte da experiência humana. A jornada dele reflete a importância de confrontar e entender esses sentimentos, em vez de reprimi-los, um processo vital para o crescimento emocional. Sua habilidade de criar um mundo no qual pode ser rei ilustra o papel fundamental da imaginação na infância.

A busca de Max por um lugar onde se sinta aceito e amado reflete uma necessidade universal. Sua jornada para a terra dos monstros e o retorno para casa simbolizam a procura por identidade e pertencimento. A história sugere que, independentemente das aventuras que vivemos, o verdadeiro lar é onde encontramos amor e segurança, um tema profundamente conectado às experiências infantis.

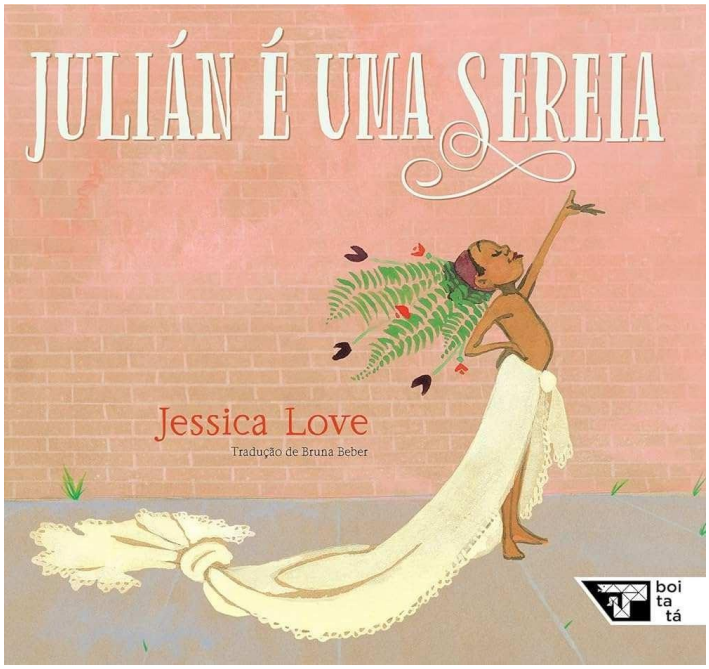
Por fim, a transformação de Max ao longo da história é um exemplo claro de crescimento emocional. Ele começa como uma criança que busca escapar das regras e da autoridade, mas, por meio de suas experiências, aprende sobre a importância do lar e das relações. Esse processo de amadurecimento é fundamental para o desenvolvimento emocional, mostrando que os desafios enfrentados podem levar a um maior entendimento de si mesmo e de seus sentimentos.

# Entre sereias e fantasias:
# realçando a diversidade e o empoderamento infantil

**Pedro Faccio Pelissa**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

LOVE, Jessica. *Julián é uma sereia*. Tradução Bruna Beber.
São Paulo: Boitatá, 2021.

Imagem 1: Capa da obra *Julián é uma sereia*.




Fonte: *Site* da Editora Boitatá

Jessica Love é atriz, escritora e ilustradora, cresceu no sul da Califórnia. Formou-se em gravura e ilustração pela Universidade da Califórnia e em teatro na Juilliard School, em Nova York. Seu livro de estreia, J*ulián é uma Sereia*, foi escrito e ilustrado por ela e recebeu mais de 20 prêmios (regionais e internacionais), como o da Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, em 2019, considerada a mais importante do segmento.

Na obra é retratada a história de um garoto que vive com a avó. Aos sábados de manhã, ele a acompanha nas aulas de natação. Certo dia, voltando de metrô após uma dessas aulas, Julián se depara com sereias andando pelas ruas, com cabelos grandes, volumosos e acessórios

vibrantes. Neste momento, segurando seu caderno, Julián começa a se imaginar como uma sereia, através de suas fantasias, se visualiza com uma grande cauda de peixes, polvos e arraias, enquanto seu cabelo alongado flutua sobre as águas. A ilustração em aquarela de Jéssica Love, nesse trecho, é essencial para conduzir o leitor à imaginação criativa e fantasiosa de Julián, trazendo os movimentos delicados das águas e de Julián se expressando de uma forma lúdica sem perder sua essência infantil.

Ao chegarem em casa, Julián com uma postura constrangida e olhar triste, revela para a avó que também era uma sereia. Após a declaração, ela vai para o banho, momento que permite a Julián explorar sua identidade colocando sua atividade imaginativa em prática. Então, ele pega o vaso de flor e coloca na cabeça, a cortina da sala acaba virando uma saia e consequentemente, Julián transforma-se em sereia. No entanto, ao escutar sua avó voltando, os movimentos rodados, sua expressão leve e feliz, se desfazem, ele fica acanhado, temendo uma possível reprovação. Para sua surpresa, sua cuidadora lhe entrega um colar de pérolas, na forma mais genuína de aprovação e acolhimento.

Juntos, eles saem pela cidade, Julián indaga a avó sobre o destino, mas isso é revelado ao chegarem em uma rua repleta de sereias, Julián experimenta um profundo encantamento e sensação de pertencimento. Sua avó, em tom de acolhida, afirma "Iguaizinhas a você, Julián". Os dois se juntam a um grupo vibrante de sereias e peixes, todos muito coloridos, com movimentos afetuosos e dançantes pelas ruas da cidade. O livro se encerra de forma similar ao seu início, com uma ilustração da aula de natação, desta vez mostrando que todas são sereias e independente de como Julián se sente sempre será amado e acolhido por quem o cerca.

A obra provoca no leitor reflexões sobre a importância da representatividade atualmente. A prática de se travestir está presente na sociedade desde a Grécia Antiga, quando mulheres eram proibidas de serem atrizes e os papéis femininos eram interpretados por homens. No entanto, a necessidade de se reconhecer em algo ou alguém ainda se faz presente atualmente. As ilustrações evidenciam o quanto Julián se percebeu pertencente não só ao grupo de sereias – que podemos interpretar como metáforas de *drag queens*, travestis ou corpos *queer* – mas no mundo, percebendo que essas fantasias e desejos não surgem apenas do seu interior, mas que existe um espaço acolhedor ao seu redor.

A presença de figuras travestidas tem grande relevância para afirmar a diversidade humana presente na sociedade contemporânea. Ao perceber sua

experiência refletida publicamente através das sereias, Julián valida suas vivências, se sentindo reconhecido e compreendido, podendo diminuir a exclusão, baixa autoestima e marginalização que é constantemente vivenciada por essa população. Além de que, a presença dessas pessoas em lugares de destaque contribui para a desmistificação de preconceitos e estereótipos, combatendo a desinformação e propagando uma maior compreensão a respeito da comunidade LGBTQIAP+.

Durante sua atividade imaginativa, no metrô como uma sereia, um peixe preto observa Julián. Esse olhar pode ser interpretado como o julgamento da sociedade, que frequentemente impõe suas frustrações sobre as crianças, restringindo-as de vivenciar sua infância de forma autêntica e determinando que exista categorias de brinquedos, roupas e acessórios específicos conforme o gênero imposto no nascimento.

Em um processo de autoaceitação, como o do personagem Julián, o acolhimento desempenha um papel crucial na autoestima e desenvolvimento pessoal. O descobrimento da identidade da pessoa e lugar no mundo, sofre grande influência social, cultural e emocional. Quando é oferecido um ambiente seguro para a criança, possibilitamos que ela se desenvolva na sua mais pura subjetividade, sem medo de julgamentos.

Dessa maneira, a obra desafia os leitores a refletirem sobre as barreiras e crenças que a sociedade impõe às crianças e de que forma essas limitações afetam o desenvolvimento pleno das crianças cuja identificação com características LGBTQIAP+ é acentuado. Também propõe aos leitores pensarem sobre a importância de um ambiente inclusivo, permitindo a autoexpressão genuína das crianças.

# A construção da identidade de gênero na infância

**Thácila Ascari Pereira de Mahtos**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

GALANTI, Daniela. *NinaNão*. Curitiba: Maralto, 2022.

Imagem 1: Capa da obra *NinaNão.*

Fonte: *Site* da Editora Maralto.

*NinaNão*, de Daniela Galanti apresenta a história de Nina, uma menina que se sentia diferente dos outros, especialmente no sentido feminino, pois no livro é enunciado alguns exemplos, como o fato de meninas gostarem de rosa, mas Nina não gostava. Nina via que sua mãe usava rosa, Nina ganhava roupas rosas, sua amiga gostava de rosa, mas Nina não. Nina também fazia Ballet, e parecia não se sentir pertencente aquele ambiente, como se ela estivesse esperando a hora de chegar em casa, para poder trocar de roupa e se sentir confortável, em vestir sua roupa azul e brincar da maneira que se sente melhor. Além disso, a obra destaca que Nina gosta de azul, mas que Raul preferia rosa.

Analisando o livro, pode-se perceber que, na verdade, não é sobre cores, e sim algo mais sensível que surge na infância, a construção da identidade de gênero e os papéis sociais. E dentre essa temática, é identificado um tema fraturante, do qual, é necessário abordar na infância, entretanto, às vezes de difícil inserção. Segundo Sayão, (2002) as crianças

apresentam, em diversos momentos, dúvidas, em relação a identidade de gênero e a sexualidade, porém, juntamente aos profissionais pedagogos, surge uma certa angústia ao abordar a temática, visto que, envolve as necessidades da criança, o que sua formação permite e como os pais reagem, diante dessas situações profundas.

Da mesma forma, com o livro, podem ser trabalhadas questões relacionadas aos papéis sociais, que estão vinculados ao gênero feminino e masculino. Como, pode-se notar, desde o nascimento de uma criança, são associados alguns elementos ao gênero, como, por exemplo, rosa ser uma cor que pertencente as meninas e azul, uma cor pertencente a meninos, sendo assim, durante a trajetória de vida dos indivíduos os papéis se estabelecem, com referência ao gênero, que cada um carrega (Filha, 2015).

O livro *NinaNão* é de extrema importância, surgindo como uma oportunidade de abordar um tema fraturante relativo às questões de gênero. Durante a trajetória de vida, cada indivíduo, irá se deparar com os papéis estereotipados, e nesse meio, surgem as possibilidades de aceitação, rejeição ou confrontamento (Filha, 2015). Sob o mesmo ponto de vista, na obra literária, a personagem Nina, usava rosa, visto que, era do gênero feminino, e culturalmente um elemento a representar o feminino, é a cor rosa, mas, nitidamente, se percebe o desconforto de Nina, pois, ela não se identificava com os elementos destinados ao seu próprio gênero.

Igualmente, no livro mostra que, Nina faz ballet, mas aparentemente, praticar essa dança, não a contentava, em cenas da obra, Nina aparece distante de suas colegas do ballet, com os ombros baixos com expressões semelhantes a uma mistura de tristeza e confusão, enquanto, suas colegas dançam sorrindo, parecendo estarem felizes, praticando, os passos da dança. Segundo Bicalho Chaiton Washington Cardoso (2013), a construção da identidade de gênero é constituída a partir de aspectos sociais, culturais, políticos e psicológicos, que se apresentam na sociedade de maneira a determinar regras, modos de agir, comportamentos a seguir, diferentes entre homens e mulheres.

Na história de Nina pode-se interpretar a prática do ballet como um exemplo de dança, *hobbie*, que é apresentado na infância às meninas, visto ser, algo que representa feminilidade, pois, se fosse sobre a história de um menino, provavelmente, seria introduzido a jogar futebol ou basquete. De maneira idêntica, Bicalho (2013), faz uma crítica a esses rótulos, pois, acabam sutilmente, reforçando estereótipos, desde a infância, influenciando

os indivíduos a seguirem, uma conduta, pré-estabelecida, por uma sociedade, limitada por papéis de gênero.

Ressalta-se que, para introduzirmos temas sensíveis como esse na infância, deve-se operar de modo diferente da abordagem tradicional comumente utilizada com adultos, pois, com crianças, é necessário iniciar, através de materiais lúdicos. Através do lúdico, surge a possibilidade do desenvolvimento e aprendizado, tanto em aspectos físicos como emocionais, proporcionando a diversidade, uma nova compreensão, no modo de agir, pensar e ser. (Bicalho, 2013).

**Referências**


BICALHO, Chaiton Washington Cardoso. Brincadeiras infantis e suas implicações na construção de identidades de gênero. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 23, n. 2, p. S41-S49, 2013. Disponível em: https://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.2013S007. Acesso em: 20 out 2024.

FILHA, Constantina Xavier. Sexualidade e identidade de gênero na infância. **Diversidade e Educação**, v. 3, n. 6, p. 14-21, 2015. Disponível em: https://furg.emnuvens.com.br/divedu/article/view/6375/4281. Acesso em: 20 de out 2024.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil. **Pensar a prática**, v. 5, p. 1-14, 2002. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/43/39. Acesso em: 13 out 2024.

# Do silêncio à expressão

**Valesca Mocelin Tomazelli**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

FREITAS, Tino. BELTRAME, Thais. *Leila*. Belo Horizonte: Abacatte, 2019.

Imagem 1: Capa da obra *Leila*.

Fonte: *Site* da Editora Abacatte.

Tino Freitas, escritor, jornalista, músico e contador de histórias, é amplamente reconhecido por sua contribuição à literatura infantil. Ao longo de sua trajetória, dedicou-se a projetos que incentivam a leitura em comunidades de baixa renda, utilizando seu talento como contador de histórias para engajar e inspirar crianças e adolescentes. Entre suas conquistas literárias, destacam-se prêmios importantes como o Prêmio Jabuti e o Prêmio Açorianos. *Leila* foi selecionado como um dos 30 Melhores Livros do Ano pela Revista CRESCER, em junho de 2020.

A obra em questão oferece uma leitura sensível e simbólica, apresentando um tema extremamente delicado e difícil de ser discutido e compreendido pelo seu público-alvo, o que evidencia a importância e utilidade do livro para a introdução do tema. A narrativa, rica em simbolismo

e emoção, oferece um espaço seguro para que crianças e adolescentes comecem a entender e discutir questões relacionadas à violência, ao silêncio e à busca por justiça.

As ilustrações de Thais Beltrame complementam o texto de forma profunda, levando o leitor a uma jornada emocional que oscila entre tensão e alívio. A narrativa visual é crucial para entender a história, já que as imagens também têm papel narrativo, criando uma experiência imersiva para o leitor.

O livro fala sobre problemáticas que permeiam a sociedade, denuncia o abuso sexual infantil, o silêncio imposto às vítimas e a luta pela voz e pela justiça. O livro revela, por meio da jornada de Leila, a realidade cruel enfrentada por muitas crianças, especialmente meninas, que se encontram em situações semelhantes, sendo frequentemente silenciadas pelo medo e pela falta de compreensão. No Brasil, o combate ao abuso sexual infantil é respaldado pela Lei nº 9.970, que institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Essa legislação visa promover a conscientização e a proteção dos direitos das crianças.

De acordo com os dados obtidos pela Fundação Abrinq, que é uma organização que tem como missão promover a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes, em 2022 das 62.091 notificações de violência sexual recebidas, mais de 45 mil tinham como vítimas pessoas com menos de 19 anos de idade, a proporção corresponde a 73,8%, ou seja, em média, a cada quatro casos de violência sexual no Brasil, em três a vítima é criança ou adolescente.

A obra vai muito além de uma simples história infantil. A sensibilidade e a forma como a literatura utiliza-se de narrativas comuns para evidenciar problemáticas sociais que prejudicam a saúde física e mental das crianças, é fundamental para o entendimento e a conscientização, tornando-se uma ferramenta para auxiliar as crianças a reconhecerem seu direito à segurança e ao respeito, bem como a importância de denunciar qualquer forma de violência.

A narrativa do livro se desenrola em um cenário marinho, onde Leila, uma jovem baleia, vive momentos de alegria e leveza. Certo dia, ela decide explorar as águas cristalinas, ansiosa por uma aventura. Durante sua jornada, encontra Barão, seu vizinho, que, apesar de não ter sido convidado, se oferece para acompanhá-la. O passeio, que deveria ser uma experiência alegre, rapidamente se transforma em algo perturbador. Durante a natação, Barão pede a Leila um beijo, um gesto que a deixa confusa. Ele também

ajusta seu biquíni e, de forma inesperada, corta os longos cabelos que ela tanto amava. O momento culmina em um pacto assustador: Barão insiste que o que ocorreu entre eles deve permanecer em segredo. Leila, jovem e ingênua, não compreende totalmente o significado disso, mas sente uma dor profunda e um desconforto inexplicável.

As consequências das ações de Barão são devastadoras, embora os traumas físicos possam ser visíveis, Leila carrega consigo uma dor invisível, que se aloja em sua mente e coração. Ela é consumida por uma mistura de medo, angústia e insegurança, sentimentos que a levam a se afundar nas profundezas do mar, sem forças para nadar. Alguns amigos, percebendo sua angústia, a ajudam a emergir, mas as memórias da experiência permanecem com ela, como sombras que a acompanham. Leila sente-se obrigada a silenciar o comportamento invasivo de Barão, o que apenas intensifica seu sofrimento.

O tempo passa e Leila encontra Barão novamente, o encontro provoca nela uma sensação estranha e desconfortável, que ela não havia sentido até então. Leila percebe que a maturidade e o conhecimento que adquiriu ao longo do tempo lhe conferem uma nova voz e coragem. Com determinação, decide que é hora de expressar o que sempre quis dizer.

Ao finalmente compartilhar sua história, Leila fala abertamente sobre os momentos terríveis que viveu com Barão, revelando o silêncio que a aprisionou por tanto tempo. Encontrar sua voz é um ato de libertação, que não apenas a ajuda a superar a angústia e o sofrimento guardados, mas também a permite entender o peso que o silêncio pode carregar. Leila reconhece que as palavras têm o poder de curar.

Essa nova postura não só a liberta pessoalmente, mas também possibilita que a justiça seja feita. Ao expor a verdade, ela garante que Barão enfrente as consequências de suas ações, garantindo que ele não possa mais prejudicá-la ou a outros. Agora, livre das angústias e medos que a assombravam, Leila sente-se pronta para nadar novamente, segura e confiante, disposta a explorar o mundo sem as correntes do passado. A sua jornada, marcada por dor e superação, se transforma em um testemunho da força que reside na capacidade de falar e buscar justiça.

A relação de Leila com o mar onde a história se desenrola, representa sua jornada emocional, de submersão em sentimento de impotência até o momento em que ela emerge, mais forte e confiante. O uso de uma narrativa acessível e envolvente permite que o tema seja apresentado de maneira adequada ao público infantil, proporcionando um espaço para reflexões

importantes sobre limites, respeito e consentimento. A abordagem do tema no contexto da literatura infantil é fundamental para desmistificar o assunto e preparar as crianças para reconhecerem situações de abuso.

A narrativa pode servir como uma ferramenta terapêutica, auxiliando psicólogos e educadores a abordarem o tema do abuso sexual em sessões de terapia ou em sala de aula, pode ser utilizada em círculos familiares e escolares para a conscientização do tema bem como sobre os limites e o respeito ao corpo. Ao criar um espaço para que crianças falem sobre suas experiências, o livro promove a cura e a resiliência, permitindo que elas se sintam mais seguras em expressar seus sentimentos.

O livro não apenas educa, mas também empodera as crianças, ajudando-as a entender seus direitos e a importância de falar sobre suas experiências. É uma leitura necessária, que pode fazer a diferença na vida de muitos jovens, incentivando a conscientização e a luta por um mundo mais seguro e justo.

# Chorar: uma expressão multiemocional

**Vanessa Maria Balestrin**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

PINTADERA, Fran. *Por que choramos?* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

Imagem 1: Capa da obra *Por que Choramos?*

Fonte: *Site* da Editora WMF Martins Fontes.

O livro *Por que Choramos?* foi escrito no ano de 2018 por Fran Pintadera, nascido em Las Palmas, de Gran Canaria. O autor formado em Psicopedagogia e Educação Social, possui uma vasta experiência em diferentes gêneros literários, incluindo poesia, contos e romance. Além de sua produção autoral, dedica-se à arte de narrar histórias, levando sua voz e a de outros autores para diversos públicos, como crianças, jovens e adultos.

O livro inicia quando um menino questiona sua mãe em um banco ao ar livre sobre "por que choramos?". Nas páginas seguintes a mãe dá várias respostas para a sua pergunta. Ela começa dizendo-lhe que em alguns momentos a tristeza precisa sair do corpo, ilustrada pelos pássaros que voam das tranças de uma menina carregando parte dela para outro lugar. Esses mesmos pássaros podem estar sob uma nuvem escura, uma tempestade que representa a raiva descarregada para voltar à estabilidade,

isto é, a cor normal da nuvem. Mas o choro também pode ser inexplicável como se estivéssemos no meio de uma floresta escura com apenas uma lanterna em busca de respostas para descobrir o motivo das lágrimas, até então desconhecido.

Em alguns momentos o choro pode ser pelo sentimento de estar sozinho e desamparado. Mas além disso, a mãe mostra ao seu filho que chorar representa crescimento. Quando fala que chorar nos ajuda a crescer, as ilustrações do livro evidenciam que as lágrimas são como a água que rega as plantas e as faz florescer, por mais que não enxergamos isso por estar de olhos fechados naquele instante. Com isso, nota-se como o processo de amadurecimento envolve um despertar após situações desconfortáveis de lidar.

Ao mencionar que o choro acontece quando gritar é insuficiente, as ilustrações apresentam a agonia e a angústia de ter infinitas vozes querendo extravasar o sentimento de indignação, arrependimento ou decepção, por exemplo. Não obstante, revela que há pessoas que guardam segredos a sete chaves, mas que as lágrimas exprimem o que esconderam. Na Psicologia isso é chamado de somatização, um fenômeno que ocorre ao não processar ou expressar tensões emocionais adequadamente, o que faz com que emoções intensas sejam manifestadas por meio de sintomas físicos, a fim de aliviar a tensão interna.

Há duas páginas do livro em que a menina se encontra boiando em um rio de lágrimas, simbolizando como podemos ficar mergulhados nessa emoção em um estado de anedonia, isto é, a incapacidade de sentir prazer em atividades que antes eram consideradas agradáveis. O mesmo pode estar relacionado frequentemente com condições de saúde mental, como a depressão, os transtornos de ansiedade, o transtorno bipolar, a esquizofrenia, o uso prolongado de drogas ou álcool e até mesmo certas condições médicas. Do mesmo modo, outro trecho mostra a menina sentada sobre um armário com o rio abaixo dela, sinalizando que as lágrimas podem nos prender e deixar sem saída se não tiver perspectivas, modos de enfrentamento mais ajustados ou até mesmo uma rede de apoio.

Mais de uma vez, o autor reforça a questão da tempestade que pode ser associada aos problemas cotidianos que precisam ser encerrados e superados para depois aproveitar a calmaria. Ademais, o livro ressalta que as lágrimas são uma forma de comunicação não-verbal de entendimento comum, pois a menina e um porco-espinho mostram uma folha com uma lágrima desenhada um para o outro, já que as lágrimas são uma linguagem

universal. Outra mensagem relevante que o livro transmite é que ter vontade de chorar é fundamental para que isso aconteça.

Por fim, o filho pergunta à sua mãe por que ela está chorando, ao passo que ela responde que também pode-se chorar de felicidade. Assim, a obra encerra com a mãe e o filho pulando felizes em uma poça de água em alusão as suas lágrimas. Logo, a obra evidencia que chorar não tem uma única fonte, é um fenômeno multifatorial que pode exprimir para além da tristeza, a comoção, a saudade, a alegria, a raiva, dentre outras emoções e sensações mencionadas.

Vale ressaltar que há um forte preconceito sobre algumas formas de expressão e o choro é uma delas. Em algumas circunstâncias, a pessoa que está chorando é extremamente julgada e invalidada e pode se bloquear a sentir e exprimir pelo medo de ser ridicularizada. Nesse sentido, na medida em que o indivíduo se sente aceito ele pode vivenciar o que quer que seja e passar por aquilo de uma forma que a emoção não retorne mais tarde em momentos inoportunos de sua vida.

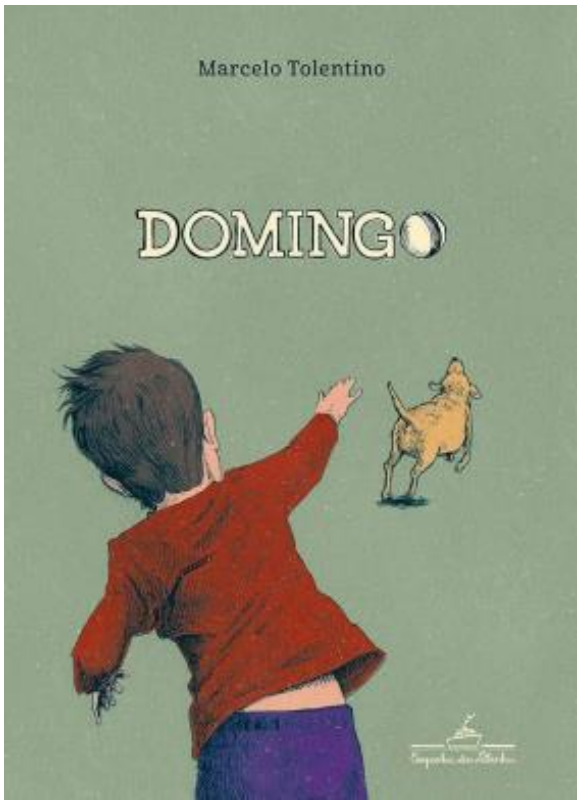
As ilustrações ao longo do livro expressam como pode ser a experiência do choro para diferentes pessoas e contextos. Elas instigam o leitor a ampliar sua visão acerca do que pode acompanhar o choro e é justamente nessa diversidade que se pode refletir sobre como nossa visão de mundo é envolvida pela emoção, de sentir-se como uma pessoa perdida no meio de uma floresta escura com monstros assustadores lhe rondando, quando na verdade os monstros são muitas vezes criados por nós mesmos. Portanto, antes de criticar a emoção ou a expressão interna ou externa, convém analisar e questionar, como o menino fez para a sua mãe: “por que choramos”?

# O domingo que Martim queria dar a volta ao mundo (mas ninguém pode ir com ele)

**Vanessa Motter**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

TOLENTINO, Marcelo. *Domingo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

Imagem 1: Capa da obra *Domingo.*




Fonte: *Site* da Editora Companhia das Letrinhas.

Em um domingo, na casa de Martim, tudo parecia igual: o cheiro do almoço sendo preparado por seus pais, a televisão ligada e seu avô prestando atenção nela, a vovó se arrumando para ir ao baile, tudo igual toda semana. Os sons passavam por ele como vento, e mesmo com tanta gente por perto, algo faltava para ele.

Martim queria ser notado, queria atenção de sua família, mas não havia olhos para ele. Então, num silêncio feito de chamar e não ser ouvido, ele partiu. Esse é o início do livro Domingo, de Marcelo Tolentino, obra que

se destaca pela capacidade de retratar, com sensibilidade e profundidade, o que acontece quando uma criança sente que não está sendo escutada pelos demais que estão perto dela. A narrativa apresenta a solidão como um sentimento existente, mas doloroso.

Martim parte com Fubá, seu cachorro fiel. Não leva mala, nem avisa ninguém porque para onde ele vai, só se chega com imaginação. Atravessam desertos, enfrentam monstros, escalam montanhas e navegam por mares cheios de piratas. Ali, Martim pode ser o que não consegue ser em casa: ouvido, notado, herói. A fantasia, nesse contexto, não é fuga e sim abrigo. É uma linguagem simbólica de resistência. Martim imagina porque precisa existir, porque precisa ser visto, mesmo que em outro lugar que não foi no lar com sua família.

O livro Domingo não é uma história sobre uma criança triste, é uma história sobre o que sentimos quando deixamos de ser notados. E isso pode acontecer com qualquer pessoa, em qualquer casa, em qualquer domingo. O valor da obra está no espaço que abre para a experiência: o de reconhecer, nas entrelinhas, algo que talvez a criança já tenha sentido, mas nunca soube nomear. Ela permite que o pequeno leitor se veja, sem precisar explicar ou justificar o que sente.

Embora seja voltado às crianças, o livro Domingo também agrega muito aos adultos. Pais, mães, prestigiadores da leitura são convidados a enxergar para além do que vemos, entrar aos poucos para um tema que merece profundidade. Fica evidente na leitura que presença física não é sinônimo de presença afetiva. A leitura compartilhada pode abrir espaço para conversas sinceras, para olhares mais atentos, para a presença afetiva necessária e para a escuta real do mundo interno das crianças. No domingo de Martim, o cuidado é silencioso e ele não consegue percebê-lo. A casa está cheia, mas ele segue invisível. Essa ausência fantasiada é uma das experiências mais delicadas e dolorosas da infância nos tempos atuais. Em uma época de hiper conexão digital e jornadas aceleradas, muitas crianças vivem em ambientes aparentemente funcionais, mas emocionalmente desertos.

O livro toca exatamente nesse ponto: a sensação de ser ignorado mesmo estando cercado de pessoas. Ele dá forma e cor a uma dor que nem sempre encontra palavras para serem expressas por uma criança que não conhece o que está sentindo e como verbalizar isso. Contemplada uma vertente da literatura infantil que compreende narrativa como arte, e não como ferramenta educativa, nem como remédio. Essa literatura confia na

inteligência emocional das crianças e entende que temas sensíveis não devem ser evitados, mas abordados com cuidado e resiliência.

Martim imaginou e ao imaginar, resistiu à indiferença das pessoas que lhe rodeavam. Criou mundos, voltou cheio de histórias, e no final talvez tenha encontrado alguém disposto a ouvi-lo. Esse é o complemento final da obra: o reconhecimento da palavra, da narrativa, do olhar e de perceber o significado de ser presente. Domingo é um livro que acolhe, provoca e permeia diversas reflexões sobre o universo presente em uma criança. Para a criança que já se sentiu invisível, Domingo oferece companhia. Para o adulto que quer compreender o seu papel, oferece conhecimento.

# Aquele lugar

**Victor Hugo Della Latta**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

RAMPAZO, Alexandre. *Silêncio*. São Paulo: FT&D, 2014.

Imagem 1: Capa da obra *Silêncio*.

Fonte: *Site* da Editora Rocquinho Digital.

Alexandre Rampazo é um escritor, ilustrador e designer gráfico do Brasil, reconhecido pela delicadeza e profundidade com que trata de assuntos existenciais e emocionais, mesmo no contexto da literatura infantil. Rampazo já fez ilustrações para vários livros, tanto seus quanto de outros escritores, e ganhou destaque no cenário literário com trabalhos que incentivam a reflexão e a conversa sobre temas subjetivos e do dia a dia.

A sua carreira como ilustrador tem um efeito notável em suas narrativas visuais, nas quais texto e imagem se unem para formar significados. Rampazo, graduado em Design Gráfico, emprega sua experiência em artes visuais para criar histórias que atingem tanto o coração quanto a mente dos leitores. Além de Silêncio, o escritor tem outras obras igualmente poéticas, como *A cor de Coraline* e *Enquanto você não chega*, todas caracterizadas por uma perspectiva delicada e minimalista.

Em *Silêncio*, Rampazo emprega uma estética simples, mas refinada, explorando a habilidade do silêncio de transmitir mensagens de forma mais impactante do que a sobrecarga de palavras. As suas ilustrações, com traços limpos e cores suaves, criam um ambiente que estimula o leitor a observar e sentir o texto, ao invés de simplesmente lê-lo. Portanto, o escritor se sobressai pela maneira como harmoniza a simplicidade do idioma com a profundidade da mensagem.

No livro, o enredo gira em torno de um conceito central: o silêncio como um local essencial para a reflexão e o autoconhecimento. A narrativa é simples, porém seu efeito é pode reverberar significativo no leitor. O enredo não se baseia em uma estrutura convencional com personagens, conflitos e reviravoltas, mas é construído através de uma constante reflexão sobre o significado do silêncio em um mundo inundado de ruído. O narrador, que pode ser visto como a voz interior de cada leitor, instiga a refletir sobre os instantes de silêncio, seja na pausa entre as palavras, na tranquilidade da natureza ou na falta de estímulos tecnológicos.

Rampazo utiliza ilustrações para destacar os pontos principais do texto. Frequentemente, as imagens são quase vazias, com espaços em branco que parecem espelhar o tema do silêncio, transmitindo uma sensação de serenidade e silêncio. Este vazio visual não é meramente uma ausência, mas uma presença notável que realça a força da narrativa. O livro encoraja o leitor a ver o silêncio como uma oportunidade para escutar seu próprio universo interior e prestar mais atenção ao que acontece ao seu redor.

O livro utiliza uma linguagem direta, compreensível e poética, possibilitando que leitores de diversas idades se identifiquem com a mensagem. O texto proporciona às crianças uma perspectiva positiva sobre o silêncio, em contraste com o habitual desconforto ou incômodo que muitos podem experimentar diante da falta de som. Para os adultos, o livro pode servir como um lembrete da relevância de preservar momentos de paz em meio à agitação e ao ruído da vida contemporânea.

O livro *Silêncio* aborda uma variedade de tópicos psicológicos que podem ser interpretados e analisados de diversas formas. A conexão psicológica mais evidente está na abordagem da introspecção. Em um mundo inundado de informações, estímulos visuais e sonoros, o silêncio é comumente associado à falta ou ao vazio. Rampazo, no entanto, contesta essa concepção, propondo que o silêncio é, na realidade, um local essencial para o autoconhecimento. Psicologicamente, a introspecção é essencial para o controle emocional, e o silêncio favorece essa introspecção ao estabelecer um ambiente propício para a reflexão. Ao serem incentivados a refletir e diminuir o ritmo, crianças e adultos podem aprimorar competências de autopercepção e processamento emocional.

Um outro aspecto psicológico significativo é a noção de escuta ativa. O livro propõe que o silêncio vai além da simples falta de som, sendo um estado de profunda concentração. Isso nos leva aos princípios da psicologia da comunicação, onde a escuta ativa não se limita a escutar o que os outros dizem, mas também a prestar atenção ao que não está sendo dito, seja através de gestos, expressões faciais ou até mesmo no "silêncio" das palavras não pronunciadas. Para as crianças, isso pode simbolizar uma chance de aprimorar a capacidade de perceber seus próprios sentimentos e os sentimentos alheios.

*Silêncio* também aborda uma questão emocional que pode ser caracterizada como regulação emocional. Frequentemente, é preciso silêncio para processar emoções fortes, como a tristeza, a ira ou a frustração. Na falta de silêncio, tais sentimentos podem ser reprimidos ou manifestados de forma disfuncional. O livro propõe uma reflexão, mesmo que de forma implícita, sobre como a sociedade contemporânea, ao evitar o silêncio, pode estar também evitando momentos vitais de enfrentamento emocional e autocuidado.

Finalmente, existe uma delicadeza na abordagem de Rampazo ao tema do silêncio que pode ser interpretada como uma metáfora para o acolhimento. A falta de palavras ou ruídos no livro não é percebida como algo negativo, mas sim como um ambiente acolhedor para o leitor, onde ele pode se descobrir e se reconectar consigo mesmo. Em uma sociedade crescentemente ansiosa e hiperativa, Silêncio proporciona um alívio, uma oportunidade de voltar ao essencial, algo que, tanto crianças, quanto adultos, podem apreciar intensamente.

# Se os tubarões fossem homens: o triunfo da lei do mais forte

**Victória Laura Ferla**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

BRECHT, Bertold. *Se os tubarões fossem homens*. Tradução Christine Rohrig. Ilustrações Nelson Cruz. Curitiba: Olho de Vidro, 2018.

Imagem 1: Capa da obra *Se os Tubarões Fossem Homens.*

Fonte: *Site* da Editora Olho de Vidro.

Bertolt Brecht, autor da obra em questão, foi um dramaturgo, poeta e teórico do teatro alemão. Seu trabalho denota um forte compromisso político, por trás da beleza poética de suas obras. Servindo dessa forma, como uma ferramenta de conscientização social e crítica às injustiças do capitalismo e de outras formas opressoras. No livro *Se os tubarões fossem homens* tal crítica é evidente e nos leva à reflexão de uma forma perspicaz, sobre diversos temas sociais e impactantes e até mesmo sobre a existência humana como um todo.

A história inicia narrando uma conversa entre o personagem senhor K. e a filha pequena da dona da hospedaria, que o questiona sobre como seria o mundo, se os homens fossem tubarões, indagando se poderiam tratar os peixes com mais gentileza e o senhor K. lhe responde afirmativamente. Assim, a partir de uma metáfora provocante, que nos instiga a descobrir mais sobre a história e refletir sobre as realidades sociais, adentramos no "mundo dos tubarões", carregado de críticas às estruturas de poder e opressão presentes na sociedade.

Ao longo da narrativa, observamos que se os homens fossem tubarões, a sociedade seria estruturada de forma contraditória e opressiva. Contrastante, uma vez que os peixinhos seriam bem cuidados e alimentados com diferentes tipos de alimentos, porém, esse cuidado é apenas mantido para que os peixes vivam em prol dos tubarões. Haveria criação de escolas para que o ensinamento disseminado fosse de que o propósito da existência é o sacrifício pelos tubarões e a religião somente reforçaria essa crença. Ademais, os peixes seriam vigiados para que não questionassem essa posição de submissão, a fim de manter a ordem social e a centralização de poder com os tubarões.

A metáfora nos faz refletir sobre a instauração desta estrutura hierárquica que carrega consigo a justificativa do uso de educação, religião, até mesmo repressão de expressão e demais formas de controle para garantir a alimentação e poder dos grandes. Acaba por ocorrer uma internalização de normas, que moldam o comportamento dos indivíduos, no caso, dos peixinhos. Exploramos a forma com que estes são ensinados a acatar determinadas regras, comportamentos e crenças, sem a liberdade de questioná-las. Os peixes aprendem a ver seu sacrifício como necessário e correto, da mesma maneira que ocorre em sociedades opressoras, contidas pelo poder político, por forças maiores.

O conto pode ser relacionado aos experimentos clássicos sobre obediência e conformidade, de Milgram e Asch, respectivamente. Os estudos mostram a tendência das pessoas em obedecer a figuras de autoridade e conformar-se às normas impostas socialmente, mesmo quando lhes parece injusto ou prejudicial (Cruz, 2004). No caso dos peixes, observamos que são obedientes e vivem em conformidade com aquilo pronunciado pelos tubarões, que funcionam como figuras de respeito e autoridade.

Outra forma de controle notória é a criação e divisão social por meio de hierarquias. A narrativa traz a ideia de que os peixes teriam cargos diferentes, colocando-os acima, ou abaixo, uns dos outros, de acordo com

a posição que ocupam. E ainda, os peixes maiores poderiam até comer os menores, a fim de agradar os tubarões, que por sua vez, teriam mais alimentos para si.

O conto de Brecht, embora repleto de apontamentos sarcásticos, alude sobre a importância da conscientização e resistência diante de estruturas repressoras. Ao final da obra, infere que haveria apenas uma civilização no mar se os tubarões fossem homens e observamos uma ilustração de peixinhos livres e coloridos, a nadar. Com relação às ilustrações do livro, de modo geral, nota-se que contribuem fortemente para a compreensão da história e das críticas por detrás, são representações visuais metafóricas que acompanham a narrativa fielmente.

Os tubarões são representados como alegorias de poder, são claramente as figuras de autoridade, potência e opressão. Predadores temidos, símbolos de controle sobre os mais fracos e do triunfo da "lei do mais forte". Apresentam-se com imagens impactantes representando a exploração sistemática em que vivem os peixinhos. E estes, por sua vez, simbolizam a submissão. Os peixes são pequenos, sem muitos adereços visuais, mas carregados de interpretações contextuais subjetivas. Podem ser associados à ideia de subordinação e vulnerabilidade dos grupos oprimidos e por vezes, aparecem organizados em cardumes, nadando organizadamente, sendo conduzidos por meio da educação, religião e demais estratégias para obedecer e aceitar a imposição dos tubarões. Bem como, ceder à posição de inferioridade a eles atribuída, sem que haja questionamentos.

Brecht menciona que haveria escolas para que os peixes pudessem frequentar, a fim de aprender a nadar para dentro da boca dos tubarões, fato que pode ser compreendido como o aprendizado à subordinação e aceitação. Em várias imagens observamos os peixinhos enjaulados, engavetados, presos à situação imposta pelos detentores do poder e sendo constantemente vigiados. São ilustrações que trazem à tona, ainda mais, a ideia de uma sociedade controlada e ordenada para servir ao sistema.

Bem como, há menções do uso da religião como ferramenta doutrinária e controladora. Observamos um tubarão representado como uma espécie de líder religioso, utilizando adereços em sua vestimenta e carregando um livro, que pode ser interpretado como sendo "sagrado" para eles, considerando que outros tubarões também o possuem. Em contrapartida, os peixinhos são representados como seguidores, obedientes e fiéis àquilo que lhes é pregado. É um destaque à manipulação ideológica e repressora que o autor critica em sua obra.

O autor explora o conceito de poder, como sendo uma força coercitiva e reguladora, que manipula o comportamento dos peixinhos, através de discursos, imposições e normas sociais. No livro, os tubarões fomentam uma espécie de "sistema educacional" que se manifesta a moldar o comportamento e até mesmo os valores e crenças dos peixes. E estes, acabam por internalizar as regras e seguir com aquilo que é aprendido, compreendemos dessa forma, a profundidade com que o poder se enraíza em meio social, criando sujeitos que se autodisciplinam e reproduzem comportamentos de acordo com as estruturas de dominação.

Em suma, é evidente que os elementos visuais contribuem para a disseminação das críticas e para a compreensão da mensagem de Brecht, tornando mais claras suas ideias sobre as relações de dominação e aceitação passiva das massas. Há a possibilidade de visualizar a essência da exploração que o autor deseja expor, evidenciando como as imagens podem comunicar tão fortemente quanto o texto. Além de oportunizar uma reflexão psicológica sobre a influência que as forças de poder detêm sobre o comportamento dos indivíduos.

Com esta sua obra, Brecht instiga a psicologia social através de reflexões sobre a sociedade e manipulação de grupos, com enfoque principal sobre conscientização. No caso em questão, a história vem para nos trazer à consciência uma análise profunda sobre relações de poder, atreladas à política e modelos governamentais. O autor promove uma desconstrução das ideologias dominantes mediante a arte e contemplação, destacando a capacidade de mudança social que existe por meio da literatura.

## Referências


CRUZ, André Ribeiro da. Da obediência ao consentimento: reflexões sobre o experimento de Milgram à luz das instituições modernas. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 459–488, set./dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/PWkPLyXbvd7TTYHq5MqNg8c/. Acesso em: 12 out. 2024.

LEITE, Leonardo da Cruz; MANGOLIN, Felipe Pinho; BARBOSA, Camila Mieko Hirata; OLIVEIRA, José Antônio Puppim de. Liderança e inovação sustentável no setor público: uma análise de iniciativas no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 55, n. 4, p. 745–772, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rap/a/r3mTrDmrWdBYKZC8CnwDDtq/?lang=pt. Acesso em: 12 out. 2024.

# Entre penas e tulipas

**Vitor Remos Giachini**
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI)

ERLBRUCH, Wolf. *O pato, a morte e a tulipa*. Tradução Tânia de Araújo.
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

Imagem 1: Capa da obra *O pato, a morte e a tulipa.*

Fonte: *Site* da Editora Companhia das Letrinhas.

O pato, a morte e a tulipa, escrito e ilustrado por Wolf Erlbruch, é um livro sensível e poético que trata de um tema profundo e universal: a morte. Publicado em 2009, a obra explora o fim da vida de uma maneira acessível tanto para crianças quanto para adultos. Com sua linguagem simples e suas ilustrações minimalistas, Erlbruch convida o leitor a refletir sobre a morte sem medo ou angústia, mas com uma aceitação tranquila e filosófica.

Wolf Erlbruch nasceu em 1948, na cidade de Wuppertal, na Alemanha. Após estudar design gráfico na Universidade de Wuppertal, Erlbruch trabalhou como ilustrador em revistas e publicidade, desenvolvendo um estilo visual

único que o tornaria famoso. Ele começou a trabalhar com literatura infantil nos anos 1980, e rapidamente se destacou por abordar temas filosóficos e existenciais com leveza e sensibilidade. Em 2006, recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, um dos mais prestigiados prêmios da literatura infantil, e em 2017 foi premiado com o Prêmio Astrid Lindgren Memorial, o maior reconhecimento mundial na área. Suas obras costumam explorar questões complexas, como o sentido da vida, a morte e a existência, sempre com um toque poético e reflexivo.

A história de *O pato, a morte e a tulipa* começa quando um pato se dá conta de que está sendo seguido pela morte. Inicialmente assustado, o pato questiona a razão de sua presença. Ao longo da narrativa, no entanto, ela revela-se uma figura calma e até simpática, guiando o pato a entender que está ao seu lado por um motivo natural, isto é, seu tempo está terminando neste plano.

Conforme passam mais tempo juntos, o pato e a morte desenvolvem uma espécie de amizade. Eles conversam sobre a vida e sobre o que pode vir depois dela, criando um espaço de diálogo sereno e filosófico. Ao final da história, o pato aceita seu destino com tranquilidade. A morte o leva até um rio e coloca uma tulipa sobre ele em sinal de despedida, representando o fim de sua jornada de forma suave e respeitosa. A tulipa é um símbolo central no livro, refletindo a transitoriedade e a beleza efêmera da vida.

Do ponto de vista psicológico, *O pato, a morte e a tulipa* toca em temas fundamentais e universais, como a aceitação da mortalidade e o medo do desconhecido. A obra pode ser vista como uma metáfora para o processo de luto, tanto no que diz respeito à perda de outras pessoas quanto à aceitação da finitude vida, quando ela se apresenta mais próxima. Inicialmente, o pato reage à morte com desconfiança e temor, uma representação natural do medo que muitos de nós sentimos ao confrontar a ideia da morte. No entanto, à medida que a história avança, o pato começa a se familiarizar com a presença da morte, aprendendo a aceitá-la como uma parte inevitável da existência.

A forma como a finitude da vida é retratada no livro é fundamental, pois, apesar de usar a imagística da caveira, comumente associada a ela, não aparece como uma figura sombria e ameaçadora, mas como uma companheira gentil. Essa abordagem pode ser reconfortante para crianças que estão começando a lidar com o conceito de finitude humana, ou até mesmo para adultos que buscam uma maneira mais leve de pensar sobre o tema.

Além disso, a narrativa explora conceitos como o ciclo da vida, a fragilidade da existência e a serenidade que pode surgir com a aceitação desses fatos. As ilustrações minimalistas de Erlbruch dialogam com a simplicidade da narrativa, oferecendo uma experiência visual que convida à reflexão.

*O pato, a morte e a tulipa* é uma obra filosófica, mas apresentada de maneira acessível aos leitores de menor idade. Ao tratar a morte de forma natural e sem tabus, Wolf Erlbruch proporciona uma leitura que é ao mesmo tempo reconfortante e reflexiva. O livro oferece uma oportunidade rara de discutir um tema muitas vezes evitado, e suas ilustrações, junto com a narrativa delicada, fazem com que essa reflexão seja ainda mais tocante. É uma leitura que nos lembra que, embora a morte faça parte da vida, ela pode ser enfrentada com paz e aceitação.

# A Literatura como Recurso Expressivo na Psicoterapia

URI
ERECHIM

CURSO DE PSICOLOGIA